

Nove partidos podem ficar de fora das eleições 2022

Ausência de prestação de contas junto ao TRE deve barrar legendas no pleito do próximo ano, na Paraíba. [Página 13](#)



Foto: Damião Lucena/Divulgação

Cemitério revela as marcas da varíola em Patos

Doença era tão temida no início do século passado que suas vítimas, os bexiguentos, precisavam ser enterradas em espaços separados para prevenir contaminação. [Página 25](#)

Colunas

// Temos a clareza de que não existe ação ou programa mais eficiente em defesa da cidadania do que acabar com a fome da população. [Página 2](#)

João Azevêdo Lins Filho

// O conteúdo deixado por Walter Galvão vai além de nós, além do óbito, do meu estômago tão ácido, de quem já não aguenta mais ver desaparecer os homens da minha vida. [Página 10](#)

Kubitschek Pinheiro

// Estamos vivendo mais e precisamos estar preparados para isso. Não apenas em relação a políticas públicas, mas também na forma como as pessoas idosas são tratadas pela sociedade. [Página 26](#)

Angélica Lúcio

Paraíba

Foto: Divulgação/Seap-PB



Ressocialização Através de laboratórios, bibliotecas e fábricas, projetos levam cidadania à população privada de liberdade. [Página 7](#)

Paraíba

GIRO NOS MUNICÍPIOS

Foto: Divulgação



Marcação Município paraibano é o único do país governado por uma mulher indígena. [Página 8](#)

Entrevista

Foto: Roberto Guedes



Retomada Com avanço da vacinação, turismo pode ter expansão de 50% este ano, diz presidente da PBTur. [Página 4](#)

Cultura

Fuba prepara nova versão de livro sobre João Pessoa

Autor planeja lançar uma edição revista e ampliada de 'Parahyba 1930 - A Verdade Omitida'. [Página 9](#)

Economia

Tecnologia abre espaço para novas profissões na Paraíba

UFPB tem curso pioneiro na área, cuja constante inovação estimula o surgimento de especialistas. [Página 18](#)

Diversidade



Empresa deve compensar por impacto ambiental

Conheça o mecanismo legal que ajuda a minimizar os danos causados à natureza por empreendimentos. [Página 20](#)

Esportes

Jucilene Sales segue passos da irmã e representa a PB em Tóquio

Natural de Taperoá e irmã da corredora Jailma Lima, ela conta como superou a distância da família e as lesões para conquistar o sonho de disputar uma Olimpíada. [Página 21](#)



Foto: Reprodução/Instagram

VACINA NO BRAÇO E ESPERANÇA NO PEITO.



Editorial

Investimentos em CG

Campina Grande é considerada um dos maiores polos industriais do Nordeste. Com mais de 400 mil habitantes, o município é, também, um importante centro universitário, contando com diversas universidades e faculdades. E também é a cidade com, proporcionalmente, o maior número de doutores do Brasil, um para cada 590 habitantes, seis vezes a média nacional. Além de ensino superior, o município é destaque também em centros de capacitação para o nível médio e técnico. Também possui o segundo maior PIB entre os municípios paraibanos.

Só isso já bastaria para a cidade ser valorizada com o lugar que merece na história política, geográfica, econômica e social da Paraíba. Não é à toa que o governador João Azevêdo vem discutindo parcerias com o setor produtivo em Campina Grande. Esta semana, ele realizou uma série de visitas e reuniões com representantes do setor produtivo, ocasião em que discutiu parcerias e apresentou ações do governo para fomentar a economia e a geração de emprego e renda.

Na Associação Comercial de Campina Grande, o governador expôs, aos representantes do setor econômico, o que será realizado para a construção do Centro de Convenções do município, no qual serão injetados R\$ 120 milhões, sendo R\$ 72 milhões oriundos do tesouro estadual. "O equipamento foi aprovado, recentemente, pela Caixa Econômica e na próxima semana estaremos recebendo a autorização para licitar a obra, que será um marco extraordinário para o segmento de eventos de Campina Grande, que já tem um grande potencial", esclareceu João Azevêdo.

A instalação de um Centro de Convenções é essencial para o desenvolvimento de uma cidade. Um empreendimento desse porte provoca a realização de grandes eventos, condizentes com a envergadura de Campina Grande no cenário econômico nacional. Não custa lembrar que vários governos anunciaram a construção do Centro de Convenções, mas só agora o empreendimento começa a se viabilizar de forma concreta.

Mas não é apenas o Centro de Convenções. O governo tem olhado por Campina Grande da forma que a cidade merece. Estão aí as ações desenvolvidas pelo Estado para ajudar as pessoas em situação de vulnerabilidade social e os pequenos e médios empreendedores durante a pandemia, bem como o pacote de obras de infraestrutura viária para impulsionar o desenvolvimento de diversas regiões da Paraíba. Tem mais? Sim. Tem, porque Campina Grande sempre merece mais!

Artigo

João Azevêdo Lins Filho
Governador da Paraíba

Combate à fome é prioridade

Se há dois anos os indicadores nacionais de miséria e de fome já eram extremamente graves, a pandemia veio para torná-los ainda mais agudos e obrigar-nos todos a recolocar a segurança alimentar no centro da crise nacional. Segundo dados de 2020 da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Penssan), são 19 milhões de brasileiros em situação de fome no país. Situação agravada, claramente, pelo rápido crescimento do desemprego no ano passado – ainda que Estados como a Paraíba tenham voltado a gerar emprego.

Para combater essa mazela junto à população paraibana, estamos trabalhando para fornecer, por meio de três programas distintos e amplos, a significativa quantidade de 38,3 mil refeições diariamente.

Recentemente, iniciamos o Programa "Tá na Mesa", atendendo os municípios que não dispõem de Restaurantes Populares. Um programa que, de um lado, estende a mão do Estado às famílias mais vulneráveis e, de outro, injeta recursos na economia, estimulando a manutenção dos postos de trabalho em pequenos restaurantes paraibanos.

Essa é uma ação de caráter emergencial com o objetivo de promover assistência alimentar em 83 municípios, onde serão fornecidas 25,1 mil refeições por dia ao custo de apenas R\$ 1. Alimentação barata que representa um investimento do Tesouro estadual superior a R\$ 4 milhões por mês. Para execução do programa, lançamos um edital de convocatória e selecionamos aqueles restaurantes privados interessados em fornecer quantidades em cada município. O Estado banca a diferença entre o custo de produção e o preço final baixo.

O "Tá na Mesa", com isso, atinge outra meta fundamental que é a de movimentar as economias locais, principalmente

em um dos setores mais atingidos pela crise econômica provocada pelos efeitos da pandemia e das medidas de distanciamento e isolamento social, tão necessárias até aqui.

Em paralelo, o Governo do Estado segue dedicado a ampliar a Rede de Restaurantes Populares no Estado, com a instalação de novas unidades em Monteiro, Cajazeiras, Pombal, Guarabira e São Bento, que vão se somar às cozinhas dos restaurantes de João Pessoa, Santa Rita, Campina Grande, Patos e Sousa, onde são fornecidas sete mil refeições por dia. Também tocamos o Programa Prato Cheio, que atende a população em situação de rua, em parceria com a Arquidiocese, fazendo a distribuição de cerca de 6,2 mil refeições diariamente em João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

Além disso, o Estado já distribuiu mais de 1,3 milhão de cestas básicas, socorrendo quem tem fome. Todas essas ações ajudam a fortalecer a agricultura familiar, da qual adquirimos mais de 1 mil toneladas de produtos de hortifrut. Também apoiamos as cooperativas de pesca com a compra de 100 toneladas de peixes e os produtores de frango forneceram outras 30 toneladas.

Por meio desses programas de grande alcance, o governo tem se esforçado para garantir a dignidade das famílias paraibanas, particularmente às vítimas da extrema pobreza e em situação de rua. Temos a clareza de que não existe ação ou programa mais eficiente em defesa da cidadania do que acabar com a fome da população. Sem isso, não avançamos na saúde, na educação – nem em qualquer outra esfera de atuação do Estado. O "Tá na Mesa", para além de comida saudável e com sabor para quem mais precisa, além da geração de emprego e renda nas economias locais, é uma injeção de cidadania nas vidas de milhares de pessoas.

Crônica

Sitônio Pinto
sitonipinto@gmail.com | Colaborador

Anexos do Boa Sentença

Hoje é o dia em que os mortos morreram. Para Caetano e Péricles, "esqueça os mortos, eles não levantam mais". Estamos condenados, assim, a conviver só com os vivos. Ainda bem que Paulo César, o zagueiro do Pelada Futebol Clube, está aqui ao meu lado. Ele jogava no time do Aterro do Flamengo, com Paulo César (do Flamengo), Jairzinho, Arlindo (do Botafogo) aos fins de semana. Uma fonte inesgotável de assuntos do futebol. Mas, como eu ia dizendo, hoje é o dia da morte dos mortos. Ainda ontem eu estava no Cemitério Parque das Acácias. Horrível aquele campo aberto, sem cruzes, sem sombras.

Um cemitério de guerra, fértil de mortos. Os EEUU bem que precisavam de cemitérios assim. Uma linha de montagem de túmulos, em que os mortos são os trabalhadores, como na fábrica dos fordes. Eles são de bigodes, como os do meu avô, como os operários que faziam aqueles carros vetustos. Ford queria que todos os trabalhadores pudessem comprar o produto que fabricavam. Isso não se restringiu apenas aos carros, mas a tudo que a indústria norte-americana fazia. Haja fordes, frigidaires, lanchas, avionetas.

Ford não só inventou a linha de montagem dos fordes, mas a linha de montagem também dos mortos. Eles não levantam mais. O Cemitério da Boa Sentença foi considerado obsoleto pelos vivos mortos, que enterram seus entes queridos nos velhos túmulos da ladeira. Eles preferem o cemitério americano, com seus mortos egressos da guerra dando ordem unida. Caetano e Chico se equivocaram, ao dizerem que eles não levantam mais.

Os mortos estão sadios, eles se levantam sim. Chame-os pelo nome, ou pelo número de guerra. E saia da frente. Eles são apressados, correndo em marche-marche, ou com os mortos-vivos em passo de ganse. Fugiram dos muros das lamentações,

onde começa o caminho do frio de que fala o poeta Schmidt. Ele é quem mais entende dos santos campos: "O vento dos cemitérios está soprando. Traz o perfume das últimas lágrimas. Traz o perfume das últimas flores. O perfume de lírios mortos sobre os túmulos da tarde. Túmulos ainda frescos, como o pão da madrugada." Eu disse que era Schmidt quem mais entendia do assunto; é ou não é?

Vou perguntar a Schmidt o que ele acha de se anexar os terrenos do Instituto de Medicina Legal, e da antiga Faculdade de Medicina, mais as ruínas da Fábrica Matarazzo, ao Cemitério da Boa Sentença. São terrenos públicos. Matarazzo deve mais ao Estado que o valor do seu imóvel, e a velha faculdade é patrimônio federal. E os mortos são universais. Com a anexação dos terrenos, fica tudo em família. Uma doação de governo para governo. O que estará faltando? Martinho Moreira Franco que o diga, pois é dele a ideia. Ou será de Gonzaga Rodrigues? Li a sugestão dia desses, em crônica de um deles. Se não foi de um, foi de outro. São fraternos, tanto faz.

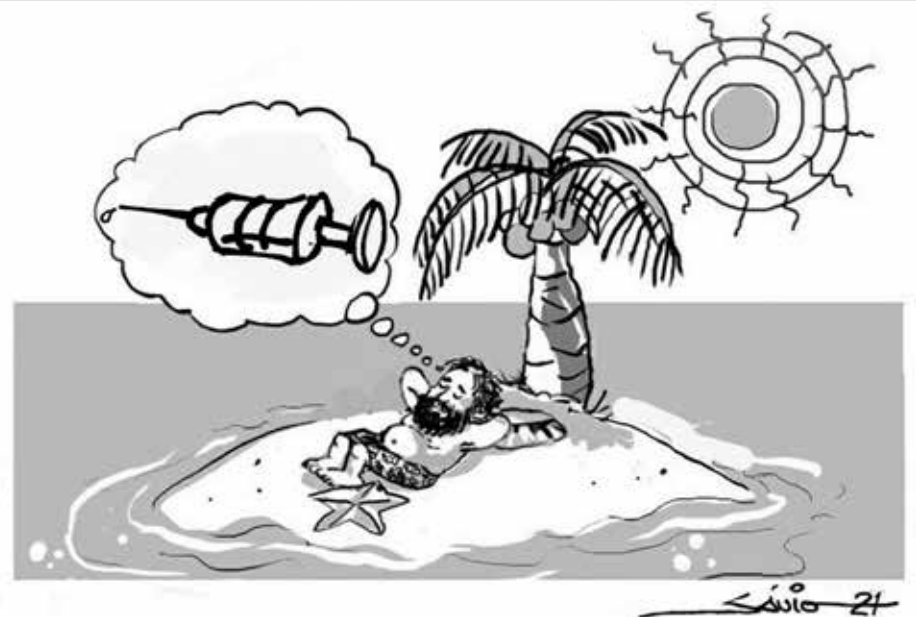
Ainda ontem, no Cemitério Parque das Acácias, no sepultamento de Carlos Roberto de Oliveira, se comentava a inconveniência do dito campo santo. É muito longe, quase fora da cidade. E tem uma inconveniência maior: é feio. Os mortos merecem um espaço mais bonito. O Boa Sentença tem sua paisagem variada, com árvores, imagens e cruzes dando vida ao lugar. As pessoas navegam com facilidade por entre as alamedas floridas.

Os túmulos, identificados à distância, contam sua história. Da menina que apanhou da polícia de menores até a morte; dos políticos notáveis; do interventor que morreu afogado, na noite do mar. Enquanto seu companheiro de viagem, jovem e atleta, morria nas águas da noite, defronte à poderosa Bahia de Todos os Santos.

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor

Domingos, lá vem a segunda

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSARui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TVA UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: 99143-6762

Leptospirose: preocupação que aumenta em tempos de chuva

Mesmo com as estatísticas apontando poucos casos nos últimos anos, Vigilância aumenta fiscalização nos bairros

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Com o início de período de chuvas, cresce o risco de transmissão de leptospirose, principalmente nas capitais e Regiões Metropolitanas. O acúmulo de água em locais com condições inadequadas de saneamento, em especial após desastres naturais como enchentes, favorece a infestação de roedores e disseminação da bactéria presente na urina do rato.

A época do ano preocupa a saúde pública, mesmo que os índices apontem queda no número de casos. Entre 2015 e 2021, foram registrados 47 casos de leptospirose em João Pessoa, de acordo com o Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), que registrou cinco óbitos neste período. Em toda Paraíba, um levantamento do Mistério da Saúde aponta que, entre os anos de 2007 e 2019, foram confirmados 198 casos de

leptospirose e 38 mortes pela doença.

De acordo com a diretora do Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses, Pollyana Dantas, verificou-se a necessidade imediata de ativar uma equipe especial para ações de ratinização formada por técnicos e agentes que fizessem o combate a proliferação de ratos em áreas propensas de infestação.

“Iniciamos pelas comunidades ribeirinhas, Baixo Roger, pontos estratégicos como cemitérios e feiras livres e expandimos para os presídios, escolas, creches onde além de efetuar a ratinização disponibilizamos palestras educativas. Fechamos parceria com a Secretaria de Educação e estamos em todas as unidades de ensino do município”, informou.

Ela acrescentou ainda que a Vigilância Ambiental e Zoonoses atende atualmente as demandas de todas as secretarias fazendo desde Unidades de Pronto Atendimento (UPAS) a Hospitais e unidades habitacio-



Fotos: Centro de Vigilância Ambiental e Zoonoses/PMJP

Doença pode se tornar epidêmica em períodos chuvosos onde há condições inadequadas de saneamento e devido a alta quantidade de roedores

nais onde realiza o serviço de zeladoria (Secretaria de Habitação) nas casas de acolhidas e clube da pessoa idosa (Secretaria de Direitos Humanos) assim como nos demais órgãos públicos.

A diretora observa que o órgão atua com os agentes de endemias em todos os bairros em uma atividade denominada “arrastão” fazendo as visitas domiciliares. “As ações são diárias e estamos com as

equipes especiais complementares atrelando os serviços de sanitização (combate ao covid-19), dedetização (pragas urbanas), combate ao Aedes Aegypti (através dos nossos distritos sanitários

que passam fazendo visitas domiciliares nas operações de batidas de focos) e ratinização. Todas elas funcionam integrando as informações, organograma e ações”, destacou Pollyana Dantas.

SOBRE A DOENÇA

■ Segundo o Ministério da Saúde, a leptospirose é uma doença infecciosa febril aguda que ocorre a partir da exposição direta ou indireta a urina de animais (principalmente ratos) infectados pela bactéria Leptospira.

■ A incubação, isto é, o tempo entre a infecção até a manifestação dos sintomas varia de 1 a 30 dias e acontece entre 7 a 14 dias após a exposição a situações de risco. Os pacientes podem ter desde manifestações clínicas assintomáticas e subclínicas até casos graves, associados a manifestações fulminantes.



Falta de infraestrutura pode favorecer retorno da doença

Conforme o Ministério da Saúde, a leptospirose tem alta incidência em determinadas áreas, cuja ocorrência está ligada às condições precárias de infraestrutura sanitária e alta infestação de roedores infectados. As inundações permitem a disseminação da bactéria no local, facilitando os surtos.

De acordo com o órgão, no Brasil a leptospirose pode tornar-se uma doença epidêmica em períodos chuvosos, devido às enchentes associadas à

aglomeração de pessoas de baixa renda, além das condições inadequadas de saneamento e à alta quantidade de roedores.

Existem profissões com maior possibilidade de contato com as leptospiras, a exemplo dos trabalhadores em limpeza e desentupimento de esgotos, garis, catadores de lixo, agricultores, veterinários, tratadores de animais, pescadores, militares e bombeiros. Porém, a maioria dos casos ainda ocorre entre os moradores de locais com infraestrutura

sanitária inadequada e expostos à urina de roedores.

O órgão aponta que todos os estados brasileiros tem casos de leptospirose, sendo o maior número nas regiões Sul e Sudeste. Sua letalidade média é de 9%, porém o risco de letalidade pode chegar a 40% nos casos mais graves. Não existe uma predisposição de gênero ou de idade para contrair a infecção. Os locais prováveis de infecção (LPI), em sua maioria são áreas urbanas e ambientes domiciliares.



Agentes de endemias fazem “arrastão” em JP

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

A PARTIR DE MAIO: EM SEIS PESQUISAS DIVULGADAS, LULA VENCE BOLSONARO EM QUATRO, COM MUITA FOLGA

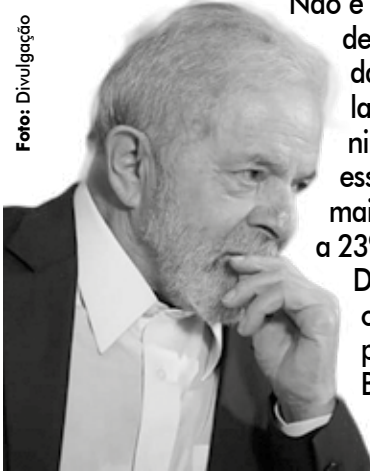


Foto: Divulgação

Não é raro que candidatos que estão atrás nas pesquisas de intenção de voto se apressem em tentar desqualificá-las. Na maioria da vezes, não afirmam que houve equívocos na metodologia utilizada. Dizem que ocorreu manipulação, fraude. Ora, sendo assim, acionem a Justiça! Que tal formular denúncia à Polícia Federal? Até agora, no que tange às pesquisas sobre a corrida presidencial, ninguém o fez. Acusa-se a fraude, sem elementos que a comprovem. Bolsonaroistas têm adotado essa prática, desde que o ex-presidente Lula (foto) começou a liderar os levantamentos, ainda em maio, quando o Datafolha registrou vitória do petista sobre Bolsonaro, em primeiro turno, por 41% a 23%. Outras pesquisas atacadas por Bolsonaroistas: Lula 45%, Bolsonaro 39%, da Exame/Ideia Big Data; Lula 41,3%, Bolsonaro 26,6%, da CNT/MDA. Agora, a mais recente, também da Datafolha, o resultado pró-Lula se repete: 46% a 25%. No mesmo período em que saíram essas quatro pesquisas citadas, outras duas deram vantagem a Bolsonaro, por margem apertada. Vejamos: Bolsonaro 34,3%, Lula 32,5%, do Paraná Pesquisas, e Bolsonaro 33%, Lula 31%, do Poder Data. Ou seja: em quatro dos seis levantamentos, o petista vence com folga. Dizem que contra fatos - e números - não há argumentos. Nesse particular, as pesquisas mostram que, de fato, há uma tendência crescente pelo ex-presidente Lula entre os eleitores brasileiros.

EFEITOS DA PANDEMIA (1)

O 'Boletim Desigualdade nas Metrôpoles', do Observatório das Metrôpoles e da PUCRS, aponta que a Região Metropolitana de João Pessoa apresentou o maior crescimento da desigualdade social no país. Os 10% mais ricos tinham rendimento 50,8 vezes maior que os 40% mais pobres, no primeiro trimestre de 2020. Neste ano, essa relação subiu para 99,8 vezes.

EFEITOS DA PANDEMIA (2)

Coordenador da pesquisa, o professor da PUCRS, Andre Salata, explica que “Os números que trazemos expressam o que qualquer morador destas regiões percebeu ao longo do último ano, com o aumento sensível do número de pedintes, desempregados, vendedores ambulantes e pessoas e famílias em situação de vulnerabilidade”.

APÓS MUITA PRESSÃO

Pré-candidato a senador, Bruno Roberto (PL) afirmou, em entrevista, que irá “caminhar com Bolsonaro [na eleição de 2022] pelos benefícios que ele trouxe” à população, citando, entre outras coisas, o auxílio emergencial. Esqueceu de dizer que o presidente queria dar valor menor - R\$ 300 - e só por pressão do Congresso concedeu R\$ 600.

REIVINDICA VAGA

“Não há vaidade pessoal, ambição pelo poder de forma desmedida. O PL tem musculatura para compor a chapa majoritária”, disse Bruno Roberto, confirmando que o partido irá reivindicar essa vaga no grupo da oposição. A eleição para senador será acirrada, certamente, considerando que existe apenas uma vaga em disputa.

ESCOLHA DE VACINAS

A Confederação Nacional dos Municípios (CNM) fez a seguinte pergunta para 2.715 prefeitos, entre 5 e 8 deste mês: “Seu Município já registrou casos de pessoas que querem escolher com qual vacina se imunizar contra a covid-19?” 1.860 responderam que sim, o que representa 68,5% das cidades, enquanto houve a negativa de 792 - 29,2% dos contatados.

CORONAVAC LIDERA REJEIÇÃO NO PAÍS

“Sobre este comportamento de escolher qual vacina tomar, a que tem a maior rejeição é a CoronaVac (50,8%), seguida da AstraZeneca (38,3%), as outras têm pouquíssima rejeição”, apontou, também, a pesquisa da CNM. Prefeituras da Paraíba e de outros estados tem adotado sanções nesse particular, como perda da prioridade da vacinação.

Ruth Avelino,
Presidente da PBTur

O turismo terá um crescimento de pelo menos 50% este ano

Com o avanço da imunização contra a covid-19 em todos os estados do país, a expectativa é de que o setor comece a apresentar recuperação já no segundo semestre

André Resende
andrealimpio89@gmail.com

A pandemia causada pelo coronavírus interrompeu o crescimento do setor de turismo na Paraíba, um dos que mais cresceram nos últimos anos. Passado mais de um ano e meio de pandemia, com a vacinação avançando na Paraíba e nos demais

estados do Brasil, a pressão por leitos diminuindo nos hospitais, o setor projeta uma tendência de retorno à normalidade já neste primeiro semestre.

A presidente da Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), Ruth Avelino, avalia com otimismo o cenário atual para o turismo no Estado, destacando que, com a vacinação

plena, completando a imunização com a duas doses, as operadoras de viagem devem retomar as atividades e a Paraíba, que já vinha despontando como um dos destinos mais procurados no Brasil, deve voltar a receber turistas de outras partes do país e do mundo.

“A gente tem evoluído, pouco a pouco, a gente tem crescido de-

vagarzinho nesse ano de 2021. No final do ano passado, tínhamos visto uma recuperação, mas infelizmente com o repico da doença neste ano caiu tudo novamente, mas não fechou como em 2020. Então, este ano, terminou sendo um pouco melhor para a hotelaria, para esse setor que sofreu tanto no ano passado”, explicou Ruth Avelino.

Ruth Avelino acredita que eventos como Folia de Rua e o Carnaval Tradição de João Pessoa, que movimentam a economia da capital, possam ser retomados em 2022



A entrevista

Há perspectivas de retomada da economia do turismo com o avanço da vacinação pelo país?

Existe uma perspectiva muito positiva para retomada do turismo no Brasil a partir do segundo semestre de 2021. A gente já vê pelos números apresentados pelo consórcio de comunicação, que o Brasil praticamente não tem nenhum Estado com alta no número de mortes, embora ainda seja alta, mas não tem um avanço muito grande. E a gente acredita, sim, que a partir de julho, tenha sim uma retomada. Estamos confiantes que a gente não tenha um problema por conta do São João. A gente sabe que no São João muita gente exagerou, fazendo aglomeração, com festas particulares e clandestinas e isso pode gerar algum problema. Mas se isso não acontecer, a gente não tem dúvidas de que em julho, a partir deste mês, a gente já tenha uma retomada. Se, por acaso, o período do São João mostrar um crescimento no número de casos, realmente, aí a gente projeta para uma retomada somente a partir de setembro ou outubro. Mas com certeza, será ainda neste segundo semestre de 2021.

Há dados de aumento de venda de pacotes para a rede hoteleira de JP no período de pandemia?

Não temos esse dado preciso, mas a gente sabe que no período da pandemia os números caíram muito. A gente tem evoluído, pouco a pouco, a gente tem crescido devagarzinho nesse ano de 2021. No final do ano passado, tínhamos visto uma recuperação, mas infelizmente com o repico da doença neste ano caiu tudo novamente, mas não fechou como em 2020. Então, neste ano, terminou sendo um pouco melhor para a hotelaria, para esse setor que sofreu tanto no ano passado. Acreditamos que, em comparação a 2020, o setor vá ter um crescimento que varie na casa dos 50% até 70%, até porque o ano passado foi muito fraco. Agora, nada se compara ao que era antes da pandemia, quando a gente tinha um fluxo muito maior. É esse fluxo que a gente espera recuperar a partir do verão de 2021 e 2022, estendendo até o próximo ano. A gente tem crescido gradativamente, mas creio que teremos um crescimento no setor, se comparado ao ano passado, em torno de pelo menos 50%.

Existe alguma perspectiva de novidade sobre divulgação sincronizada do Folia de Rua, parceria com prefeituras do Estado para divulgação externa, etc?

O Folia de Rua e o Carnaval Tradição sempre estiveram nas divulgações da PBTur. Veio a pan-

demia e infelizmente esse ano de 2021 não teve nada. Temos a perspectiva de que esses eventos sejam retomados para o ano de 2022. Como se trata de um pessoal bem sofrido, que luta muito, o pessoal do Folia de Rua e, principalmente, do Carnaval Tradição, a gente está se propondo a divulgar ainda mais o evento nas nossas ações. A gente trabalha apenas com a mídia espontânea, mas iremos, nos eventos que formos, levar imagens. Quando chegar um grupo aqui, a gente mostra uma tribo indígena fazendo uma dança, que é muito diferente. As tribos indígenas no Carnaval a gente só tem aqui na Paraíba, não tem outro lugar que tenha. Então a gente tem que valorizar, porque eles lutam muito, com muito sacrifício, fazendo Carnaval sem dinheiro e todos mantêm a tradição de fazer aqueles cocares gigantes, que dão muito trabalho, a gente precisa valorizar mais isso. Nós paraibanos, obviamente, precisamos divulgar isso para que outras pessoas percebam essa importância e valorizem mais. Teremos reuniões com as ligas de Carnaval e do Folia de Rua para justamente intensificar a divulgação nas ações da PBTur, que são junto aos operadores de viagem e a mídia espontânea, jornalistas e influenciadores digitais.

Pesquisa aponta que João Pessoa está entre as 15 cidades mais procuradas pelos turistas brasileiros. Qual a posição que João Pessoa conquistou?

A verdade é que João Pessoa ao longo desses últimos 10 anos vem crescendo muito. Vinha crescendo muito antes da pandemia, no interesse das viagens para a Paraíba, as viagens de lazer principalmente. Infelizmente, veio a pandemia, parou tudo, não só no Brasil, mas no mundo. Agora, nessa retomada, a gente percebe que as pessoas estão interessadas por João Pessoa. É um destino jovem, que não é muito bombardeado como outros destinos aqui do Nordeste, a exemplo de Natal, Fortaleza, Porto de Galinhas. Então as pessoas têm curiosidade de conhecer um destino novo, então nesse ranking da Decolar, que foi ranking anunciado recentemente, João Pessoa está em 14º lugar, ou seja, está entre as 15 cidades mais procuradas pelos turistas na Decolar, que é uma operadora on-line, com todas as suas vendas pela internet e é uma empresa muito grande, que é da Argentina, com sede no Brasil e em outros países. Quando a gente vê que João Pessoa está presente, acima de outros destinos muito importantes do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo, Búzios, a gente fica muito feliz, mostra que estamos no caminho certo nessa luta, que não é fácil, que é da PBTur, que é da Secretaria de Turismo de João Pessoa. A tendência é a gente melhorar cada vez mais.

Quais aspectos da cidade, na sua opinião, fazem com que ela esteja entre as mais procuradas?

João Pessoa tem muitos diferenciais, dentre eles o ponto extremo oriental das Américas, é um espaço que precisa de mais cuidado, mas é outra questão, de toda forma não deixa de ser uma coisa curiosa. Não temos nem uma única praia permanentemente poluída para o banho, isso é muito importante. Não temos uma praia inteira imprópria para banho como outras cidades do Nordeste têm, esse é um aspecto que nos ajuda muito. Outro fator, nós não temos espigões na beira-mar, isso é uma coisa muito curiosa, que todo turista gosta muito. Você pode ficar até três ou quatro horas da tarde que não vai ter sombra na praia. A cidade é ventilada, mantém o aspecto de cidade bucólica, então é um diferencial para gente também. Mais um aspecto, a capital paraibana é a que concentra o maior número de piscinas naturais em área urbana. Temos pedras do Seixas, Picãozinho, Caribessa, Areia Vermelha que está na Grande João Pessoa. Tudo isso é um diferencial, porque se você for ver, em Alagoas, as piscinas estão em Maragogi, em Pernambuco estão em Porto de Galinhas e aqui não, fica tudo em João Pessoa. Somos a terceira capital mais antiga do Brasil, temos um parque histórico muito interessante, os turistas curtem demais isso. Mas um diferencial muito grande de João Pessoa nos últimos cinco anos, que nós mudamos esse perfil, é que somos um parque gastronômico de primeiro mundo. João Pessoa tem hoje restaurantes de primeiríssima linha, seja de comida regional, nacional, internacional, então a gente tem chamado muito a atenção pela nossa gastronomia pelo que a gente tem feito nessa área aqui na capital.

O Brejo paraibano também tem atrativos nesta época do ano por conta do clima mais frio, roteiros de aventura. O que mais você destaca nesta região que pode ser vendido para os turistas?

A região do Brejo da Paraíba é uma das mais interessantes do Nordeste brasileiro. Tem atrativos gigantes, cidades lindas e infraestrutura maravilhosa. Além do clima agradável, esse período em Bananeiras, Areia, demais cidades do Brejo, o clima chega a marcar 15, 16 graus. É um atrativo muito bacana. É uma região em que tem uma concentração muito grande de engenhos, de cachaca de alambique, muitos deles são abertos a visitação, fazendo com que o turista conheça e compre uma cachaca de ótima qualidade, reconhecida no Brasil como uma das

melhores. Depois de Minas Gerais ou paralelamente a Minas, as cachacas da Paraíba têm um destaque muito grande e os engenhos são lindos. Areia, Alagoa Grande, Bananeiras, Serraria, Borborema, várias cidades têm esses engenhos que são abertos à visitação. São cidades que têm hotéis e pousadas que também são muito bons, ótimos restaurantes, essa parte gastronômica também do Brejo é fantástica. É uma região que tem cachoeiras, tem rios e trilhas para passeios ecológicos. Você ir ao Brejo paraibano é ter a possibilidade de passeios maravilhosos. Acabou-se a época em que o povo da Paraíba ia para Gravatá em Pernambuco para curtir um clima frio. Hoje os paraibanos e até mesmo os pernambucanos e os norte-riograndenses têm ocupado o Brejo da Paraíba, justamente pelo diferencial, pelo clima agradável, pelo potencial que a gente tem na economia daquela região, que cresce cada vez mais.

Recentemente, o Destino Paraíba foi apresentado em um evento com 6 mil franqueadores da maior operadora da América Latina. Qual foi a repercussão dessa participação do Estado?

Estamos retomando nossas atividades. Fizemos essa capacitação para os franqueados da CVC no mês passado, durante a convenção de vendas on-line deles. Esse evento sempre era presencial, mas por conta da pandemia não foi realizado no ano passado e neste ano foi inteiramente virtual. Desta vez, a PBTur participou. Eu fiz uma palestra para essas pessoas, mostramos um vídeo institucional para que fosse revertido em vendas. A CVC já mostra que estamos aumentando as nossas vendas, mas não pode ser só isso, tem que ser um trabalho contínuo, por isso estamos lutando não só a CVC, mas com a Azul Viagens, com a Decolar e com outras operadoras para que a Paraíba esteja na cabeça das pessoas para que elas quando forem decidir viajar, venham para cá. É um trabalho que a gente faz continuamente de capacitação, de rodshow, de trazer essas pessoas para virem conhecer o nosso potencial. Recebemos inclusive em maio, um famtour, que é uma familiarização turística, da operadora Abreu, que é de Portugal. Foi o primeiro depois da pandemia. Recebemos 12 agentes de viagens de São Paulo e Rio de Janeiro. Estamos lutando não só com a CVC, mas com todas as operadoras para que a Paraíba fique na crista da onda nesse momento de retomada do turismo no período de pós-pandemia. Ainda temos uma pandemia em curso, mas temos muita fé, muita esperança de que com a vacina avançando, as coisas melhorem.



Foto: Divulgação

Ponto de Cem Réis abriga vítimas da crise e das drogas

Moradores de rua costumam utilizar o local no centro de João Pessoa para passar as noites e conseguir doações de alimentos e dinheiro

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

“Eu espero que logo eu volte para casa. Tenho três crianças e sinto muita falta dos meus filhos. Eu até vejo eles, mas a convivência da gente todo dia é o que me dá mais saudade porque não é a mesma coisa de estar perto deles”. Esta declaração é de Maria Cavalcanti, de 38 anos que há 10 meses mora no Ponto de Cem Réis, no Centro de João Pessoa.

Antes, morava no bairro de Cruz das Armas, mas após uma discussão com o irmão teve que sair de casa. Sem alternativa, acabou morando na rua. Ela trabalha como vendedora em Mangabeira, mas além do emprego explica que precisa resolver outros problemas para voltar a viver com os filhos. “Agora estou tentando resolver meus problemas para poder voltar pra casa. Antes eu morava com meus filhos, mas eles ficaram na casa do meu irmão. Deixei eles lá enquanto tudo se resolve para depois ficar com eles”, conta.

Para Maria, são poucos os que têm uma história parecida com a dela ou outros casos que não envolvem drogas, já que a maioria dos que dormem na mesma calçada que ela, estão ali porque o vício os afastou da família. “Muitos que estão aqui vivem uma vida errada. Eles não querem voltar para casa porque não querem abandonar esse vício. Não conseguem deixar, mas os que conseguem vão morar em algum lugar. Desde que cheguei só vi seis indo embora para uma casa de acolhimento e depois para casa. Os demais optaram ficar”, relatou.

Local conhecido pelos encontros e debates políticos, econômicos e culturais principalmente entre os mais idosos, o Ponto de Cem Réis também tem servido de abrigo para dezenas de pessoas em situação de vulnerabilidade dormirem à noite.

O espaço fica praticamente vazio após o expediente do comércio, já que quase não existem residências nem pontos comerciais funcionando. Portanto, quase não existem

moradores que possam reclamar da presença deles. Com isso, alguns moradores de rua que passam o dia pedindo dinheiro nos semáforos, bancos e em outros locais, trabalhando ou até mesmo sentados nos bancos das praças ou no chão, à noite ficam embaixo das marquises das lojas, onde podem

“Resolvi dormir nessa praça igual a muitos por aqui, pois achei um local tranquilo e não pretendo sair agora”

se proteger da chuva e do frio. Unidos, sentem-se mais seguros, já que são muitos da mesma área. Todos os dias chegam e saem pessoas nestas condições. Italo da Cunha, 20 anos, e Dayane da Silva, 18 anos, moram juntos na rua há cerca de um ano. Ele é do Rio Grande do Norte e após o pai e

a mãe morrerem em um acidente de carro resolveu vir para João Pessoa, conhecer os avós e trabalhar.

Os dois objetivos foram frustrados, porém, na capital conheceu Dayane que já morava no Ponto de Cem Réis. Já vacinados contra a covid-19, os dois sonham com o dia em que possam sair dali e finalmente ter uma família. “Eu vim sozinho e aqui conheci ela. Tenho avós aqui que não conheço. Daqui para frente eu espero arrumar um trabalho, achar meu avô e minha avó, ter um canto pra morar e muita saúde”, comentou Ítalo.

Muitos chegam no final da tarde com colchões, papéis e cobertores. Vários carregam mochilas, sacolas e outros objetos que adquirem pelo caminho. Alguns são moradores fixos do Ponto de Cem Réis, outros, preferem ficar um período por lá e depois seguem para outras praças do Centro ou bairros diferentes da capital.

Edmilson Bezerra tem 45 anos e há mais de cinco anos é morador de rua, mas de

Fotos: Marcus Antonius



Quem trabalha ou passa na região diz que número de moradores de rua tem aumentado no Ponto de Cem Réis com a crise econômica

Campina Grande. No entanto, há uma semana resolveu sair em direção a João Pessoa em busca de trabalho. Ao chegar, tentou arrumar dinheiro para comer. Sem conseguir, soube que moradores das residências próximas vão a praça distribuir comida, roupas e cobertores e, assim, resolveu esperar.

“Eu moro na rua faz tempo, sou de Campina Grande e eu consegui uma passagem pra João Pessoa. Cheguei à tarde, fiquei tentando comer alguma coisa e aí resolvi esperar a comida já que o pessoal por volta das 10h da noite passa dando agasalhos, sopa e outras coisas. Resolvi dormir nessa praça igual a muitos por aqui, pois achei um local tranquilo e não pretendo sair agora”, afirmou.

O pastor Carlos Mendes há mais de 10 anos faz um trabalho de evangelização nas praças da capital, sendo quatro anos apenas no Ponto de Cem Réis. Ele diz que é comum alguns moradores de rua procurá-lo pedindo ajuda para sair do local. Alguns inclusive, o seguem nas celebrações.

Ele também é diretor de uma instituição para dependentes químicos, alcoólatras e moradores de rua e após os cultos geralmente leva uma ou duas pessoas para a entidade. “Lá encontram alimento, cama, a gente recebe doação de roupas elevamos as pessoas que não tem profissão para trabalhar. A maioria daqueles que estão aqui estão por problemas de droga e fazemos o possível para tirá-los”, destacou.

Comércio noturno movimentou o local

Há quase 20 anos, Severina da Conceição vende sopa no Ponto de Cem Réis, sendo uma das comerciantes mais conhecidas da região. Ela chega por volta das 14h30 e fica até 19h. No final da tarde, o movimento aumenta e assim como outros trabalhadores, aproveita o final do expediente do comércio e das repartições públicas para ter mais clientes.

A grande quantidade de pessoas atrai vendedores de copo de sopa a R\$2, de churrasquinho, bombons, churros, pipoca, salgados, sucos, frutas e outros produtos a preços baixos para que o público da área possa comprar. O local virou uma grande feira ao ar livre. É o final do horário comercial que faz os feirantes ficarem até a noite na praça, já que geralmente nos bairros não tem vendedores de frutas e legumes

neste horário. Eles trabalham de segunda a sexta-feira das 7h às 19h e aos sábados até as 16h.

Para Severina, não apenas os dependentes químicos, mas o desemprego gerado pela pandemia aumentou a quantidade de moradores de rua em João Pessoa. “Cada dia aumenta mais o número de pessoas morando ou dormindo nas praças. Todo dia aparece gente nova”, ressalta.

Alguns moradores de rua são conhecidos dos feirantes. Um deles é Adriano Gomes que há 15 anos fica no mesmo ambiente e hoje conta com o apoio do filho. Ele acredita que ao longo dos anos, o espaço é escolhido pelos desabrigados, já que a Zona Sul e a Orla são as regiões preferidas dos pessoenses, tornando o Ponto de Cem Réis deserto à noite.

O vendedor afirma que a

pandemia fez crescer o número de desabrigados que lotam a fachada de lojas. Alguns comerciantes da praça entendem que os moradores de rua são desinteressados em trabalhar e preferem pedir dinheiro nas ruas, usar drogas ou lucrar através do roubo e por isso, recusam auxílio até de familiares. No entanto, Adriano acredita que a crise financeira atinge cada um de forma diferente e que os moradores de rua sofrem mais intensamente.

“Aqui é uma área tranquila. Com a pandemia menos pessoas passam comprando. Já moradores de rua, aumentaram demais. É muita gente desempregada e aí junta o desemprego, sem condição de sobreviver e pagar aluguel e tudo isso pode fazer a pessoa morar na rua, além daqueles usuários de drogas”, observa o feirante.



Muitas pessoas fazem do Ponto de Cem Réis local para vender vários tipos de produtos e alimentos para conseguir pagar as contas



Moradores de rua buscam, no final da tarde, abrigo nas marquises dos prédios da área para passarem a noite

A história do Ponto de Cem Réis

De acordo com a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), a Praça André Vidal de Negreiros, conhecida como Ponto de Cem Réis possui 5.214 metros quadrados e representa um marco da modernização dos transportes, além de ser o local de concentração de reivindicações públicas, encontros e o espaço escolhido para a construção do símbolo do progresso dos anos 1970 na cidade: o Viaduto Damásio Franca.

Seu entorno é formado por edificações antigas: o casarão da família Ávila Lins; o Paraíba Palace Hotel, construído nos anos 1920; Edifícios Régis e Duarte da Silveira e pelas ruas Visconde de Pelotas e Duque de Caxias. De acordo com o professor Ângelo Pessoa, em 12 de outubro de 1924, foi inaugurada a Praça Vidal de Negreiros. Desde 1914, os condutores dos bondes elétricos cobravam cem réis. Assim, a parada final da praça de bondes ganhou o nome de Ponto de Cem Réis.

Após cerca de quarenta anos (até meados dos anos 1960), o serviço de

bonde é totalmente desativado e as marcas dos trilhos são definitivamente retiradas em 1970. Em 17 de julho daquele ano é inaugurada a construção do Viaduto Damásio Franca, para uma melhor circulação entre a Cidade Baixa e Lagoa, obra finalizada em 1972.

O bonde e o viaduto tornaram o Ponto de Cem Réis um lugar de passagem de pessoas muito próximas do Palácio da Redenção, da Assembleia Legislativa e de outros órgãos públicos. Por isso, aumentou seu valor como um lugar de boatos, focos e acontecimentos políticos, sendo muito conhecido por intelectuais e a elite da época. No fim dos anos 1980, foi desativado o trânsito da Duque de Caxias que virou calçadão.

Aos poucos a cidade cresceu em direção à praia, à Zona Sul, fazendo com que a praça, reduzisse seus visitantes. Há cerca de 40 anos, o Centro abrigava a parte administrativa, comércio e serviços bancários e até a década de 1980 mantinha uma forte presença residencial.

Jovens encaram desafios pelo amor ao estudo e à pesquisa

Novos pesquisadores sabem das dificuldades que enfrentarão, mas o desejo de ampliar os conhecimentos supera os obstáculos

Carol Cassoli
Especial para A União

Estampado em grande parte dos ambientes acadêmicos públicos nacionais, o mote “defenda o ensino público de qualidade” desperta a curiosidade da população para as diversas situações angustiantes que cercam o dia a dia do pesquisador brasileiro. Dentre as dificuldades mais comuns, a falta de manutenção do patrimônio e a ausência de repasse orçamentário gera cada vez mais obstáculos à pesquisa. E, mesmo com a precarização do ensino superior e o baixo incentivo à ciência, novos pesquisadores continuam surgindo e investem em seus projetos, resistem e reafirmam sua importância no desenvolvimento do saber técnico do país. Resta saber, no entanto, quais os motivos que os levam a continuar acreditando no conhecimento mesmo quando seguir é, também, nadar contra a maré?

Atualmente, o Brasil possui mais de 50 universidades dentre as 160 mais bem qualificadas da América Latina, denotando a qualidade de sua pesquisa e do desenvolvimento científico do país. Baluarte de grande parte

dos cientistas nordestinos, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por exemplo, faz parte das cem melhores universidades da América Latina. Em harmonia com a UFPB, existem outras instituições públicas que se destacam do mesmo modo. A própria Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) conta com mais de 500 alunos envolvidos em processos de iniciação científica com bolsas de fomento aos estudos, além dos diversos estudantes que se voluntariam a seguir com projetos sem cotas para remuneração.

De acordo com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino (Andifes), por exemplo, hoje, algumas das universidades federais possuem recursos para dar continuidade em suas atividades apenas pelos próximos três meses. Isto porque, este ano, o orçamento direcionado às instituições federais de Ensino Superior foi 18% menor que em 2020, quando o custeio das atividades desenvolvidas nas universidades era de cerca de R\$ 1 bilhão. Desta forma, se o Governo Federal não fornecer suplementação orçamentária, parte da pesquisa e extensão desenvolvida será paralisada.

Comunicação é referência

Espalhados pelo Estado existem diferentes grupos de pesquisa voltados às mais diversas áreas da ciência. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, a pesquisa científica se desenvolve em torno de todos os nichos do saber e não apenas sob os campos exatos ou da saúde. Este é o caso do grupo de pesquisa Observatório de Educomunicação (ObECom) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que busca investigar o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação aliadas à educação.

Na Paraíba, por exemplo, os estudos em educomunicação desenvolvidos na UFCG são referência para o avanço das estratégias educacionais envolvendo comunicação e mídia.

Outro grupo de estudos voltado à mesma temática e com igual destaque nacional é o Observatório de Jornalismo no Semiárido, da UFPB, coordenado pela professora Sandra Raquel Azevêdo e integrado, desde 2017, pelo aluno Marcelo Vieira.

De acordo com Marcelo, o foco das pesquisas é sempre um: a co-

municação pensada sob diferentes interfaces. O grupo já pesquisou educomunicação, jornalismo, gênero e, atualmente, desenvolve pesquisa voltada para o combate à desinformação durante a pandemia de covid-19.

O projeto compõe um estudo de enfrentamento à desinformação que foi contemplado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No Nordeste, a pesquisa é a única da área que se destacou e foi escolhida pela CNPq.

Envolvido há quase quatro anos no processo de pesquisa, Marcelo já percebeu as dificuldades enfrentadas na área. “A pesquisa é um serviço que a gente presta à sociedade, muitas vezes, sem remuneração. A maioria dos pesquisadores são voluntários e contribuem com a sociedade oferecendo um estudo científico; uma análise”, observa. Ele ressalta: “Além de estar lá dentro e entendermos o funcionamento do universo científico, também pegamos problemas, interpretamos (às vezes resolvemos) e devolvemos para a população”, observa.



Apesar da maior motivação ser a vontade de aprender mais, quem faz pesquisa precisa de apoio em retorno financeiro e estrutura para pesquisa

Foto: Pixabay

+ Desafios para superar as dificuldades e seguir os estudos da Matemática

Segundo o levantamento de 2020 da Shanghai Rankings - que mapeia a qualidade do ensino em universidades de todo o mundo - o Departamento de Matemática da UFPB é o melhor do Nordeste e integra a lista dos três que se destacam pela produção brasileira na área.

Jaislayne da Silva, 23 anos, é formada em Matemática pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e, movida pelo interesse que a graduação despertou, hoje faz mestrado no Programa de Pós-Graduação em Matemática da UFPB.

A jovem conta que sempre teve facilidade com cálculos, álgebra e geometria durante o Ensino Básico e Médio. Além disso, também gostava muito de resolver os problemas propostos pelos professores e pelos livros didáticos. Apesar de gostar da área, no entanto, não pensava em cursar Matemática: “Inicialmente,

meu desejo era cursar Engenharia Civil, mas minha cidade fica no interior de Alagoas e o campus mais próximo de lá não oferecia esta opção”. Como ainda não podia ir para longe de casa, ela teve que procurar por possibilidades mais viáveis e seu caminho tangenciou, novamente, a Matemática.

“Depois de quatro anos no curso, percebi que queria continuar estudando Matemática”, diz. A sede de conhecimento estava sendo, aos poucos, alimentada pela fonte do saber que a universidade pública oferece e, por isso, a jovem não conseguiu se desligar dos estudos com a facilidade que grande parte dos universitários têm: “A Matemática é uma ciência incrível, cheia de possibilidades e caminhos. É simplesmente, fantástica!”.

Segundo Jaislayne, tomada a decisão, o processo foi rápido o suficiente para não se distanciar da academia. “Concluí a gradua-

ção e em menos de 30 dias já estava tendo aulas no mestrado. Hoje, posso dizer que foi uma das melhores escolhas que já fiz”.

Parte do processo

A mestranda, que compõe a minoria feminina dos cursos de Matemática, destaca, no entanto, que o fato de ter facilidade com as ciências exatas não significa que em alguns momentos não tenha passado por provações: “Sempre haverá dificuldades, cabe a nós encontrarmos formas de lidar com elas”.

Uma das experiências desafiadoras pelas quais passou diz respeito ao fato de ter se envolvido em um mestrado de Matemática Pura e ter feito licenciatura. “Não vi muitas disciplinas necessárias para compreender as coisas que estava começando a estudar; tive que correr atrás do prejuízo, estudando por fora o que já deveria saber, passei por alguns aperi-

no início, mas logo consegui me recuperar e até então tem dado certo”, Jaislayne ressalta que hoje, concluindo o mestrado, não tem dúvidas de que a experiência foi enriquecedora.

Programas de incentivo

Interessada em continuar a jornada do saber que vem trilhando desde o Ensino Médio, Jaislayne compõe o grupo de estudantes que, atualmente, dependem do estímulo à pesquisa para continuarem desbravando o universo acadêmico. “Minhas pretensões futuras (mas não tão distantes) são de ingressar no doutorado, porém dependo de alguns fatores, como passar na seleção e conseguir bolsa”, caso não seja contemplada com uma bolsa para custear os estudos, Jaislayne conta que seus planos envolvem tentar concursos e, futuramente, voltar a pensar no doutorado.

De acordo com a Pró-Reitoria

de Pesquisa da UFPB (Propesq-UFPB), a universidade oferece 4.611 bolsas para alunos engajados em pesquisa científica. O incentivo à pesquisa é distribuído entre alunos de iniciação científica do Ensino Médio e Graduação e também contempla pessoas matriculadas na pós-graduação (Mestrado e Doutorado) como Jaislayne.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) visa não apenas fomentar a pesquisa no país, mas também viabilizar o desenvolvimento dos estudos em cada área, custeando o engajamento dos alunos. Dentre as bolsas ofertadas, 100 são em estímulo à pesquisa já no Ensino Médio, onde os alunos desenvolvem seu interesse na ciência local. A partir daí, quando essas pessoas iniciam no Ensino Superior, é possível que conheçam seus interesses e deem continuidade ao trabalho fomentado anteriormente.

Projetos que levam cidadania para quem está nos presídios

Em dois anos, foram implantados vários laboratórios de informática, fábricas, bibliotecas e ações educativas em penitenciárias

Josélio Carneiro
Especial para A União

O Planejamento Estratégico da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap) – que tem como meta tornar a secretaria referência no sistema prisional brasileiro até o ano de 2029 – já contabiliza diversos avanços nos últimos dois anos com boas práticas de reinserção social de pessoas privadas de liberdade implantadas ou programadas para acontecerem. São projetos que ofertam aos reeducandos e reeducandas a chance do retorno à sociedade com dignidade.

O secretário Sérgio Fonseca de Souza destaca que, as políticas públicas do Governo do Estado direcionadas às pessoas privadas de liberdade estão evoluindo nas unidades prisionais. No ano passado cerca de quatro mil reeducandos estiveram envolvidos em algum tipo de atividade, sendo 1.984 deles na área educacional e 1.775 em atividades como oficinas de cursos profissionalizantes e oportunidades de trabalho nos presídios ou de emprego no mercado formal através de empresas parceiras.

“Acreditamos que este é o caminho: com os três principais pilares do nosso Planejamento

Estratégico – mais educação, mais saúde e assistência social – um número cada vez maior de homens e mulheres terão a segunda chance do convívio em sociedade. E dessa forma, o Estado consegue reduzir a reincidência criminal, porque mais pessoas estarão conquistando a reinserção social”, pontuou.

Ações

Em março de 2020 foi implantado o Laboratório de Informática da Colônia Penal Agrícola de Sousa. A unidade ganhou do Centro Cultural do Banco do Nordeste 20 computadores, em parceria com a Seap. A Gerência Regional de Educação é parceira e contribuiu com a instalação da sala e as equipes de professores que ministram cursos.

Já a parceria da Seap com o Instituto Humanitas360 está assegurando a implantação de laboratórios nos 64 presídios. Por meio do projeto Lab360, a Seap recebeu 76 notebooks e mouses e 95 tablets.

No mês de abril de 2020 foi instalada a fábrica de molho de pimenta orgânica em conserva na cadeia de Solânea. O projeto será expandido a outras cinco unidades prisionais do Brejo e concorre ao Prêmio Inovare 2021.

Em parceria com o Instituto Mundo Melhor firmada em outubro de 2020 teve início a oferta de cursos profissionalizantes para reeducandos. A ação possibilita que reeducandos de todos os regimes, seus familiares, policiais penais e suas famílias possam realizar cursos de qualificação profissional e aperfeiçoamento com certificado da Unopar.

Em novembro de 2020 surgiu a Marcenaria de Móveis Rústicos e outros objetos na cadeia de São João do Cariri. No dia 30 de dezembro foi inaugurada a Fábrica de Vassouras Ecológicas no presídio Padrão de Santa Rita. Os apenados usam garrafas pet na produção.

Já a inauguração da oficina Castelo de Bonecas no presídio Feminino de Campina Grande ocorreu em 5 de janeiro de 2021 (a primeira unidade funciona no Presídio Feminino Júlia Maranhão, em João Pessoa).

Em maio passado parceria da Seap com o sistema Sest/Senat a oferta curso de mecânica de automóveis para reeducandos do presídio Padrão de Cajazeiras. Ao concluir a pena, os apenados terão um ofício para ingressar no mercado de trabalho.



Fotos: Divulgação

Número de detentos inseridos em programas educacionais cresceu; 120 passaram no Enem e 47 foram classificados no Sisu



Laboratórios de informática foram implantados em várias unidades prisionais do estado



Fábrica de molho de pimenta orgânica em conserva que funciona na cadeia de Solânea será expandida para mais cinco unidades

+ Acesso à educação ampliado

O secretário Sérgio Fonseca destaca que o momento é um marco para o Governo da Paraíba, para o Sistema Prisional. Ele parabeniza os 47 reeducandos selecionados pelo Sisu e os professores diretamente engajados “nesse processo de reinserir na sociedade pessoas privadas de liberdade que um dia concluíram suas penas e abraçaram a oportunidade da segunda chance no convívio social, no mercado de trabalho. Esse destaque da Paraíba é um dos resultados do Planejamento Estratégico da Seap que tem dentre as três estratégias investimentos em educação nas prisões”, revela o gestor.

Sérgio Fonseca acrescentou que o Governo do Estado está ampliando o acesso à educação nas unidades prisionais, melhorando a qualidade do ensino e em breve será publicizado o Plano Estadual de Educação em Prisões 2020-2024.

Se Liga no Enem

Dos 764 homens e mulheres inscritos no Enem PPL 2020, um total de 120 foram aprovados e desses, 47 selecionados pelo Sisu. Para ajudar os estudantes privados de liberdade na preparação para Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), a Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia (SEECT) em parceria com a Secretaria de Administração Penitenciária (Seap) realizou um aula para lançamento do projeto ‘Se Liga no Enem PPL - Educando para Liberdade’. A ação aconteceu em janeiro no Presídio Padrão de Santa Rita.

O projeto é uma experiência inicial no campo da Educação em presídios desenvolvida em 53 unidades prisionais no estado da Paraíba, ofereceu às pessoas privadas de liberdade (PPL) um material didático de estudos preparatório para o Enem. No total, 764 estudantes privados de liberdade entre homens e mulheres se inscreveram no Enem 2020.

Avanços

As inscrições para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos para Pessoas Privadas de Liberdade - Encceja PPL 2020, tiveram

aumento de mais de 40% em relação a 2019. A iniciativa beneficia aqueles que não concluíram o Ensino Fundamental e Médio no tempo certo e querem uma certificação. Apostilhas estão sendo elaboradas para a revisão de conteúdos no mês de outubro.

“Os números apontam que a política de inclusão social do governo para pessoas privadas de liberdade evolui a cada ano. Em 2019 foram inscritos 691 reeducandos (as). No Encceja PPL 2020 que se realiza agora, estão inscritas 1.173 pessoas, ou seja, um aumento de 41,09% em relação a 2019”, comemora o secretário da Administração Penitenciária, Sérgio Fonseca de Souza.

No Plano Estadual de Educação em Prisões a ser lançado em breve pelo Governo do Estado a estimativa é de um crescimento de 15% do número de inscrições no Encceja PPL 2021, percentual superado já agora em 2020, observa o gerente executivo da Ressocialização, João Sitonio Rosas.

As provas para o Ensino Fundamental e Médio serão aplicadas nos dias 13 e 14 de outubro de 2021, em todas as unidades prisionais da Paraíba. Os reeducandos dos regimes semiaberto e aberto da Região Metropolitana de João Pessoa farão as provas na sede da GER e os demais da cidade de João Pessoa realizarão na Penitenciária Juiz Hitler Cantalice. Em Campina Grande, os reeducandos dos regimes semiaberto e aberto farão prova na Penitenciária Agnelo Amorim (Monte Santo). Os aprovados no exame farão jus à certificação do Ensino Fundamental e/ou Médio.

Oficina Castelo de Bonecas foi instalada no Presídio Feminino Júlia Maranhão, na capital com o objetivo de ressocializar as detentas





Foto: Divulgação



A Aldeia Coqueirinho do Norte no município de Marcação tem um dos visuais mais bonitos do litoral paraibano

Histórica, cidade de Marcação possui um litoral paradisíaco

Conhecido por suas muitas belezas naturais, município é o único do país governado por uma mulher indígena

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Com apenas 27 anos de emancipação política, a pequena Marcação é sinônimo de grandes histórias do século 18, pois desde 1700 que suas terras foram 'doadas' pelo rei de Portugal Pedro II aos indígenas Potiguaras e foi um dos primeiros locais da Paraíba a ser povoado. A cidade que fica no Litoral Norte paraibano é conhecida como a cidade do Coqueirinho do Norte, por suas paisagens paradisíacas, além de ser o único município brasileiro governado por uma mulher indígena.

"Minha mãe é indígena, meus avós maternos também, e poder representar nosso povo é de grande representatividade, afinal fomos os primeiros donos do Brasil... ao mesmo tempo, é muito desafiador estar à frente da gestão municipal, pois são aldeias distintas, em que cada uma tem seus próprios costumes e culturas primitivas. Mas, seguimos adaptando as políticas públicas para que não percamos nossa identidade.

Porque mesmo sendo uma cidade de terras indígenas em sua totalidade, somos cidadãos. Maior objetivo é promover qualidade de vida para todos da cidade e mostrar que temos originalidade e os mais lindos pontos turísticos do litoral paraibano", destaca a prefeita Eliselma Silva de Oliveira.

Com pouco mais de 7,6 mil habitantes, em uma extensão territorial de 123km² e cinco quilômetros de litoral, Marcação é basicamente formada por indígenas e seus descendentes. Seu nome inicial era Demarcação, se referindo a efetivação da 'doação' feita aos Potiguaras, durante visita de Dom Pedro II à região, em 1859. Mas, logo depois prevaleceu o nome sem o prefixo (De) até os dias de hoje.

Assim como as demais cidades do Litoral Norte, Marcação iniciou seu povoamento através da implantação de uma fábrica de tecidos, no século 20, quando a cidade ainda era um distrito e fazia parte do município de Rio Tinto. Atualmente é formada pela zona urbana e 16 aldeias potiguaras: Camurupim, Trama-

+ Turismo nas aldeias e datas comemorativas

Os principais pontos turísticos de Marcação são a Aldeia Carneira, onde fica localizada a Cachoeira de Zé Furtado – por conta do assoreamento dos rios está sem queda d'água – local muito usado por banhistas e a aldeia Coqueirinho do Norte, um dos visuais mais belos do Litoral Norte paraibano, pois além dos coqueiros e o azul do mar é possível presenciar o encontro das águas entre o Rio Caieiras e o Oceano Atlântico, formando um misto de cor rosa nas águas.

Tem ainda a Aldeia Camurupim, que possui um das paisagens mais encantadoras da cidade, é a mais conhecida pelos turistas. Lá do Porto da Aldeia, as pessoas também desfrutam de passeios de canoa pelos arredores da aldeia, passando pela Ilha das Moças, Praia do Amor, berçários das tarugas marinhas e dos peixes-boi.

No local, existem muitas opções gastronômicas e atrações culturais dos povos Potiguaras.

O meio ambiente ainda segue sendo preservado no município. A 'terra dos potiguaras' possui duas reservas ambientais: a Área de Proteção Ambiental da Barra do Rio Mamanguape (APA) e Área de Relevante Interesse Ecológico dos Manguezais do Rio Mamanguape (ARIE).

Nesses espaços, os ecossistemas como manguezais, dunas, arrecifes, falésias e vegetação de restinga são predominantes e contribuem para criação de belezas naturais e manutenção da fauna e flora litorânea.

Entre as festividades e feriados municipais, o mais importante é o Dia o Índio (19 de abril), em que toda as aldeias celebram a data.

Tem também a festa da padroeira da cidade, de Nossa Senhora da Conceição (8 de dezembro), a festa de Santa Luzia (13 de dezembro), nas aldeias Ybycuara e Camurupim. Além das celebrações para Nossa Senhora dos Navegantes (15 de dezembro), na Aldeia Coqueirinho do Norte que faz procissão de barcos e apresentações culturais. Em outubro, tem a festa de Santa Edwírges, na aldeia Caieira. No mês de agosto, no dia 4, a Aldeia Três Rios comemora a 'retomada das terras indígenas.

A atividade econômica do município é baseada no serviço público, agricultura familiar e pesca. Por se tratar de terras indígenas, as atividades turísticas são mais locais, sem a presença de resorts, apenas pousadas e restaurantes familiares. Além da venda de artesanatos feitos pelos indígenas.

taia, Brejinho, Coqueirinho do Norte, Estiva Velha, Lagoa Grande, Ybykuara, Val, Carneira, Três Rios, Jacaré de César, Caieira, Cândidos,

Grupiúna, Jacaré de São Domingos e Carneira.

Para quem procura sossego e belas paisagens, a cidade é uma boa opção de passeio, pois como fica a

68,5km da capital paraibana é bem fácil de chegar, através da BR-101. As praias são um convite para a contemplação da natureza e sua vegetação formada por manguezais e

mata atlântica, em um clima de verão por quase todo o ano. Tem ainda os rios que banham as terras Potiguaras: rio Caieiras, Mamanguape, Grupiúna e Jacaré.

Foto: Divulgação



Aldeia Camurupim também se destaca pelas belezas naturais e é onde os visitantes embarcam para passeios de canoa

Foto: Divulgação



Outro belo trecho do litoral do município é a Aldeia Tramaia, uma das 16 existentes no território de Marcação



Foto: Divulgação

Obra sobre João Pessoa é ampliada e revista

Escrita por Fuba, 'Parahyba 1930' reacende a discussão sobre silenciamento da história do político que foi estopim da Revolução de 1930



Imagem: Divulgação

Entre as novas passagens da edição estão o depoimento de João Dantas após sua prisão, explicação mais detalhada sobre o contexto que levou Epitácio Pessoa à presidência, além de comentários sobre a relação entre a música 'Paraíba' e a Revolta de Princesa

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Quando João Pessoa foi assassinado na Confeitaria Glória, no Recife (PE), uma série de atos de violência sucedeu os dois tiros disparados por João Dantas. Ele mesmo e seu cunhado – acusado de ser cúmplice do homicídio de Augusto Moreira Caldas –, que estavam presos na Casa de Detenção da capital pernambucana, morreram. Suicídio, conforme a versão oficial, mas sob circunstância que suscitam muitas questões. Dúvidas que também cercam o suposto autoenvenenamento de Anayde Beiriz, poucos dias depois da morte de seu ex-companheiro.

O Coronel José Pereira, após a intervenção federal em Princesa Isabel, refugiou-se, escondendo-se no interior de Pernambuco. O ex-governador João Suassuna, pai de Ariano Suassuna, encontrava-se no Rio de Janeiro, onde ocupava mandato de deputado federal e também acabou sendo assassinado. Na capital e no interior, opositores de João Pessoa eram perseguidos como forma

de vingança, enquanto estabelecimentos comerciais que os apoiavam eram destruídos. Os dois tiros que levaram ao fim da República Velha criaram o mito de João Pessoa, em um clima de comoção, medo e silenciamentos.

Quase 40 anos após esses eventos, a curiosidade do estudante do quarto ano primário, Flávio Eduardo Maroja Ribeiro, o futuro músico e político Fuba, se deparou com a barreira desse silêncio. Foi quando o estudante de 11 anos do colégio Pio XII foi escolhido com outros quatro colegas para entrevistar o escritor de *A Bagaceira*, José Américo de Almeida – que havia sido o chefe de polícia no governo de João Pessoa. Outras pessoas presentes na ocasião queriam saber mais sobre os fatos do passado. “Depois dessa entrevista, começaram a cutucar ele: ‘Rapaz, fala um pouquinho da Revolução de 30’”, lembra Fuba, ao que o escritor teria inicialmente recusado. “Não vou falar sobre isso. É uma história muito pesada. Envolve muito sangue”.

Nesse momento, as outras quatro crianças já tinham saído

do local do encontro para brincar e só Fuba permaneceu para ouvir aquela história. José Américo de Almeida começou a responder questionamentos sobre o embalsamento do corpo de João Pessoa e a peregrinação que foi feita com os restos mortais do político por todo o país. “Mas ele sentiu que estava falando demais e interrompeu, mas aquilo ficou no meu inconsciente. Chegando em casa, eu perguntei ao meu pai e ao meu avô e eles: ‘Como você soube disso?’ E ficaram até irritados, porque era um assunto que ninguém falava. E isso aguçou a minha curiosidade, mas não tinha em livro nenhum”. O livro decidiu Fuba mesmo escrever.

Já está em processo de financiamento coletivo a segunda edição de *Parahyba 1930 - A Verdade Omitida*. A obra de 500 páginas deve ser lançada oficialmente no dia 5 de agosto e traz na sua ampliação a inclusão do depoimento documentado de João Dantas após sua prisão, uma explicação mais detalhada sobre o contexto que levou Epitácio Pessoa a presidência do país em 1919, além de co-

mentários sobre a relação entre a música 'Paraíba', de Luiz Gonzaga, e a Revolta de Princesa. O livro, originalmente publicado em 2008, faz um levantamento sobre os vários nomes que a capital paraibana possuiu na história, causou um grande fato social levando a criação de grupos de discussão sobre a volta do nome da capital para Parahyba, assim como a recuperação da bandeira do Estado.

“Eu não fiz o livro na intenção de criar esse movimento. Mas o livro fez com que o incentivasse. Muita gente me criticou na época, dizendo que eu queria mudar o nome da cidade. Ora, isso não é prerrogativa de vereador. Houve aquele impacto inicial, me chamavam de louco. Mas muitas dessas pessoas chegaram a pedir desculpas a mim”, desabafa Fuba.

Parte desse movimento se fortaleceu ante ao caráter do político João Pessoa, que foi posto em dúvida na obra. “Os irmãos o chamavam de louco. João Pessoa tentou assassinar o pai dele duas vezes. Foi preso. Mas não sou quem diz isso: eu publico a carta de João Pessoa de Queiroz, seu primo

que morou com João Pessoa durante muito tempo, e ele dá detalhes sobre o caráter do primo dele”, contextualiza. “A intenção não é difamar a imagem dele. Foi colocar a verdade dita pelos próprios familiares. Essa carta é muito transparente. A gente sabia que ele era uma pessoa difícil de conviver. Ele pegou sífilis no Pará e isso afetou um pouco o juízo”.

Em um momento em que organizações sociais se mobilizam ao redor do mundo para derrubar estátuas de líderes violentos e escravocratas, Fuba acredita que se a população tivesse mais conhecimento sobre quem foi João Pessoa, ela se envergonharia da estátua erguida na praça dos três poderes. “Eu não tenho dúvidas”, assevera. “A verdade pode demorar o tempo que for, mas ela acaba aparecendo. Só que ela apareceu muito tarde. Daqui a pouco vai fazer o centenário da morte de João Pessoa, e a imagem dele permanece nos livros de história como herói e santo”.

Sem um caráter acadêmico e não sendo historiador, o autor fala sobre sua pesquisa

de forma apaixonada e lança mão de adjetivações, apresentando seu livro como sendo uma leitura fundamental para conhecer a verdadeira História da Paraíba. “Vários historiadores, mesmo sabendo da história – não de forma tão detalhada, mas sabiam que existia algo de estranho – preferiam publicar o que os vitoriosos da revolução colocavam. E isso me causou um inquietamento”, pontua Fuba.

Não sendo analisada de forma isolada, *Parahyba 1930 - A Verdade Omitida* torna-se um elemento significativo no debate público e reflete como a memória e a historiografia podem ser construídas como um espaço de disputas para a História.



Através do QR Code acima, acesse a campanha de financiamento coletivo do livro

+ Pesquisa para o livro contou com acervo histórico do Jornal 'A União'

Os embates políticos e pessoais que levaram a Revolução de 1930 foram não apenas amplamente noticiados, mas as manchetes dos jornais **A União**, na Paraíba, e *Jornal do Commercio*, de Pernambuco, foram fatores importantes para contar os desdobramentos que culminaram no assassinato de João Pessoa e na perseguição de seus opositores políticos.

Parceria entre o autor paraibano e a Editora A União, ilustra a capa da nova edição de *Parahyba 1930 - A Verdade Omitida* o registro do momento em que são ateados fogo, em praça pública, nos pertences e documentos de João Dantas. Para Fuba, não há dúvidas que a invasão foi orquestrada por João Pessoa.

“João Pessoa invadiu a casa de João Dantas, queimou o documento dos constituintes. Pegaram a carta de Anayde Beiriz. Não as publicaram, mas colocaram em exposição”, relata o autor sobre a notícia que teve destaque em **A União** na época. “No cofre marca Torpedo

encontrado no quarto do bacharel João Dantas, a polícia achou notas redigidas pelo próprio punho do espião com a narrativa de atos amorosos pelo mesmo praticado. Tais notas não podem ser publicadas porque ofendem ao decoro comum. Mas quem

“João Dantas estava em um bonde e viu aquele jornal que, na primeira página, chamava-o de ladrão, cangaceiro e tudo mais. Dentro do conteúdo do jornal, estavam dizendo que haviam invadido a casa dele e queimado os documentos dos constituintes, encontrado-os no cofre. Ele surtou.”

quiser vê-las o pode fazer na delegacia”, conclamava o texto que classificava João Dantas como um “tarado”.

O caso de aparente vingança com intuito de humilhar

João Dantas nas manchetes de jornal contava, na mesma edição, com a informação do paradeiro de João Pessoa, que estaria também em Recife. “João Dantas estava em um bonde e viu aquele jornal que, na primeira página, chamava-o de ladrão, cangaceiro e tudo mais. Dentro do conteúdo do jornal, estavam dizendo que haviam invadido a casa dele e queimado os documentos dos constituintes, encontrado-os no cofre. Ele surtou. Na mesma hora ele desceu do bonde”, conta Fuba, citando o depoimento dado pelo advogado. “Na mesma página do jornal, havia uma notinha que informava que João Pessoa estaria em Recife para visitar o juiz federal Cunha Melo. Na verdade, muitos dizem que seria para encontrar com uma amante”.

“Foi uma lavagem de honra. Claro que teve seus motivos políticos, mas não deixa de ser um crime passionai”, classifica Fuba.



Para Fuba (foto), a invasão da casa de João Dantas e o ateamento de fogo em documentos (que ilustra a nova capa da obra) foram orquestrados por João Pessoa

Foto: Divulgação

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

A China é socialista?

A resposta a essa pergunta depende de como definimos o socialismo. Essa questão vem ganhando mais importância recentemente com o protagonismo que a China ganhou na economia e geopolítica mundial.

Uma das principais críticas à ideia de uma China socialista é a existência da propriedade privada (a terra na China pertence ao Estado) e do mercado capitalista. Realmente soa contraditório um país socialista possuir acumulação capitalista, grandes corporações privadas e um número alto de bilionários. Juntando-se isso ao forte controle político exercido pelo PCC, alguns teóricos classificam a China como um tipo de capitalismo de Estado.

O conceito de capitalismo de Estado tem seus problemas. O mais evidente é que não existe capitalismo sem Estado. Com exceção, é claro, das elucubrações mentais dos liberais. Vejamos: é o Estado que cria a moeda, o mercado, a propriedade privada e tem papel decisivo na economia através de investimentos.

É o Estado que muitas vezes financia as empresas capitalistas e as socorrem em épocas de crise. Em 2008, por exemplo, o Estado norte-americano teve um papel de grande relevância para recuperar o sistema financeiro dos EUA. O FED injetou bilhões e bilhões de dólares nos bancos.

Os que defendem que a China é de fato um país socialista, tendem a argumentar que é preciso considerar a forma histórica que o socialismo assumiu na China. A China seria uma nova formação econômico-social que combinaria socialismo com mercado.

A coexistência de modos de produção no interior de uma mesma formação econômico-social não é algo particular da China. Nos EUA, durante o período anterior à guerra civil, existiam simultaneamente formas de produção ba-

seadas no escravagismo e no capitalismo. O sociólogo Erik Wright conta que, no início do século passado, era possível encontrar na lavoura relações de classe do tipo feudal convivendo com a mais avançada produção capitalista.

Outro argumento em favor da China socialista é de ordem política. Existe uma burguesia no país, mas ela não é a classe dominante. Além disso, o sistema bancário chinês é público e o Estado controla a conta de capitais. Os ciclos de desenvolvimento são planejados pelo Estado e as principais empresas chinesas são estatais. O país combina a planificação econômica do tipo soviético com mercado capitalista.

Segundo o geógrafo Elias Jabbour, um dos principais especialistas em China no Brasil: "Existe capitalismo na China, existem formas pré-capitalistas de produção que ocupam cerca de 400 milhões de camponeses. Existe o que eu chamo de 'empresas não capitalistas orientadas ao mercado', que são um mix de propriedade coletiva, com acionistas privados e estatais – mas sem primazia de capitalistas privados."

Jabbour diz ainda que "existe o núcleo da economia composta com uma centena de grandes conglomerados empresariais estatais, um sistema financeiro de longo prazo, capilarizado e estatal. Esse núcleo eu chamo de modo de produção socialista, o modo de produção dominante. Com o poder político exercido por um bloco histórico comprometido com uma estratégia de caráter socializante, o que não exclui a existência de contradições de múltipla monta no país. Nesse 'socialismo de mercado', a capacidade do Estado de atuar na economia é quantitativamente maior e qualitativamente superior do que o verificado em um capitalismo, por exemplo."

Assim como Jabbour, acredito que estamos presenciando o surgimento de uma nova formação econômico-social de tipo socialista.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Apesar da única corda... toque-a!

Foi-se a primeira, a segunda e a terceira corda do violino de Paganini se quebra. O maestro para. A orquestra para. A respiração do público para. Mas Paganini não para. Como se fosse um contorcionista musical, ele tira todos os sons da única corda que sobrara daquele violino destruído... e nenhuma nota foi esquecida.

O compositor e violinista italiano Niccolò Paganini (1782-1840) foi um dos criadores da estética musical romântica. Paganini é considerado um dos que mais dominaram a técnica do staccato e pizzicato. As suas composições eram são consideradas quase impossíveis de serem tocadas por outros violinistas. Ele tinha dedos longos e era capaz de tocar três oitavas em quatro cordas em uma mão. Paganini tocou com muita velocidade e executou passos longos com acordes que cobriam as quatro cordas, alternava rapidamente as notas tocadas com o arco e dedilhava as notas com a mão esquerda. A sua técnica era exagerada e suas violentas performances quase sempre terminavam com o rompimento voluntário e progressivo das cordas. Por ter revolucionado a arte de interpretar o violino, Paganini deixou a o seu 'Caprice N.º 24' como exercício e inspiração para outros virtuosos. Ele compôs peças para ban-dolim, violão, viola, fagote e duetos para violino e violão e composições para quarteto de cordas. A maioria das peças de Paganini foram escritas para violino, entretanto diversas obras para violino e orquestra possam fazer parte das suas peças. Sendo um dos primeiros instrumentistas do romantismo musical, Paganini mostrou aos compositores e instrumentistas uma nova técnica de explorar um instrumento, isso influenciou muitos compositores eruditos.

Paganini, quando criança, estudou violino pressionado pelo próprio pai, sob ameaça de castigos severos. Aos sete anos, aprendeu violino com professores Giovanni Servetto e Giacomo Costa. Naquele ano de 1790, Paganini compôs sua primeira peça, a 'Sonata para Violino'. Seis meses depois, fez sua primeira apresentação pública como instrumentista ao interpretar um concerto do compositor francês de ascendência austríaca Ignaz Pleyel (1757-1831), numa igreja católica. O progresso de Paganini foi muito rápido e suas habilidades



Foto: Divulgação

"(Niccolò Paganini) tira todos os sons da única corda que sobrara daquele violino destruído"

ultrapassaram a de seus professores. A partir de nove anos de idade, ele foi para Parma a fim de estudar com o famoso violinista italiano Alessandro Rolla (1757-1841), e, após de ter executado o concerto de Alessandro à primeira vista, esse professor aconselhou-o a continuar os seus estudos em composição com o italiano Ferdinando Paër (1771-1839). Paganini, aos onze anos de idade, ficou conhecido como um dos mais virtuosos violinistas da história da música erudita e compôs peças complexas.

No ano de 1799, a virtuosidade de Paganini já era conhecida em várias cidades da Europa e sempre esteve em companhia do seu pai. Aos 17 anos, ele escreveu os primeiros 'Caprices para Violino sem Acompanhamento', de uma coletânea de 24, que só foram concluídos em 1802. Essas composições foram compostas como exercícios para aperfeiçoamento da técnica de execução, que se tornaram de grande importância no repertório da música erudita.

A vida de Paganini, a partir dos 19 anos, foi dedicada ao jogo e diversões noturnas. Em 1805, ele se tornou mestre de violino do Príncipe de Luca, o Felice Baciocchi (1762-1841), que foi político e General e Príncipe do Império de origem da família corsa, também cunhado de Napoleão

Bonaparte (1760-1821). Paganini exerceu as funções de professor do príncipe, diretor e primeiro violino da orquestra da corte. Em 1808, ele voltou à vida nômade de concertista-taem toda a Itália.

No ano de 1813, ele estreou no Teatro Scala de Milão e naquele programa incluía a sua peça 'As Feiticeiras', que foi baseada na sinistra história de uma dança de bruxas, no balé 'A Nogueira de Benevento', do compositor austríaco Franz Süssmayer (1766-1803). No ano de 1815, Paganini esteve em Veneza onde conheceu a cantora e dançarina Antonia Bianchi, com quem passou a viver e foi sua companheira por toda a Itália enquanto dava recitais. Em 25 de julho de 1821, nasceu o seu único filho com Antonia. Em 1822, Paganini é diagnosticado com sífilis foi tratado à base de medicamentos contendo mercúrio e ópio, o que gerou graves consequências físicas e psicológicas. Somente em 1828, ele saiu da Itália para uma viagem de concertos em Áustria, Alemanha, França e outros países, e sempre com grande sucesso.

Ele chegou a Paris no ano de 1831, onde surgiram novas lendas demoníacas sobre a sua virtuosidade, que foram silenciadas depois de apresentar um recital com fins beneficentes. Naquela época, em 1832, Paganini percorreu 30 cidades e deu 65 recitais na Irlanda e na Escócia. Naquele ano, em Londres, recebeu o título de Doutor em Música pela Universidade de Oxford. Aos 58 anos de idade, Paganini estava em Nice, na França, quando um violento ataque de tosse lhe causou uma sufocação mortal. Os seus restos mortais circularam por vários cemitérios devido às lendas demoníacas em relação a imagem de violinista virtuoso de Paganini, entretanto, no ano de 1896, o seu corpo foi levado definitivamente para o cemitério de Parma, na Itália, a pós a concessão especial do Papa Leão XIII.

■ Sinta-se convidado a audição do 326º Domingo Sinfônico, deste dia 11, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição irei apresentar o virtuoso violinista e regente italiano Salvatore Accardo (1941). Ele vai interpretar peças do romantismo italiano do século 19 do compositor italiano Niccolò Paganini.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Carta de amor

(Para Jória e Clarice)

Escrevo essa carta de amor, para ser redundante: amor por vocês, Jória, Clarice e Galvão.

Escrevo nesta quarta-feira, dia 7, com a respiração acelerada e os soluços, convencido de que ainda sou uma criança. Escrevo porque me sinto regressando no tempo, sem possuir, nem ter ciúmes da valorosa amizade que nos uniu, eu, vocês duas e Galvão.

Não escrevo por algum certo dom das palavras, elas estão aí no idioma. Escrevo com lágrimas porque não é muito cômodo na minha idade cobrir o rosto pra chorar.

A minha alegria não é maior que minha dor, que chega numa luz cortada e, por isso mesmo, nunca descobri que sou um anjo. Não sou. Sou um velho dotado de asas, muito embora já calejadas.

Escrevo por vocês que formavam um trio, agora um duo, um par de mulheres bem dispostas, inteligentes e bem resolvidas. Escrevo como se estivesse em outro país, não o nosso, que nos assusta e me envergonha.

Escrevo para dar notícias, ainda não alvíssaras, para lembrar uma canção que andei cantando, embora não sabemos se em Marte ou Eldorado – "Abraço de anos-luz / Que nenhum sol aquece".

Escrevo porque sou exatamente assim: um homem que aprendeu a ser despreendido, a ser mais comedido, nunca um paradoxo existencial, banal, feito de aparências que enganam.

Escrevo por Clarice, que vi crescer, e acompanhei um pouco o romance entre sua mãe e seu pai. É que eles combinavam, a coisa do oráculo e eu festejava essa descoberta.

Escrevo apenas na possível e impossível possibilidade de aceitarmos a transição que nos arrasta há milênios, quando perdemos pai e mãe, marido e mulher, filhos e irmãos, amigos, como uma braçadeira envergando muitas estrelas e as pontas que nos ligam.

Escrevo para repartir sentimentalidades. Devo ter nascido assim, já que sou o caçula, com o hábito de estar presente na vida de muitos, para quem eu chamo de minha família – vocês. Faço isso com outras pessoas, mas nem tantas.

O conteúdo deixado por Walter Galvão vai além de nós, além do óbito, do meu estômago tão ácido, de quem já não aguenta mais ver desaparecer os homens da minha vida.

Abraçei meu filho Vítor e disse a ele que eu tinha perdido meu Carnaval e ele riu para me satisfazer com sua juventude, e que eu sobrevivesse a outros Carnavais...

Escrevo para dizer a vocês que eu não tenho mais pedras no caminho e que embora sozinho, eu simbolizo as quedas, mas demoro a dar a volta por cima. Não existe o dar a volta por cima, quando perdemos uma pessoa como Walter Galvão. Existem as voltas no tempo, as voltas que o mundo dá.

Escrevo por quaisquer outros propósitos, escrevo o que aprendi com WG, muito mais que todas as escolas. Sou eu o porto, sou eu a vela, sou o barco e por isso sei que estamos juntos. O mar é nosso, Jória e Clarice, muito embora tudo me pareça tão chato, tão aborrecido.

O nosso amor é semelhança, é pele ou é qualquer outra forma de transcender. O nosso amor vai crescer mais, vamos ficar mais fortes, vamos circular na praça, vamos fazer graça, vamos jogar fora o moinho.

O melhor é ficarmos em paz, juntinhos, com os nossos animais, nunca ausentes da vida um do outro, porque não haveremos de esquecer que é "Provocando que a gente se entende", né Walter Galvão?

Kapetadas

1 - Nas manhãs com neblina, ainda vejo WG correndo na praia do Cabo Branco. Ele ficou ali.

2 - Há séculos discutem o valor da vida humana. Há séculos eu havia descoberto Walter Galvão.

3 - Som na caixa: "Ni más luciera caballero, En tu andar andar reluce la acera al andar andar, Caballero, Caballero de fina estampa", Chabuca Granda.



Foto: Arquivo Pessoal

Jornalista Walter Galvão ao lado da filha Clarice e da esposa Jória

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação



Cena que retrata o desembarque dos primeiros ingleses no litoral da Virgínia, EUA, em 'Saints and Strangers'

Netflix resgata, em seriado, conquista da Virgínia/EUA

Um galeão zarpa da Inglaterra e cruza o Atlântico Norte com destino às terras da Virgínia, na Costa Leste dos Estados Unidos. A missão é meramente comercial, mas traz ainda na sua tripulação muitos peregrinos ingleses, entre eles mulheres e crianças, para se fixarem no Novo Mundo, criando mais uma comunidade virginiana e novo domínio da Coroa Britânica. O desembarque se dá no final de 1620, na acidentada costa americana, iniciando um conflito armado com os nativos da região.

Dentre os imigrados, um missionário que busca sempre a ordem entre ingleses e indígenas, pacificando os ânimos nas novas terras e realizando o primeiro Dia de Ação de Graça. A partir de então, os acordos comerciais, em escambo (aos ingleses, *barter*), são praticados amplamente, que é a troca de produtos, ainda de bens e serviços, pela falta de culturados nativos sobre o conhecimento do dinheiro. Uma tradição remota, que nos lembra muito bem o escritor Alvin Toffler no seu admirável *A Terceira Onda*, que descreve o escambo como sendo a

“primeira onda” no mundo dos negócios, entre os povos antigos.

Este é o tema básico de *Saints and Strangers*, que traz a direção de Paul Edwards e grande elenco. Uma produção americana em minissérie de apenas dois capítulos, lançada pela Netflix em 2015, já disponível pelo *streaming*. Um seriado que nos lembra alguns filmes também de temas parecidos, como é o caso de *A Missão*, de Roland Joffé, com excelente atuação de Robert De Niro, e que se passa na Amazônia. Ainda, *1492: A Conquista do Paraíso*, de Ridley Scott, com o francês Gérard Depardieu, além de outros.

Mas, há motivos bem pessoais que me fizeram embarcar nessa caravela peregrina do diretor Edwards: inicialmente, porque admiro a História das Civilizações; depois, em razão de algo bastante oportuno que seria falar sobre as origens do Estado da Virgínia, nos EUA, onde reside há alguns anos – e como ela mesma afirma: “Moro ao sul do Rio James, em Midlothian” – a minha prima Sônia, com quem sempre mantenho contatos pelo WhatsApp.

Pois bem, Soninha, se ainda não viu, assista à série *Santos e Estranhos*. Cujas narrativa é bastante linear e compreensível, bem peculiar de um filme de longa-metragem, trazendo dados bem pertinentes à época das grandes navegações e aos desembarques de colonizadores no Continente Americano. Sagas que, no caso desse seriado, ocorrem entre a Virgínia e Massachusetts, este que fica situado mais ao norte da Costa Leste americana.

Conforme dados da sinopse do seriado, existem fortes embates sobre valores, nas questões sociais, culturais e nas relações entre imigrados e os indígenas da região, por desentendimento das línguas faladas pelos grupos, evitando os acordos pela ocupação das terras e meios de sobrevivência.

Em razão disso, “Lealdades em conflito culminaram questionamentos de fé, de ideologias e de compromisso, que perduraram até que se definisse a nação norte-americana atual”, segundo os informes do próprio filme. – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alexantost.com.br.



APC: nota de condolências

A Academia Paraibana de Cinema (APC), através de sua presidência e em nome de toda diretoria, lamenta a morte do jornalista Walter Galvão, membro da APC, Cadeira 11, cujo Patrono é o fotógrafo Ruker Vieira.

Walter Galvão faleceu na última quarta-feira em um dos hospitais de João Pessoa, vítima de câncer. No cinema, ele teve participação apenas na crítica especializada, sendo diretor de programação da TV Correio e diretor geral da TV Cidade de João Pessoa, segundo dados da sua biografia.

Em cartaz

ESTREIAS

INVOCAÇÃO DO MAL 3 - A ORDEM DO DEMÔNIO (The Conjuring: The Devil Made Me Do It. EUA. Dir: Michael Chaves. Terror. 14 anos). Ed e Lorraine Warren (Patrick Wilson e Vera Farmiga), os famosos investigadores paranormais, se afastam dos casos de casas mal-assombradas para investigar o primeiro caso na história dos Estados Unidos com uma pessoa se defendendo de uma acusação de homicídio com alegação de ter sido possuído pelo demônio. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 20h50; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 14h55 - 19h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h55 - 20h.

OS CROODS 2 - UMA NOVA ERA (The Croods: A New Age. EUA. Dir: Joel Crawford. Animação, Aventura e Comédia. Livre). Em busca de um habitat mais seguro, os Croods descobrem um paraíso que atende todas as suas necessidades. Entretanto, outras pessoas já moram neste lugar: Os Bettermans, uma família que se considera melhor e mais evoluída. À medida que as tensões entre os novos vizinhos começam a aumentar, uma nova ameaça impulsiona os dois clãs

em uma aventura épica que os força abraçar suas diferenças, extrair forças um do outro e construir um futuro juntos. CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h50 - 16h10 - 18h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (dub.): 13h (somente sáb. e dom.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h45 - 16h - 18h15; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 17h05; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h40; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h40; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h05.

VELOZES E FURIOSOS 9 (F9 The Fast Saga. EUA. Dir: Justin Lin. Ação e Aventura. 14 anos). Dominic Toretto (Vin Diesel) e Letty (Michelle Rodriguez) vivem uma vida pacata ao lado de seu filho Brian. Mas eles logo são ameaçados pelo passado de Dom: seu irmão desaparecido Jakob (John Cena). Trata-se de um assassino habilidoso e motorista excelente, que está trabalhando ao lado de Cipher (Charlize Theron), vilã de Velozes & Furiosos 8. Para enfrentá-los, Toretto vai precisar reunir sua equipe novamente, inclusive Han (Sung Kang), que todos acreditavam estar morto. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h45 - 16h45 - 19h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (leg.): 15h15 - 20h20 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h15 - 17h30 - 20h45; CINE SERCLA

TAMBIA 2 (dub.): 15h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h15; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h30 - 19h15; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 17h30 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 19h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h.

VIÚVA NEGRA (Black Widow. EUA. Dir: Cate Shortland. Ação e Aventura. 12 anos). Ao nascer, a Viúva Negra, então conhecida como Natasha Romanova (Scarlett Johansson), é entregue à KGB, que a prepara para se tornar sua agente suprema. Porém, o seu próprio governo tenta matá-la quando a União Soviética se desfaz. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 13h30 e 16h30 (dub.) - 19h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h - 17h - 20h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub.): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (leg.): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 14h - 17h - 20h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h30 - 16h30 - 19h30; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 15h - 18h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 18h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h30 - 17h - 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (leg.): 19h.

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344-5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaíra (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Edinaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Mulher é milagre!

O masculino é o maior espaço de fragilidade e solidão. Morremos primeiro e nunca fomos maiores nem melhores em nada. Não sabemos muito. Nosso poder é ilusório. Nossa força é cega. Exceções existem. Só confirmam a regra.

Não vivo isso com angústia nem ressentimento. Vivo com certeza. Apenas constato uma verdade elementar. Um fato. E contra fatos não há argumento.

Aprendi, já faz tempo, que o melhor de mim está no ingrediente feminino de minha natureza. É com ele que dialogo, por exemplo, com a pluralidade dos seres e das coisas. Com certas cenas do passado, com certas criaturas que amo, com a casa, com o lar, com a família, este coração oposto ao mundo, no dizer do poeta.

Não raro, esse diálogo se encaminha para uma zona fronteiriça, entre a realidade e a fantasia, e se converte em possível expressão poética. Ele aparece aqui e ali quando a poesia me toca e me massaca, com seu fogo suave e sagrado. A poesia é mulher; a poesia é o sabor feminino tocando o imo das coisas, o intransferível idioma do que dura e permanece.

Lembro da ternura e da fortaleza de uma única mulher. A que me criou vendendo leite à beira do curral. No curral reinava Labirinto como um topázio enfeitando a terra. Mas era Neblina que dava as cartas com a feminilidade de sua delicada sabedoria.

Depois de Neblina, a quem lia amorosamente à sombra da cerca, perto do moirão, veio Cecília, suas ilhas, seus mares, sua geografia inefável e encantatória. Depois de Cecília, veio Adélia, com seus anjos domésticos, com o marido pacificado, com a volúpia da santidade. Depois de Adélia vieram tantas, cortando a encruzilhada dos caminhos, e já nutrindo as sílabas sagradas de Sílvia, de Marianne, de Elizabeth, de Clarice, de Virgínia, na inauguração de um novo olhar sobre as brumas do mundo e da vida.

Tudo, mulher. Voz de mulher. Educação de mulher. Cheiro de mulher. Poesia de mulher.

O sol, que comanda a jornada das estrelas, tem o feminino como luz. A luz é mulher. Por isso o universo ainda brilha; por isso as palavras refletem o aroma da primeira e da última forma no cenário da linguagem; por isso os coágulos da água cintilando em seus corpos; por isso os óleos essenciais de suas carícias insubstituíveis. A mulher é história, é remorso, é culpa, é transbordamento, é êxtase.

Houve as irmãs, as primas, as tias e uma difusa noção de calor e de secreta aflição. Houve as amigas, as amadas, as esquecidas, e uma estranha didática do desconhecido e da beleza. Seres esquivos, inapreensíveis, indispensáveis, as mulheres. Sei que existem um tratado e uma cartografia que podem nos levar, no nosso desamparo, ao refúgio de sua sensibilidade e ao pasto de sua generosa sapiência.

Flaubert criou Madame Bovary; Tolstói, Ana Karenina; Machado de Assis, Capitu; Guimarães Rosa, Diadorim; Clarice Lispector, Macabea... Mulheres imaginárias e mais reais que as reais feitas de neutralidade e silêncio. Não importa se cada uma, a seu modo, se transformou numa espaçonave desorbitada e sofreu com seu destino. Importa apenas a gotícula de divindade que corre em suas veias femininas.

Yin e yang, dizem os orientais. Parcelas de um mesmo corpo, esferas da mesma alma. Elas não se repudiam. Elas se completam. Assim, só serei mais homem, se for mulher. Só serei mais mulher, se for homem. A natureza nos une na mesma substância informe e imperfeita. Um precisa do outro. Ou melhor, da outra. Ninguém existe sozinho.

O homem não tem saída. A não ser pela sensibilidade. Pensei, em certa época, pela inteligência. Mas a inteligência é pouca para enfrentar a dor. Verdade: somos desamparados demais. Talvez encarar esse desamparo com serenidade e coragem seja o que nos resta para merecermos a felicidade.

Se Deus existe, penso: é mulher. Como homem, careço de Deus. Como homem, careço da mulher. Se Deus existe, é vazio e perfeito. Preciso preencher, portanto, esse vazio, essa perfeição, com a eucaristia do meu amor. Sim, porque a mulher existe e é milagre!

(Em tempo: a coluna de hoje é dedicada à memória de minhas avós, Odir e Joana, e a Lara, minha netinha, para toda a vida.)

Poder, desejo e ética se mesclam em novo filme de Heitor Dhalia

No longa-metragem 'Anna', cineasta pernambucano traça embate entre razão e consciência com Shakespeare de fundo

Luiz Zanin Oricchio
Agência Estado

Uma atriz novata deseja interpretar Ofélia numa montagem de *Hamlet*, mas precisa convencer o diretor de que é capaz de sustentar a personagem. Esse é o ponto de partida para o novo longa-metragem de Heitor Dhalia.

Em *Anna* temos o ambiente do *backstage*, como em *Tio Vânia em Nova York*, de Louis Malle, ou *Moscou*, de Eduardo Coutinho. Não se trata de comparar filmes incomparáveis, mas constatar que neles há, em comum, a convicção de que a cena teatral se espraia para além do palco. Vida e arte se entrelaçam, na suposição de que a vida seja teatro, e vice-versa. Ou que a vida seja sonho, seguindo o mote de *Calderón de la Barca*. Atuamos para plateias insatisfeitas e talvez não haja aplausos na descida do pano.

Na interseção entre os dois planos – do 'real' e da 'ficção' – esses filmes encontram seu élan vital. E quanto à peça escolhida, tida como o ápice de Shakespeare? Bem, os grandes textos vivem através dos séculos porque falam de nós, geração após geração. Os dramas de atrizes e atores em busca de



Foto: Divulgação

Personagem-título (Bela Leindecker) deseja ser Ofélia em 'Hamlet', mas terá de convencer um encenador famoso (Boy Olmi) que está apta para o papel

seus personagens são também os nossos, à procura de nossos papéis na vida.

Anna (Bela Leindecker) deseja ser Ofélia, a moça que se suicida na tragédia do Príncipe da Dinamarca. Terá maturidade para o papel? É do que ela terá de convencer Arthur (Boy Olmi), encenador famoso, destro na arte da manipulação e escaldado por uma montagem fracassada da mesma peça. Ele é um homem maduro; ela, uma garota.

Várias linhas podem se cruzar nesse vislumbre de bastidores. Poder, desejo e ética mesclam-se a senti-

mentos mais pedestres como a rivalidade entre colegas e oportunismo profissional. Nem sempre o comportamento entre as pessoas espelha a grandeza dos sentimentos associados à arte. Mesmo porque Shakespeare, que está por trás da história contada em *Anna*, não costuma nos dar lições banais de moral. Seus personagens são tudo menos exemplares, no sentido mais vulgar do termo. Saímos tocados e transformados de suas peças porque nos reconhecemos na complexidade de cada um e nas contradições humanas que vemos no palco.

Daí podermos entender algo menos difícil, que é a determinação da atriz novata em viver um papel difícil e fazer carreira. E as motivações, nem sempre claras, nem sempre benévolas, do diretor veterano. Este é um velho lobo abusivo, mas também artista no melhor sentido do termo, capaz de tudo para corresponder ao desafio ético da arte que abraçou.

Claro que, de imediato, se poderá associar *Anna* às pautas contemporâneas sobre relacionamentos tóxicos. E não há dúvida que obras de arte são sempre contemporâneas, comentam, dire-

tamente ou a contrapelo, o tempo em que são feitas. Há, então, algo que remete ao #MeToo nessa relação feroz entre Arthur e Anna.

Mas limitar-se ao mais evidente e atual seria perder um pouco da sombra enorme que *Hamlet* projeta sobre esta obra cinematográfica e sobre nossa cultura. Afinal, a peça atravessou séculos sendo um fenômeno de popularidade por uma série de bons motivos estéticos e também porque dramatiza algo crucial em nossa civilização – o conflito entre consciência e ação, como assinalou o crítico Northrop Frye.

A consciência nos faz covardes, refletiu Hamlet, mas só ela é capaz de evitar que a ação se torne insensata e pura brutalidade, sobretudo em reinos apodrecidos. É quando o dilema moral passa a fronteira e invade o campo da política, a esfera do poder. Quer coisa mais atual?

Foto: Divulgação



Filme de Dhalia pode ser associado às pautas atuais sobre relacionamentos tóxicos

Festival Internacional de Música encerra 12ª edição hoje

Como forma de ampliar as atividades do Festival Internacional de Música de Campina Grande, o evento anuncia neste domingo, no encerramento da 12ª edição, o lançamento da Escola Fimus, instituição que cumprirá uma função social de formar músicos.

Desde a semana passada, o festival apresenta concertos gratuitos que acontecem de forma on-line, com transmissão através do canal no YouTube do evento. Ao longo da semana, foram apresentações

de grupos oriundos dos Estados Unidos, Costa Rica, Portugal, dentre outros países.

Sobre a Escola Fimus, serão cadastrados os alunos para aulas de flauta doce e de canto que começaram em setembro, duas vezes por semana (terças e quintas), nos turnos da manhã e tarde, de forma presencial nas escolas cadastradas, e on-line, através de transmissão de videoconferências. As informações são de Vladimir Silva, um dos idealizadores do festival e diretor artístico do evento.

Misturando o som europeu e africano, o MFM Trio (Mali, França e Madagascar) encerrará a edição, a partir das 17h30.

Para compor o grupo, três músicos de nacionalidades diferentes vindos da cidade de Gien, na França, se encontraram e decidiram criar um novo repertório. Nicolas Vicquenault, idealizador da iniciativa, convidou Charles Kely e Oumar Kouyate para compartilhar seus diferentes universos musicais, numa mistura de culturas, instru-

mentos e vozes. Entre jazz, improvisações e *world music*, eles embarcam em uma rica viagem sonora.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Fimus 2021



Misturando o som europeu e africano, projeto MFM Trio se apresentará virtualmente

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Uma das minhas obrigações musicais



Imagem: Divulgação

Sempre cumpri minhas obrigações sazonáveis com a memória do lado vanguardista da denominada música popular brasileira (que hoje é arremessada numa esculhambação que nada tem de anarquista, mas de conservadora ao extremo, ditada por um mercado equivocado).

Minha obrigação sazonal deste agosto de poucas chuvas é lembrar que Walter Franco e Arrigo Barnabé (foto) foram, em nível nacional, no espaço fora dos territórios baianos, paraibanos e pernambucanos, as figuras de maior expressão na fase em que o tropicalismo foi diluído.



Foto: Divulgação

Walter Franco foi o primeiro e o menos "musical" (quando se conceitua música de acordo com as exigências de determinados padrões de melodia e harmonia).

Um poeta processual por natureza, aqui e ali bebendo também um pouco no concretismo, Walter decidiu penetrar mais naquela linha tão explorada por Caetano Veloso em seu antológico 'Araçá azul'. 'Cabeça' foi o exemplo típico da circulação vanguardista de Walter na diluição tropicalista, com sua pergunta-chave: "Que é que cê tem nessa cabeça, irmão?".

Arrigo transformou-se no líder da vanguarda atuante na "pauliceia". Foi naquele festival da Tupi, em 79, que surpreendeu os telespectadores fiéis à MPB com sua anárquica 'Sabor de veneno'.

A carreira posterior de Arrigo – lançando coisas tão diversas como uma valsa dissonante ('Londrina'), o frankzappiano 'Tubarões voadores' e trilhas sonoras de alguns filmes (como *Cidade Oculta*) – o consolidou como um dos músicos de extrema competência que o Brasil fez nascer.

Está cumprida mais uma das minhas obrigações sazonáveis musicais.

Se vivo fosse

Na primeira semana de março de 1991, Gonzaguinha esteve em João Pessoa, não para fazer shows. Ficou três dias no Sol Mar Hotel, na Ruy Carneiro, onde hoje funciona um colégio.

Desde 1980 que Gonzaguinha morava em Belo Horizonte, com a mulher e a filha. Deixara o Rio de Janeiro por não suportar mais a "extrema agitação" da metrópole. No final dos anos 80, decidiu sair da capital mineira para morar em João Pessoa. Disse-me, por telefone, que BH – onde fazia também um programa de rádio – já estava para ele tanto quanto o Rio.

Adorava João Pessoa e veio aqui com privacidade para conhecer melhor a cidade e escolher um bairro que o agradasse, a fim de fixar residência. Eu e o artista Unhandeijara Lisboa fomos cicerones e o levamos a alguns bairros, menos na praia, pois Gonzaguinha não queria morar no litoral. Enfim, gostou muito da área

entre o lado sul do Espaço Cultural e a Avenida Beira-Rio.

Naquela época existiam ali muitos terrenos não vendidos, onde não começaram construções. Nos autorizou a conversar com proprietários e corretores de terrenos ou boas casas desocupadas, para começar a morar aqui em 1992. Faltou dizer: eu, ele e Nandi passamos uma tarde bebendo num bar da Torre.

Praticamente dois meses depois, aconteceu a tragédia que deixou em luto profundo a música popular brasileira.

Depois de uma apresentação em Pato Branco, já de madrugada, não quis dormir na cidade paraense.

As sete e meia da manhã de 29 de abril de 1991, foi vítima de um acidente automobilístico enquanto dirigia o carro em direção a Foz do Iguaçu. Estava com 45 anos.

Sei que, se Gonzaguinha vivo fosse, agora com 71 anos, começaria tudo outra vez.

Novos concursos voltam a estimular estudantes na PB

Estado conta com pelo menos quatro editais abertos que somam mais de 900 vagas para servidores públicos

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

O concurso público é uma das formas mais desejadas por parte da população para o ingresso no mercado de trabalho, principalmente por conta da estabilidade. De acor-

do com dados do Cadastro Central de Empresas (Cempre) de 2019, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 7 milhões de brasileiros são servidores da administração pública, representando 14,57% da população empregada. Atualmente, conforme

Fotos: Arquivo pessoal



Formada em Direito, Ingrid Bandeira estuda para os concursos voltados à carreira policial

Estabilidade

Garantir a manutenção do emprego ainda é o principal estímulo para os concurseiros

informou a Secretaria de Estado da Administração, a Paraíba possui 125.191 servidores públicos, somando a administração direta, indireta, inativos e pensionistas.

O período de pandemia manteve o lançamento de editais suspensos, assim como a realização de provas. Para alguns, essa fase causou ansiedade e os adiamentos trouxeram desmotivação. Por outro lado, há quem tenha aproveitado o tempo em casa para intensificar ainda mais os estudos. Agora, a Paraíba retoma a execução regular das provas e os chamados concurseiros voltam às

preparações. No momento, existem quatro editais abertos que somam mais de 900 vagas distribuídas entre a Fundação Saúde PB, a Prefeitura de Bayeux e a Procuradoria-Geral do Estado da Paraíba.

“A retomada significa não apenas a continuidade do serviço público em virtude do investimento em capital humano, por meio da aferição das competências profissionais, mas, especialmente, a garantia de princípios constitucionais como a legalidade, a impessoalidade, a moralidade, a eficiência e a publicidade, além de um direito democrático que viabiliza a integração do cidadão aos quadros do Estado”, destacou a professora de curso preparatório, Paula Miguel.

A ausência de editais causou certa impossibilidade de repor a demanda por pessoal em serviços de diversas áreas, “o que inviabilizou a continuidade do serviço público com mais estrutura e

eficiência”, conforme pontuou Paula. Durante o período da suspensão dos concursos também houve uma estagnação nos vencimentos dos servidores que está diretamente relacionada ao congelamento dos salários nas esferas municipais, estaduais e federal, além dos membros do Executivo, Judiciário e Legislativo, até dezembro deste ano como forma de enfrentamento à covid-19 pelo Governo Federal.



Professora Paula Miguel orienta concurseiros a ter disciplina na hora de organizar os estudos para disputar uma vaga no serviço público

+ Falta de editais preocupou concurseiros

Mesmo que os estudos tenham seguido à sua maneira, a estudante de Jornalismo, Glauy Grangeiro, afirma que os adiamentos lhe causaram certo desânimo. “Durante o ano de 2020, o número de editais lançados aqui no Estado diminuiu. Alguns foram lançados, mas com toda essa situação da pandemia acabaram sendo adiados e remarcados. De certa forma, isso influencia um pouco no ritmo de estudo, porque quando eu estava engajada com ele, veio um, dois ou até três adiamentos, o que acaba desmotivando e modificando a forma de estudar”, relata.

Com a retomada, o cronograma de estudos voltou ao normal e a jovem conta que se

dedica com videoaulas e aulas gratuitas no YouTube, além da resolução de questões. Mas, somada à preparação intelectual, é necessário preparo emocional. “É como escalar uma montanha a cada dia, tem dias que chegamos mais perto do topo, outros dias pisamos em falso e escorregamos. Toda essa situação e isolamento nos faz refletir sobre o contexto político e social do país, o que às vezes influencia diretamente no ânimo para os estudos”, comentou Glauy.

Rafaelly Barbosa, de 23 anos, está se preparando para tentar seu primeiro concurso e também usa a internet, em casa, como suporte. Para a jovem estudante de Direito, a estabilidade é o prin-

cipal incentivo. “Hoje, a gente vive num país onde as vagas de emprego estão difíceis, mesmo com qualificação. A chance de você ter um salário certo no final do mês chama a atenção. A pandemia fez chegar uma nova perspectiva, essa de que estar concursada traria segurança”, explicou.

A preparação acontece em meio ainda a pandemia da covid-19 que influencia na dinâmica do cotidiano e também afeta o emocional. “Estamos lidando com tantas pessoas morrendo, essa loucura da política brasileira e aí a ansiedade é potencializada. Vem também a insegurança, o ‘e se’ com relação à abertura de editais... São diversos fatores”, comentou Rafaelly.

Preparação necessita foco

Outras pessoas buscam o suporte em mentorias destinadas às áreas dos concursos almeçados, como é o caso de Ingrid Bandeira, de 25 anos. Nos estudos desde dezembro do ano passado, ela também busca a estabilidade e o cenário de desemprego que a pontapés para a jovem começar a preparação para prestar concurso em carreiras policiais.

“A estabilidade é a principal causa de eu estar estudando para concurso. É ver que eu não vou perder meu emprego, que será um bom emprego e vou trabalhar com

o que gosto. A pandemia me fez abrir os olhos para o que realmente importa, que é o estudo. Aproveitei esse tempo em casa para estudar e esse período acabou sendo produtivo, porque ajudou na minha preparação”, enfatizou Ingrid.

A professora Paula Miguel dá dicas para quem está em preparação. “Ter foco, disciplina e constância, dedicar-se aos estudos, ter em mente a área que pretende trilhar, além de um bom cronograma e ser acompanhado por uma boa equipe de professores, cuidar do corpo e da mente por meio de atividade física”, finalizou.

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Precisamos de uma força tarefa para vencermos os desafios

É necessário e urgente que se crie em nosso Estado uma verdadeira força tarefa para planejarmos estrategicamente as ações que poderão vencer os tantos desafios que geram grandes dificuldades e preocupações, sobretudo, o agravamento de problemas decorrentes desta pandêmica crise.

Precisamos realizar uma competente leitura de cenários para o entendimento do presente e visualização do futuro, com bases sólidas e científicas, tendo como marco a mudança que, no passado e mais ainda no presente e no futuro, será possivelmente o único evento que é eterno e permanente.

É importante que as organizações contemporâneas, a cada dia e com maior frequência, se utilizem de informações e de dados estratégicos como matéria prima essencial para o conhecimento necessário à consolidação de suas existências e finalidades enquanto agentes de transformação da sociedade. Apenas possuir um amontoado de conhecimentos, por si só, não assegura garantia de eficiência, de eficácia e muito menos de efetividade no cumprimento da missão institucional.

As definições de políticas de investimentos em tecnologias inovadoras, processos produtivos, estratégias de conquistas e expansão de mercados, capacitações, acesso a créditos com menor burocracia e juros suportáveis, além de uma justa carga tributária, deverão embasar uma formulação planejada e estratégica para que a Paraíba alcance novos padrões de desenvolvimento.

Para tanto, não podemos esquecer um elenco de desafios que persistem e de certa forma até podem nortear determinadas estratégias de superação. Como resolver questões no âmbito social e econômico, que revelam, por exemplo, uma alta concentração de pessoas sem renda e com renda até um salário mínimo, principalmente no campo.

Do ponto de vista técnico, apesar dos reconhecidos avanços que tivemos nas duas últimas décadas, ainda é preocupante os níveis de rendimentos/produtividade em relação as nossas principais atividades produtivas. Precisamos intensificar ações de assistência tecnológica, sobretudo, no meio rural.

Ademais, devemos gerar agregação de

valores ao que produzimos, elegendo atividades que se mostrem propícias ao processo de verticalização para melhorar a viabilidade destas culturas que em padrões obsoletos, continuam causando a pobreza e o êxodo do campo. É preciso combater as deficiências na dinâmica comercial dos produtores, inserindo-os no mercado de forma competitiva.

São baixos os níveis de empreendedorismo e senso de associativismo dos produtores e empresários, influenciado pelo insuficiente nível de escolaridade, pela falta de capacitação e pela resistência as práticas da cooperação. Também merecem atenção as carências relativas às técnicas de gestão de negócios.

Tivemos recentemente o anúncio de um elenco de investimentos em nosso Estado que, sem dúvidas, serão importantes e impactantes neste processo de superação da crise. Uma vez iniciados, irão ocupar pessoas, gerar renda, consumo, além de irrigar as veias do crescimento e desenvolvimento econômico.

Retomando o tema dos desafios, o que nos preocupa é como agir para que no curtíssimo prazo tenhamos condições de amortecer a queda

do poder de compra e seus danosos efeitos, quando uma significativa massa trabalhadora, que ficou sem a sua ocupação remunerada e hoje sobrevive à custa do auxílio emergencial, perder esta fonte de renda.

Faz-se necessário recarregar as baterias do sistema produtivo, mediante parcerias e estímulos governamentais, identificando as estruturas já implantadas e aptas à retomada das atividades em padrões competitivos. Assim sendo, teremos respostas imediatas na geração de ocupações e rendas sem a necessidade de novos investimentos produtivos que, por vezes, se alongam no tempo até o momento de entrarem em operação.

Defendo a adoção de estratégias planejadas, exequíveis e focadas, sem a necessidade de abrangermos um grande elenco de atividades, mas, sim, priorizando o que nos dará as respostas mais imediatas e efetivas na geração das riquezas que necessitamos para vencermos os desafios e a crise. E, ainda mais, que haja comprometimento de todos os atores que aceitarem integrar esta força tarefa, na fase de implementação do que for planejado. Concordo plenamente com Sam Geist quando disse que “a execução supera a estratégia.”

Mercado tecnológico abre espaço a novas profissões

Inovações constantes no ambiente digital estimulam o surgimento de demandas e de especialistas na área

Laura Luna
Especial para A União

Gestor de desenvolvimento de negócios de inteligência artificial, oficial de ética de sourcing, mestre de edge computing, walker talker, profissional da cibersegurança. Você, leitor, pode nunca ter ouvido essas nomenclaturas até porque dizem respeito a profissões recentes, consideradas 'do futuro'. Mas apesar de pouco conhecidas, estas atividades começam a ganhar espaço no mercado de trabalho em todo o mundo, demonstrando que o trabalho em meio digital - expandido na pandemia - está cada vez mais forte e cheio de possibilidades.

Danyllo Albuquerque, professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Campus Campina Grande, e analista de TI junto a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) acredita que os processos tecnológicos e as novas profissões

vieram para ficar sendo impulsionadas, inclusive, pelo trabalho em casa, o home office. "Houve uma mudança de paradigmas que praticamente provocou em empresas e instituições públicas e privadas a necessidade de transformação digital, que é basicamente a capacidade de trabalhar no digital coisas que a gente já fazia". Segundo o professor, as empresas utilizam a tecnologia para melhorar seu desempenho, ampliar seu alcance e otimizar os resultados. "Essa transformação gera uma mudança de mindset (mentalidade) em toda a empresa, tanto internamente quanto para os clientes".

No IFPB, o professor conta que há quatro cursos na área de tecnologia, formando dezenas de profissionais a cada semestre. Da instituição, abre-se um leque de oportunidades, já que segundo o docente, trata-se de cursos generalistas onde o aluno pode desenvolver habilidades e se especializar de acordo com a área ou o lugar no mercado que deseja ocupar. "São dois cursos em nível técnico, que são o Técnico em Informática e Manutenção e Suporte em Informática, mais dois em nível superior que são Engenharia de Computação e Tecnologia em Telemática". Para o docente, é essencial que academia e mercado de trabalho es-

tejam sintonizados, com o objetivo de suprirem-se mutuamente.

Inovações

No Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) é a necessidade do mercado que direciona o que será ensinado em sala de aula, e seguindo tendência nacional, destacam-se os conteúdos voltados para a Indústria 4.0. "Alguns cursos possuem uma maior aproximação com o que está sendo falado sobre essa temática, os principais deles são: Automação Industrial, Eletroeletrônica, Tecnologia da Informação, Construção Civil e Técnico em Têxtil", explicou Thiago Brandão, supervisor de Estratégias Educacionais do Senai-PB. A Indústria 4.0 engloba tecnologias avançadas, a exemplo de inteligência artificial e robótica, a fim de transformar a produção e os modelos de negócios aumentando eficiência e produtividade.

Dentro da formação profissional em Tecnologia da Informação (TI) os cursos de Redes de Computadores, Desenvolvimento de Sistemas para Internet e o superior em Cibersegurança, que está sendo lançado, são mais procurados. "E como ainda há uma oferta reduzida comparada com a procura acabam sendo áreas muito valorizadas pelo mercado", explica.



Conhecimento ampliado

Um universo de conhecimento a ser explorado. Estudantes que pretendem atuar em profissões tidas como do futuro devem se atentar às possibilidades, levando em consideração o talento e a capacidade de absorver tudo que esse mundo novo tem a oferecer. É preciso, essencialmente, estar em constante atualização. "Por esses e outros motivos, vemos como fundamental na formação curricular dos alunos além das competências técnicas, o desenvolvimento das competências socioemocionais", completa Thiago Brandão.

Wagner Cândido tem um desses trabalhos ditos "do futuro", mas que, na área de tecnologia, é um dos que mais emprega no presente. O desenvolvedor de sistemas formado em 2019, caiu em campo antes mesmo de conquistar o diploma. "Um mercado que oferece inúmeras possibilidades. Trabalho que pode ser desempenhado dentro de casa, inclusive para empresas de fora do país", detalha Wagner, que atua em uma empresa mineira com várias unidades espalhadas pelo país. "Ainda não trabalhei para fora porque preciso afinar o inglês".

O entrevistado conta que desde que começou a trabalhar percebe o aumento na demanda por profissionais da área de tecnologia, mas confessa que ficou surpreso com o que viu ano passado. "Houve um superávit nesse mercado, impulsionado pelo home office". Aumento esse que provoca certa segurança e que vai na contramão de muitas profissões, que têm perdido cada vez mais espaço. "Se sair do trabalho hoje eu não passo uma semana desempregado, e digo com toda modéstia".

Foto: Arquivo pessoal



Professor Danyllo Albuquerque avalia que a área de tecnologia deve seguir ganhando mais espaço no mercado de trabalho

Paraíba tem curso pioneiro na UFPB

Big Data e Processamento Distribuído, Banco de Dados I, Estrutura de Dados e Algoritmos, essas são algumas das disciplinas da grade curricular do curso de Bacharelado em Ciência de Dados para Negócios (CDN) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), criado este ano. Oportunidade para os estudantes interessados em tecnologia, o curso pioneiro vai formar profissionais com competências que se ajustam às exigências do mercado de trabalho nacional e internacional. Os salários para esses profissionais, no início da carreira, giram em torno de R\$ 5 mil.

No primeiro Sistema de Seleção Unificada (Sisu), na UFPB Campus I, o curso apareceu entre os dez com maior média de corte, seguido de Engenharia da Computação, demonstrando o interesse dos alunos pela área. Quem ainda vai ingressar na universidade já sonha com as possibilidades, como é o caso de Iran Lucena que, aos 15, anos começa a se preparar. "Desenvolvedor de Jogos, essa área de games é a que mais me interessa. Mas também acho interessante o trabalho com desenvolvimento de siste-

mas. Vamos ver, ainda tenho tempo pra decidir", conta o adolescente que está certo do que quer. "Tem muita oportunidade de trabalhar fora do país e, inclusive, morar fora, que é o que eu pretendo em algum momento".

Se por um lado a tecnologia exige muito estudo, pesquisa e dedicação, por outro esses elementos podem não ser essenciais, como acontece com alguns influenciadores e youtubers. Muitos sequer precisaram cursar uma faculdade para conquistar um trabalho com reconhecimento e remuneração, muitas vezes bem aquém dos valores trabalhados no mercado.

A matemática é simples, quanto mais acessos, likes e seguidores, mais reconhecimento, influência e dinheiro. No universo das redes sociais não há bordas, nem limites, o que há, de fato, é espaço para todos. Para o professor Danyllo Albuquerque, um dos mais importantes papéis da tecnologia é justamente o da democratização. "Espaços que se conquistam com talento e capital intelectual, diferente de atividades que precisam de terceiros", acrescenta sobre o poder do indivíduo ambiente digital.

/// Os salários na área de tecnologia giram em torno de R\$ 5 mil para os profissionais em início de carreira e vão subindo de acordo com a experiência e função do trabalhador ///

Saiba mais sobre algumas profissões do futuro

Programador de jogos - Desenvolve instruções lógicas do jogo digital. Trabalha com jogos para computador, dispositivos móveis, videogames ou jogos que rodam em websites como flash.

Profissional de cibersegurança - Também conhecido como segurança da tecnologia da informação ou segurança da informação eletrônica. É responsável tanto pela Segurança da Rede quanto pela Proteção de Dados com o avanço crescente da tecnologia, esse tipo de profissional tem se mostrado cada vez mais necessário.

Gestor de resíduos - Responsável por alterar processos e criar um sistema em que o funcionamento das empresas e a rotina das pessoas cause o mínimo de impacto possível ao meio ambiente. Demanda que surge devido ao ritmo acelerado em que a poluição está acometendo o planeta.

Walker Talker - Uma espécie de cuidador de idosos virtual. A principal função desse profissional é conversar com essas pessoas, para que se sintam menos sozinhas e, consequentemente, mais apoiadas. O walker talker pode marcar encontros presenciais, mas a tendência é que o trabalho seja feito a partir de uma plataforma online.

Oficial de ética de sourcing - Trata-se do profissional que investiga, acompanha e negocia acordos de bens e serviços para garantir que gastos indiretos da empresa - em energia, restos e relações sociais - estão alinhados com os padrões de ética de seus stakeholders (indivíduo ou organização que, de alguma forma, é impactado pelas ações de uma determinada empresa).

Mestre de edge computing - Profissional responsável por criar, manter e proteger o ambiente de edge computing, ou computação na "borda" (que se refere ao limite da rede de computação em nuvem, perto da fonte de dados).

Insônia e angústia: relatos de quem aguarda a vacina

Mais jovens, ainda não imunizados, sofrem com sintomas de ansiedade e falam sobre o desejo de "voltar a viver"

Júlia Marques
Agência Estado

"Pra que essa ansiedade, essa angústia?", indagava em dezembro o então ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, pouco antes de a segunda onda da covid-19 deixar o Brasil inteiro sem ar. Ele falava da vacina, que só chegaria em janeiro, em pouca quantidade. De lá para cá, idosos e parte dos adultos foram imunizados, mas a demora para proteger toda a população tira a paz dos mais jovens.

Insônia, ranger de dentes e dificuldades de concentração são os sintomas dos não imunizados. Virou tema na terapia, e a angústia aumenta à medida em que a data prevista para vacinar se aproxima, se surgem problemas de desabastecimento ou quando há mudanças no calendário, como ocorreu em São Paulo. "Não quero vacina para viajar, quero para não morrer", diz o advogado Nilton Silva, de 46 anos. Ele, que perdeu o pai para a covid, foi atrás da "xepa" e passava duas horas do dia ligando de posto em posto para saber das sobras. A emoção de receber o e-mail com a data para se vacinar foi maior do que quando teve a notícia de que passou na prova da Ordem dos Advogados (OAB). Na semana prevista para a imunização, lágrimas deram lugar à insônia. "Literalmente sem dormir por causa de uma vacina."

Joizienne Moura, de 22 anos, continua à espera. Quando São Paulo abriu o cadastro da "xepa" para os jovens, ela não pensou duas vezes. O tamanho do bloco de notas da enfermeira com os nomes dos interessados assustou, mas a jovem mantém a esperança. "Quero voltar a viver, buscar emprego", diz ela, que não vê o pai há dois anos e se fechou em casa desde março de 2020 para se proteger e proteger a mãe. Todos os dias, no fim da tarde, a ansiedade aumenta.

É que a enfermeira do posto de saúde avisou: se sobrar vacina, vão ligar entre 18h e 18h30. A jovem não larga o celular. "E se vejo uma ligação perdida, retorno logo." Com a chance de conseguir a sobra, ela antecipou até a hora do banho, para não ter o risco de perder a chamada e ficar pronta caso seja convocada.



Foto: Pixabay

Fatores como a proximidade da data prevista de vacinação, problemas de desabastecimento e mudanças no calendário aumentam o sentimento de angústia

Assunto no divã do terapeuta

"Não está tão distante, mas parece", reclama a servidora pública Amanda Guiomarino, de 32 anos. Em Belém, onde mora, a fila até andou há duas semanas. "Agora, chamam a conta-gotas e isso tem um efeito que... meu Deus", diz, sem conseguir completar a frase "Mexe com a ansiedade. Me vejo rangendo dentes e querendo doce".

Amanda se diz "quase monote-mática" de tanta ansiedade: ativou as notificações da prefeitura para saber - em primeira mão - das notícias sobre o calendário na cidade. A cada push no celular, uma emoção. Se as informações são sobre outra coisa que não seja o avanço das faixas etárias, tristeza. "Que tempos são esses em que temos de nos preocupar com vacina?"

As notícias sobre a chegada de aviões com mais doses também são acompanhadas, na lupa. Sempre que vem um carregamento, Amanda faz as contas se o número de doses destinadas para o seu Estado são proporcionais ao tamanho da população.

No caso da escritora Ana Paula Martins, de 25 anos, a revolta tomou conta quando o governo de Minas

excluiu lactantes do grupo prioritário, segundo conta. Ela estava preparada para a 1ª dose. "Foi frustrante. Tive uma alegria repentina e de repente, um banho de água fria." A demora da vacina entrou até nas sessões de terapia, onde também trata o luto, vivido "com muita raiva", pela morte do irmão, de 30 anos, de covid.

A revelação sobre e-mails da Pfizer não respondidos pela gestão Jair Bolsonaro veio após a morte, o que aumentou a revolta. Hoje, ela fica ansiosa quando põe os pés para fora de casa e tem medo de adoecer e não conseguir cuidar do filho, de 1 ano e 9 meses.

Ver o luto de amigos e não poder ajudar também tira a paz de Hugo Ferreira, de 27 anos. Com frequência, ele vai ao posto de saúde perto de casa, em São Paulo, para se atualizar sobre os carregamentos de vacina e, como Joizienne, aguarda a ligação da "xepa", sem desgrudar do celular. Os jovens dizem sonhar, literalmente, que estão se vacinando. Às vezes, vira pesadelo, com cenas de doses insuficientes ou erro de aplicação. "Estamos vivendo em função disso", diz Joizienne. "Os passos só podem ser dados a partir da vacina."

O QUE FAZER ENQUANTO ISSO...

Essa espera pode agravar quadros ansiosos em quem que já tem transtornos e desencadear crises em quem não tinha histórico. "A quantidade de pessoas enlutadas, ansiosas e fóbicas que estamos recebendo é enorme", diz Leila Tardivo, do Instituto de Psicologia da USP. Ela coordena um trabalho de atendimento psicológico online e gratuito para cerca de 1,5 mil pessoas.

Meditação, exercícios físicos e encontros virtuais com amigos ajudam a aliviar a ansiedade. "Importante focar atenção em situações criativas, projetos de vida e, ao mesmo tempo, se dedicar a coisas que pode fazer em casa, como leitura, gastronomia, artesanato", diz ela. Se não é possível controlar os sintomas sozinho ou as crises são graves e frequentes, procure ajuda profissional.



EDITAL DE 1ª E 2ª LEILÕES PÚBLICOS DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA DE IMÓVEL E DE INTIMAÇÕES

COOPERATIVA DE CRÉDITO, POUPANÇA E INVESTIMENTO SICREDI EVOLUÇÃO - SICREDI EVOLUÇÃO sociedade cooperativa, CNPJ nº 35.571.249/0001-31, com sede em João Pessoa - PB, na Av. Marechal Deodoro da Fonseca, nº 410, Torre, nesta Capital, que com base na ATA SUMÁRIA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONJUNTA, realizada em 02/12/2019, tendo sido registrada na Junta Comercial do Estado da Paraíba em 29/06/2020, sob nº 20204029406, incorporou a COOPERATIVA DE CRÉDITO DE CAMPINA GRANDE - SICREDI CENTRO PARAIBANA, torna público que realizará LEILÕES PÚBLICOS para a venda do imóvel abaixo discriminado, a serem conduzidos pelo LEILOEIRO OFICIAL MIGUEL ALEXANDRINO MONTEIRO NETO, inscrito na Junta Comercial do Estado da Paraíba, sob a portaria de nº 012/2015, leilão 012, o fazendo sob o amparo do art. 27, da Lei nº 9.514/97, que institui a alienação fiduciária de coisa imóvel, esclarecendo que o 2º Leilão ocorrerá no primeiro e maior lance oferecido for inferior ao valor do imóvel, conforme abaixo indicado. No 2º Leilão será aceito o maior lance oferecido, desde que igual ou superior ao valor da dívida, das despesas, dos prêmios de seguro, dos encargos legais, inclusive tributos e comissão do leiloeiro, conforme previsto nos parágrafos 2º e 3º do dispositivo legal acima citado.

O leilão será realizado nas modalidades: PRESENCIAL E ELETRÔNICA.

LOCAL: Sede da COOPERATIVA DE CRÉDITO, POUPANÇA E INVESTIMENTO SICREDI EVOLUÇÃO - SICREDI EVOLUÇÃO.

ENDEREÇO: Av. Marechal Deodoro da Fonseca, 410, Torre, João Pessoa - PB e simultaneamente através do site www.leiloesmonteiro.com.br.

O 1º Leilão será realizado em 22 de julho de 2021 às 10h:30min, pelo lance mínimo de R\$ 805.000,00 (oitocentos e cinco mil reais) com o encerramento previsto para as 11hs:30min.

O 2º Leilão será realizado em 06 de agosto de 2021 às 10h:30min, pelo lance mínimo de R\$ 710.318,58 (setecentos e dez mil e trezentos e oitenta e oito reais e cinco centavos) com o encerramento previsto para as 11hs:30min.

ADVERTÊNCIAS ESPECIAIS: Quem pretender arrematar dito(s) bem(ns) deverá comparecer no local, no dia e na hora mencionados ou ofertar lances pela internet através do site www.leiloesmonteiro.com.br, devendo, para tanto, os interessados efetuar cadastramento prévio, no prazo máximo de até 48 horas de antecedência do leilão, confirmar os lances participar das disputas e em sendo vencedor, receber a quantia respectiva, para fins de lavratura do termo próprio, ficando cientes de que os arrematantes deverão depositar o valor total da arrematação, à vista e em uma única parcela, em moeda nacional e/ou comprovação de efetivação da Transferência Eletrônica de Documentos (TED), no momento da arrematação, a partir do encerramento do leilão.

CONTRATO Nº 35500/16 da COOPERATIVA EMITENTE(S) (DEVEDOR) a empresa **ROCHA MENDES CONSTRUÇÕES LTDA - EPP**, CNPJ Nº 10.683.450/0001-80, com DEVEDORES SOLIDÁRIOS a Sra. **CAROLINE MICHELLI SANTOS LIMA ROCHA**, CPF 038.815.234-64 e a Srª **LUCIA DE JESUS ROCHA MENDES**, CPF 727.040.474-72.

IMÓVEL(S):

UM PRÉDIO RESIDENCIAL, de um pavimento, situado na Rua Floripes Coutinho, sob nº 468, no bairro de Bodocongó, nesta cidade, edificada em terreno próprio, que mede e limita-se: Frente, para a Rua Floripes Coutinho - Leste - 50,00m, lado direito, com a Rua José do Precipício, Sul - 37,00m, lado esquerdo, com a Rua Eduardo Ferreira Ramos, cadastrado em nome de Aurora Gomes de Sousa C da Silva - Oeste - 50,00 metros, devidamente registrado no Cartório de 1º Serviço Notarial e Registral Ivandro Cunha Lima, na cidade de Campina Grande-PB, sob nº R-8-36.725, matrícula nº 38.725, em 25/09/2021, cadastrado na Prefeitura Municipal de Campina Grande-PB, com inscrição imobiliária nº 1.1202.065.02.0254.0001 e Sequencial nº 11180846.

VALOR TOTAL DO(S) BEM(INS): R\$ 805.000,00 (oitocentos e cinco mil reais).

VALOR DA DÍVIDA E DESPESA(S): R\$ 710.318,58 (setecentos e dez mil e trezentos e oitenta e oito reais e cinco centavos).

Obs: Informamos que o saldo da dívida e despesas, serão atualizados e corrigidos tanto no dia da realização do 1º leilão quanto no dia da realização do 2º leilão.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO (Advertências especiais):

- 1) O valor do lance deverá ser quitado no ato do leilão à vista e em uma única parcela, em moeda nacional e/ou comprovação de efetivação da Transferência Eletrônica de Documentos (TED).
- 2) A comissão do leiloeiro, paga à vista, será de 5% (cinco) por cento sobre o valor da arrematação, e correrá por conta do arrematante art. 24 do Decreto nº Lei nº 21.981/02.
- 3) Eventuais ônus existentes sobre o bem levado a Leilão deverão ser verificados pelos interessados junto aos órgãos competentes.
- 4) Será de inteira responsabilidade do arrematante o pagamento das despesas relativas à escritura de compra e venda e respectivo registro, ITBI e demais encargos da transmissão, além de taxas em atraso de condomínio, marinha (SPU), energia elétrica, água, etc.

Condições Gerais:

O(s) referido(s) imóvel(is) ser(ão) arrematado(s) nas condições e estado de conservação em que se encontra(m). As medidas e confrontações constantes no presente edital deverão ser consideradas meramente enunciativas. Para todos os efeitos, considera-se a venda realizada por intermédio dos leilões previstos neste edital como sendo "ad corpus", não cabendo qualquer reclamação posterior em relação a medidas, confrontações e demais peculiaridades do imóvel, cabendo aos interessados visitarem o(s) bem(ns) antes de ofertarem lances no leilão, inclusive no que se refere às edificações existentes no local. O(s) imóvel(is) ocupado(s), caberá ao arrematante promover as medidas (extrajudiciais e/ou judiciais - nos termos da Lei 9.514/97), bem como arcar com as custas e despesas para a desocupação do(s) bem(ns). Cabe aos interessados verificar, junto ao Município e demais órgãos competentes, eventuais restrições quanto ao uso do imóvel levado à leilão, inclusive, mas não somente, restrições ambientais. O arrematante não poderá alegar, sob qualquer forma ou pretexto, o desconhecimento das condições do presente Edital de Leilão.

Intimação: Por intermédio do presente edital, ficam devidamente intimados, da data, local e condições dos leilões, **CONTRATO Nº 35500/16** da COOPERATIVA EMITENTE(S) (DEVEDOR) a empresa **ROCHA MENDES CONSTRUÇÕES LTDA - EPP**, CNPJ Nº 10.683.450/0001-80, com DEVEDORES SOLIDÁRIOS a Sra. **CAROLINE MICHELLI SANTOS LIMA ROCHA**, CPF 038.815.234-64 e a Srª **LUCIA DE JESUS ROCHA MENDES**, CPF 727.040.474-72. Informações: Com o leiloeiro, por intermédio do e-mail leiloesmonteiro@gmail.com, site <http://www.leiloesmonteiro.com.br> ou pelo telefone (83) 98721-8002 \ (83) 99685-6653 e através da Cooperativa de Crédito, Poupança e Investimento Sicredi Evolução pelo fone (83) 2107 - 3600.

João Pessoa - PB, 09 de julho de 2021.

COOPERATIVA DE CRÉDITO, POUPANÇA E INVESTIMENTO SICREDI EVOLUÇÃO - SICREDI EVOLUÇÃO

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.



O Parque Estadual das Trilhas, Unidade de Conservação localizada em João Pessoa, foi beneficiado com recursos de Compensação Ambiental, através de processos fechados em 2020

Compensação ambiental: avanço a favor da natureza

Entenda como funciona o mecanismo criado para minimizar impactos ambientais causados por empreendimentos

Alexandra Tavares
 lekaajp@hotmail.com

A Compensação Ambiental é um dispositivo jurídico que busca minimizar o impacto ambiental causado pela execução de um empreendimento. Esse mecanismo é definido pelos órgãos ambientais durante o processo de licenciamento da obra, e dependendo do perfil do equipamento, ou serviço realizado, pode ser solicitado por equipes da gestão municipal, estadual ou federal.

O valor da Compensação Ambiental é definido pelo órgão licenciador, seguindo os critérios previstos na legislação. Geralmente, a empresa que vai executar a obra fornece esse recurso ao órgão público responsável pelo licenciamento. Com isso, a

gestão pública é quem realiza as ações de compensação. Mas também há casos em que, a própria empresa se encarrega de pôr em prática essas ações.

É importante ressaltar que todo dinheiro fruto da Compensação Ambiental é destinado, obrigatoriamente, a uma Unidade de Conservação (UC), uma vez que esse é um instrumento que possui respaldo legal, sendo definido pela lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, Lei nº 9985/2000 em seu Artigo 36 (SNUC), que determina que o empreendedor é obrigado a apoiar a implantação e manutenção de Unidade de Conservação próxima ao local onde acontecerá o impacto.

Daí a importância da correta aplicação desses recursos na conservação das

Recursos

Todo dinheiro fruto da Compensação Ambiental é destinado, obrigatoriamente, a uma Unidade de Conservação

áreas verdes do país caracterizadas como UCs. "A Compensação Ambiental é um dos instrumentos que procuram viabilizar as Unidades de Conservação. Então, sem esse instrumento, se teria bem mais dificuldade de efetivar a Unidade, uma vez que o orçamento do meio ambiente sempre foi limitado", afirmou Pedro Ataíde,

mestre em Direito Econômico pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com trabalhos na área de Direito Ambiental e Minerário.

Segundo ele, a grande maioria das compensações ambientais no país fica a cargo de um órgão estadual. Na Paraíba, quem assume esse papel no âmbito do Estado é a Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema).

Em 2014, o órgão divulgou o primeiro convênio ocorrido dentro do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Na ocasião, a Sudema e a InterCement (antiga Cimpor) assinaram um Termo de Compromisso para Compensação Ambiental referente à construção da nova indústria de cimento Caxitu, localizada no município de Conde.

SAIBA MAIS

■ Na Paraíba, há 16 Unidades de Conservação que estão sob a responsabilidade estadual. Entre elas, estão o Parque Estadual da Mata Pau Ferro, em Areia; o Parque Estadual da Mata do Xém-Xém, em Bayeux; o Parque Estadual Pico do Jabre, em Maturéia; o Parque Estadual da Pedra da Boca, em Araruna; o Parque Estadual das Trilhas, em João Pessoa; e o Parque Estadual Marinho de Areia Vermelha, em Cabedelo.

■ O mestre em Direito Econômico, Pedro Ataíde, explicou que a Compensação Ambiental foi criada pela Resolução nº. 10/1987, do Conama, mas o marco legal ocorreu somente no ano 2000, com o art. 36, da Lei nº. 9.985/2000. Como essa ferramenta é definida antes do início da construção do empreendimento, a não obediência por parte da iniciativa privada pode resultar em penalidades, inclusive, aquelas que impeçam a continuidade da obra. O Ministério Público é um dos atores fundamentais na cobrança do cumprimento correto da Compensação Ambiental. Pedro Ataíde afirmou que apenas empreendimentos considerados de significativo impacto ambiental, sujeitos a EIA-RIMA – estudos e relatórios de impacto ambiental, precisam fazer essa Compensação ao meio ambiente.

+ Cuidado com as áreas verdes

Um dos exemplos de Compensação Ambiental bem-sucedidos na Paraíba foi firmado pela empresa Ecosolo Guarabira, em 2019, referente aos serviços de Implantação e Operação do Aterro Sanitário. Segundo a presidente da Comissão de Compensação Ambiental da Sudema, Thâmara Pessoa, o valor da Compensação estabelecido foi de R\$ 86.583,56, sendo destinado a subsidiar o Projeto de Regularização Fundiária em Unidades de Conservação de Proteção Integral no Estado.

Entre os serviços desempenhados no projeto estão a regularização cartorial de áreas preservadas, levantamento geográfico e topográfico do entorno das UCs, e também a desapropriação de imóveis instalados no perímetro das unidades de conservação.

"Esse projeto é de fundamental

importância para o meio ambiente porque a regularização fundiária é o primeiro passo para a criação de uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, conforme prevê a legislação ambiental", declarou Thâmara Pessoa.

O Projeto de Regularização Fundiária em UCs tem a finalidade de normalizar esses territórios protegidos dentro do estado, no que diz respeito a sua condição fundiária, por meio da correção dos limites territoriais, documentais e dos seus respectivos decretos de criação.

Segundo a Sudema, as Unidades de Conservação de Proteção Integral da Paraíba necessitam de regularização fundiária, por isso, é importante efetivar ações que mantenham seus ecossistemas livres de alterações causadas por interferência humana, preservando assim a natureza.

Sudema encaminha processos

Em 2019, foram abertos na Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) cinco processos para Compensação Ambiental de empresas. No ano passado, por reflexos, inclusive, da pandemia, não houve abertura de novos processos.

Segundo Daniel Lucena, procurador jurídico e membro da Câmara de Compensação Ambiental da Sudema, entre as Unidades de Conservação beneficiadas com a quitação das compensações em 2020 está o Parque Estadual das Trilhas, em João Pessoa, onde foi feito um trabalho de cercaimento do local.

Ele explicou que o pagamento da Compensação Ambiental deve, inicialmente, ser feito de forma monetária (em dinheiro). O valor a ser destinado possui como base de cálculo o custo total previsto para o empreendimento, sobre o qual incidirá percentual não superior a 0,5% do valor total para

implantação do empreendimento (Decreto Federal nº 6.848/2009). "Todavia, cabe ao órgão ambiental, por meio da elaboração de um Termo de Compromisso de Compensação Ambiental - TCCA, determinar as tratativas de como este recurso deve ser aplicado", destacou Daniel.

Foto: Divulgação



Lucena: cabe ao órgão ambiental determinar tratativas



Paraibana de Taperoá está nas Olimpíadas de Tóquio

Jucilene Sales superou muitos obstáculos e é mais uma atleta da família que marca presença em jogos olímpicos

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Foi partindo de Taperoá, terra onde Ariano Suassuna construiu seu imaginário literário, que Jucilene Lima, atleta do lançamento de dardo, começou a trilhar o seu caminho para os Jogos Olímpicos de Tóquio, competição que começará em 12 dias e que marcará o ponto mais alto da carreira da atleta que saiu de sua cidade natal aos 7 anos para descobrir o atletismo em João Pessoa e ganhar o mundo.

Aos 30 anos, ela é a segunda, de um total de cinco irmãs da família Lima, a obter uma vaga para as Olimpíadas, seguindo os passos de Jailma, que participou dos Jogos de Pequim (2008) e do Rio de Janeiro (2016). No entanto, para chegar nesse estágio, Jucilene teve que conquistar, além de competições como o Sul-Americano Menor, a medalha de prata nos Jogos Mundiais Militares e o bronze no Pan-Americano, inúmeras barreiras, como a distância de casa e as lesões que adiaram em 2012 e 2016 o seu sonho

olímpico. Uma história que ela conta, com exclusividade, para o **Jornal A União** na entrevista a seguir.

Como superação, fé e esperança são parte integrante de todo bom personagem do universo de Ariano Suassuna, Jucilene carrega consigo essa mesma fórmula que parece brotar no solo de Taperoá e, hoje, na 24ª colocação do ranking mundial, ela vai ao Japão, buscar construir mais um capítulo, dessa vez no esporte brasileiro, e conquistar a primeira medalha no lançamento de dardos olímpico.

Foto: Reprodução/Instagram



A ENTREVISTA

Jucilene, você é de uma família de atletas e de gente que trabalhou muito para vencer na vida, dentro e fora do esporte, como você iniciou essa sua trajetória no esporte para chegar, hoje, à condição de atleta olímpica?

Sou natural de Taperoá, onde morei até meus sete anos. Comecei o esporte em João Pessoa, quando morávamos no Castelo Branco. Tenho quatro irmãs, só a mais velha que não, mas todas já foram atletas, sou a mais nova. Como eu era a mais nova e meus pais trabalhavam o dia inteiro, não havia quem ficasse comigo em casa, pois além deles, minhas irmãs mais velhas também já trabalhavam e a opção que eu tinha era ficar com as minhas duas outras irmãs que já treinavam atletismo e assim eu acompanhava elas nos treinos, mas nessa época eu só brincava e arengava com elas, relembrou sorrindo. Comecei mesmo na escolinha com o professor Luiz Alcides, na época, fazendo um pouco de tudo. Depois treinei com a professora Vera Lúcia. Até que me apresentaram o lançamento de dardo, onde comecei a lançar e me destaquei. Foi nesse período que fui treinar com o professor Pedro de Almeida, e começamos a ganhar competições locais, o que me deu a oportunidade de competir o Campeonato Brasileiro onde fiquei em 2º lugar com a marca de 43 metros. Desse passo em diante, recebi o convite para vir treinar em São Caetano do Sul-SP, onde sigo até hoje.

Morando há 16 anos fora da Paraíba, você acha que hoje é mais fácil para uma atleta de alto rendimento se manter aqui no Estado e evoluir no esporte, algo que não foi possível para você, por exemplo?

A Paraíba, como um todo, precisa olhar mais para os atletas. Há muito atleta bom que precisa ser lapidado e precisa de incentivo e patrocínios para continuar. Atletas têm gastos, o atleta é atleta 24 horas por dia, não é só na pista ou na hora da competição. Eu amo a Paraíba, mas, infelizmente, o esporte deixa muito a desejar, e quando aparecem atletas bons, com talento, infelizmente, a regra ainda é ter que vir para outros estados, onde há mais estrutura e apoio. Foi o que aconteceu comigo e com a minha irmã, Jailma, por exemplo.

Como tem sido para você nesse último ano e meio de pandemia. O que mudou na tua rotina como atleta? Esse período atrapalhou a tua preparação para os jogos ou o adiamento te permitiu chegar mais forte na competição?

Foi difícil sim, eu tive que me adaptar. A pista onde eu treino aqui em São Caetano, por exemplo, fechou por um tempo. Tive que lançar nos parques, em uma chácara de amigos. Fazer musculação em casa, pegar coisas emprestadas para seguir os treinos. Então foi algo que me atrapalhou, mas dentro das possibilidades fiz minha parte e hoje estou colhendo os frutos.

Me fala um pouco mais dessa tua relação com as Tuas irmãs e o esporte. Qual

a influência desse processo na sua formação como atleta para chegar até essa vaga nos Jogos Olímpicos?

Eu sempre tive uma relação muito boa com as minhas irmãs (Josilene, Josileide, Jusara e Jailma), somos muito unidas, eu acho que após a minha convocação para os jogos, elas ficaram mais felizes do que eu mesma fiquei. Infelizmente, a Jailma esse ano não pôde ir, pois ela está machucada. A minha família e meus pais são tudo pra mim.

A sua classificação foi pela obtenção do índice ou através da convocação? Como foi, para você receber essa confirmação da realização de um sonho?

Minha convocação foi através de pontos, pelo ranking mundial, para conseguir isso, eu teria que estar entre as 32 do mundo e consegui. Foi a realização de um sonho, todo atleta sonha ir para as Olimpíadas, é o ápice da nossa carreira. No meu caso, em todas as vezes em que houve Olimpíadas e que eu estava com chances de vaga, infelizmente, estive lesionada, mas graças a Deus, agora deu tudo certo, ele sabe de todas as coisas.

Sobre essas lesões que você enfrentou e que te impediram de concluir bem os ciclos olímpicos anteriores, como foi enfrentar essas situações e agora poder realizar esse sonho?

A minha primeira lesão foi no cotovelo, fiquei um tempo sem poder lançar, eu tive epicondilitis, lesão ocasionada pela inflamação dos tendões na região do epicôndilo. A segunda lesão foi em 2015 depois do Mundial Militar, onde fiquei em segundo lugar, mas não consegui fazer o aquecimento eu senti um incômodo, foi assim que eu fracturei a costela. Só fui descobrir que era fratura meses depois, pois na ressonância não saia nada. Fiz mais exames que era entre 2015 e 2016. Tentei voltar para competir e tentar fazer o índice para as Olimpíadas do Rio de Janeiro, mas, infelizmente, não consegui porque eu sentia muita dor, só conseguindo voltar para competir completamente, em 2019. Tudo tem sua hora, acredito muito nisso. Estou muito feliz por estar realizando esse meu sonho.

Falando propriamente dos Jogos de Tóquio, qual a sua expectativa na competição, quem são as principais adversárias, por exemplo?

Meu objetivo é lançar bem e ir para a final, na final tudo pode acontecer. Minhas principais adversárias são todas que estarão lá. Não posso falar apenas de uma, pois todas que estarão lá tem a possibilidade de lançar muito bem e brigar por medalha.

Jucilene deixou a Paraíba há alguns anos e hoje treina em São Paulo. Ela sofreu algumas lesões e, por isso, só agora vê seu esforço recompensado

Primeiras delegações do Brasil já estão em Tóquio

Seleções de judô e de rúgbi viajaram juntas para o Japão, num total de 43 pessoas, sendo 27 atletas

COB

A delegação brasileira para os Jogos Olímpicos de Tóquio vai ganhando corpo a cada dia que passa. Embarcaram recentemente as seleções de judô e de rúgbi. Em um total de 43 pessoas, sendo 27 atletas – entre titulares, reservas e equipe de apoio – e 16 membros das comissões técnicas.

A seleção de judô viajou com o medalhista olímpico Rafael Silva e os pesos mais leves, casos de Eric Takabatake e Gabriela Chibana, que abrem as disputas em 24 de julho, Daniel Cargnin e Larissa Pimenta, que lutam no dia 25, e Eduardo Katsuhira, que compete no dia 26. Ao chegarem no Aeroporto Internacional de Guarulhos (SP), todos se dirigiram ao espaço da Prevent Sports para fazer o último teste de coronavírus antes do embarque. E, segundo Cargnin, os protocolos não são mais um problema.

“Estou muito feliz de estar viajando para Tóquio, porque disputar os Jogos Olímpicos é o sonho de todo atleta de alto rendimento. Já sabíamos que seria uma viagem desafiadora, que exige um pouco mais de paciência, mas isso é muito importante para a nossa segurança e também a dos japoneses”, diz o judoca, que compete na categoria até 66kg.

Rúgbi

Após duas semanas de treinamento em São José dos Campos (SP), a seleção feminina de rúgbi seveus viajou para Tóquio com equipe completa. Catorze atletas integram o elenco: Mariana Nicolau, Luiza Gonzalez, Rafa Zanellato, Leila Cássia, Thalia Costa, Izzy Cerullo, Aline Furtado, Marina Fioravanti, Haline Scatrut, Raquel Kochhann, Bianca Silva e Thailita Costa, além das reservas Eshy Coimbra e Gabi Lima. As Yaras seguiram para a cidade de Nagato, onde treinarão por mais duas semanas até a estreia nos Jogos.

“Será a nossa primeira vez em Nagato. Não sabemos como será lá, mas estamos com ótimas expectativas. Temos como meta buscar uma medalha para o Brasil. No Rio 2016, as meninas terminaram em nono lugar e vamos procurar melhorar essa posição. Nossa chave é bem difícil, mas vamos procurar fazer grandes jogos”, diz a ponta Bianca Silva, revelada no Instituto Rugby Para Todos, projeto social na favela do Paraísoópolis (SP).

A estreia das Yaras está marcada para 28 de julho, às 9h30 (horário de Brasília), contra o Canadá. Depois, a seleção feminina ainda encara França e Fiji, pelo Grupo B.

O Brasil tem muitas chances de medalhas no judô, inclusive de ouro, mas, no rúgbi, o país ainda não tem muita tradição e vai lutar para fazer apenas uma boa campanha



Foto: COB

Esses são os atletas e comissão técnica do Judô, antes do embarque para o Japão, super motivados e, como sempre, convictos que trarão medalhas para o Brasil, como vem acontecendo nas últimas olimpíadas

Associação de cegos lança campanha para conseguir parceiros

A Associação Paraibana dos Deficientes Visuais (APADEVI) lançou, na última segunda-feira (05/07), a campanha #FechadoComApadevi em busca de parceiros junto à ‘Lei de Incentivo ao Esporte’, que faz parte do projeto ‘Fazer o Impossível tornar-se Possível’. O objetivo principal é sensibilizar empresários de todo o Brasil a apoiarem o processo de profissionalização da entidade.

Criada há mais de 20 anos, a APADEVI hoje vive um momento de transição e consolidação de um projeto sério e que, a cima de tudo, utiliza o esporte como ferramenta de inclusão social. Em 2021, a associação conseguiu um apoio inédito para o para-desporto paraibano: a adequação a ‘Lei de Incentivo ao Esporte’ (LIE), o que possibilitará a implantação de novas atividades e, principalmente, trabalhar o dia a dia da entidade de forma profissional.

O presidente da entidade, Rogério Nunes, falou sobre o desafio da campanha: “Para que isso se torne uma realidade, a busca por parceiros que invistam nessa ideia é a nossa luta atual. Basicamente, a LIE permite que parte do valor dos impostos que são pagos pelas empresas à Receita possa

ser transformado em patrocínio a um projeto social, sendo devidamente abatido posteriormente. Isso sem gerar custo algum”.

Na oportunidade também foram lançados o site oficial da instituição, www.apadevi.com.br, e o espaço no *Youtube*, o Canal da Apadevi. “Nosso papel é gerar inclusão social através do esporte, mas também por meio de muita informações através das nossas redes sociais”, destacou o diretor de marketing, Ygor Chaves.

Entre os participantes da coletiva, o secretário geral Anailton Chaves, o tesoureiro Fábio Almeida, e o goleiro Matheus Costa, que defenderá o Brasil nas Paralimpíadas de Tóquio este ano. “É uma honra e um sentimento de muito orgulho pra mim ter começado e ser atleta da APADEVI e, hoje, viver um sonho de criança que é defender as cores do nosso país”.

Durante toda essa semana, vídeos de várias personalidades do esporte, da música de vários segmentos da sociedade que apoiam o projeto da associação estão sendo postados no nosso Instagram (@apadevi_cg), valorizando ainda mais a campanha.

Paralimpíadas

Paratletas que treinam na UFPB já viajam em agosto

Da redação

A Universidade Federal da Paraíba terá 7 representantes nas Paralimpíadas de Tóquio, que começarão logo após as Olimpíadas, no próximo mês. No início de agosto o grupo embarca para o Japão, onde os jogos serão realizados de 24 de agosto a 5 de setembro deste ano.

O grupo tem três competidores de atletismo que treinam nas dependências da UFPB, os recordistas mundiais Petrucio Ferreira dos Santos e Cícero Valdiran Lins, e o vice-campeão mundial Joeferson Marinho de Oliveira, todos treinados pelo professor Pedro de Almeida Pereira.

O estudante de Educação Física, Emerson Ernesto da Silva representará o Brasil na modalidade goalball e o professor do Departamento de Educa-

ção Física Alexandre Sérgio Silva, que integrará a delegação brasileira como fisiologista da seleção de futebol de 5. A aluna de Ciências Contábeis Silvana Mayara Cardoso competirá no taekwondo.

Para o reitor Valdiney Gouveia, a universidade tem um papel social que passa também por iniciativas de fomento ao esporte, a exemplo de projetos de extensão como o “Formação de Atletas para o Atletismo Olímpico e Paralímpico”, realizado pelo Departamento de Educação Física desde 1995. “A UFPB já faz isso há algum tempo e a gente espera intensificar essa atuação e dar oportunidade para se descobrir talentos não só dentro da universidade, mas também pela interação com a comunidade”, ressaltou.

À frente do citado projeto de extensão, o servidor

Pedro de Almeida, o “Pedrinho”, vai estreiar nestas Paralimpíadas como treinador da seleção de atletismo brasileira, com dois paraibanos recordistas mundiais no grupo. “Eles vão representar a universidade, mostrando para o mundo que a gente consegue formar atletas de alto rendimento”, destacou Pedrinho.

A convocação como treinador é um reconhecimento a uma trajetória de quase quatro décadas como treinador na UFPB e 42 anos como servidor da instituição. Ele já contribuiu para a formação de jovens que participaram dos três edições anteriores dos Jogos Olímpicos, além desta edição em Tóquio, a exemplo da paraibana Juliene Sales de Lima, do lançamento de dardo, convocada para os Jogos Olímpicos deste ano.

Foto: Ascom/UFPB



O professor Pedrinho Almeida é uma das referências no atletismo e no paratletismo mundial



Arrascaeta, à direita na foto, foi um dos jogadores que desfalcaram o Flamengo durante vários jogos, porque estava na Seleção do Uruguai

Foto: Alexandre Vidal/Flamengo

Flamengo volta ao Maracã para tentar a recuperação

Rubro-negro não vence há dois jogos e a torcida está pedindo a demissão do técnico Rogério Ceni

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

Após a segunda derrota seguida do Flamengo, a pressão é grande nas hostes do rubro-negro, mas a diretoria resolveu dar mais um voto de confiança no trabalho do técnico Rogério Ceni, desafeto da torcida. Hoje, o time tem a chance de voltar a vencer na competição e começar uma recuperação no Campeonato Brasileiro. O clube enfrenta a Chapecoense, às 18h15, no Maracanã.

O Flamengo está hoje na 11ª colocação, com 12 pontos, mas com dois jogos

a menos, e vem de uma derrota para o Atlético Mineiro por 2 a 1, em Belo Horizonte. Já a Chapecoense está na penúltima colocação, na zona de rebaixamento, com apenas quatro pontos e vem de uma derrota, em casa, para o Corinthians por 1 a 0.

No Flamengo, a novidade pode ser a presença de Gabigol e Everton, que estavam servindo a Seleção Brasileira, mesmo que tenham jogado ou não na final da Copa América, ontem, contra a Argentina, no Maracanã.

O técnico Rogério Ceni reconhece o mau momen-

to da equipe, mas enfatiza que o time jogou várias partidas sem seus principais jogadores, que estavam na Seleção Brasileira ou em outras seleções de países do continente, participando da Copa América. Ele citou ainda a contusão de Diego e a saída repentina de Gerson, vendido para o Olimpique de Marselha, da França. "Não tivemos reforços e isso fez com que a equipe caísse de rendimento. Mas agora, com a volta dos nossos titulares, a tendência é que o time volte a vencer e disputar as primeiras colocações da tabela", disse o treinador.

Outros jogos

A 11ª rodada do Campeonato Brasileiro programa mais três jogos para este domingo. Juventude x Atlético Goianiense jogam às 11 horas da manhã, no estádio Alfredo Jacomi, em Caxias do Sul. O time da casa vem fazendo uma boa campanha, na 12ª posição, com 12 pontos e vem de uma derrota para o Bahia por 1 a 0, em Salvador. Já o Atlético Goianiense vem surpreendendo na competição. O clube está com 14 pontos, na oitava posição, com dois jogos a menos e vem de um empate em 1 a 1 com o Sport em casa.

Na Arena Pantanal, em Cuiabá, jogam Cuiabá x Ceará, às 18h15. O Cuiabá está sentindo um pouco de inexperience na primeira divisão e está na zona de rebaixamento, na 18ª posição, com apenas 5 pontos conquistados. Porém, vem de um resultado surpreendente, quando conseguiu empatar com o Bragantino em 1 a 1, em Bragança Paulista. Já o Ceará vem fazendo uma bela campanha. O Vozão tem 14 pontos e está na nona colocação. Na última rodada, empatou em 0 a 0 com o Fluminense, no Rio de Janeiro.

Fechando a 11ª rodada, jogam na Arena Castelão, em Fortaleza, Fortaleza x Corinthians. O Tricolor do Pici vem embalado na competição e conquistou 18 pontos, estando na quinta posição na tabela de classificação. O clube vem de uma vitória esmagadora sobre o América, por 4 a 0, na capital cearense.

Já o Corinthians não vem tão bem assim. O Timão é apenas o 13º colocado, com 11 pontos, mas com um jogo a menos. O Alvinegro conseguiu um bom resultado na rodada passada, após vencer a Chapecoense, por 1 a 0, em Chapecó-SC.

Estreia do técnico

Iago Sarinho

iagosarinho@gmail.com

Com quatro empates em cinco jogos, o Treze é o lanterna do grupo 3 da Série D do Campeonato Brasileiro de Futebol. Agora sob o comando de Wellington Fajardo, que assumiu a equipe ao longo dessa semana, o Galo da Borborema terá mais um recomeço na temporada e, para buscar sua primeira vitória na competição nacional, recebe, hoje, no estádio Amigão, às 16h, o América de Natal pela sexta rodada da primeira fase da quarta divisão.

Na última rodada, o Treze empatou no Clássico dos Maiores contra o Campinense - primeiro da história disputado na Série D -, pelo placar de 0 a 0, obtendo o quarto empate seguido na competição. O resultado contra o rival que está na segunda colocação do grupo 3, acabou jogando o Galo para a lanterna da chave e, com isso, veio a demissão de Tuca Guimarães do co-

Treze recebe o América de Natal no Amigão buscando a sua primeira vitória na Série D



Foto: Ascom/Treze

O técnico Wellington Fajardo aceitou o desafio de tirar o Treze da lanterna e conseguir a classificação à próxima fase

mando técnico da equipe alvinegra.

Já com Fajardo no comando da equipe - ele é o terceiro treinador do Treze na temporada, o primeiro foi Marcelinho Paraíba -, a equipe espera agora poder enfim

encontrar o caminho das vitórias para poder voltar a sonhar com uma classificação para a próxima fase da competição. Faltando ainda nove jogos para serem realizados dentro do grupo 3 e o Treze estando a três pontos

do Atlético Cearense, primeira equipe no G4 da competição - a possibilidade de um avanço para a etapa seguinte do certame nacional ainda é possível, no entanto, o time precisa mudar seus rumos o quanto antes.

Tendo sido eliminado na repescagem do Campeonato Paraibano, o Treze não possui vagas asseguradas para nenhuma das competições nacionais do próximo ano - Copa do Brasil e Série D, assim também como para a Copa do Nordeste, certame que disputou nessa temporada, também sendo eliminado precocemente, ainda na primeira fase. Por conta desse fator, o Galo joga a sua vida e a temporada de 2022, já na quarta divisão corrente, pois em caso de um revés na luta pelo acesso para a Série C do próximo ano, a equipe ficará sem calendário no segundo semestre do ano vindouro.

Ciente disso, o técnico Wellington Fajardo afirmou que o único caminho para a equipe é o do trabalho para que a equipe recupere a confiança em suas capaci-

dades e, assim, busque suas vitórias. O novo treinador, no entanto, terá, já de início um adversário complicado e que também busca desesperadamente o acesso, pois vive a mesma situação do Treze depois de ter fracassado na disputa do Campeonato Potiguar.

"Não existe milagre no futebol. O caminho é simples, trabalhar, conhecer melhor o nosso elenco para identificar nossas fragilidades, recuperar a confiança dos jogadores e, aos poucos, implementar nossos conceitos de jogo. Sabemos que não será fácil, mas se olharmos para a tabela, na situação de hoje, duas vitórias já nos colocam em uma ótima condição na competição, por isso vamos trabalhar para que venha logo essa primeira", comentou Wellington Fajardo.

Final inédita da Eurocopa está sendo aguardada com muita expectativa, já que as duas equipes gostam de jogar ofensivamente



Inglaterra x Itália



Será o primeiro jogo das duas seleções em uma final

Os dois países mostraram um futebol moderno e ofensivo e chegaram à decisão da Eurocopa com merecimento

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O mundo do futebol, após assistir a final da Copa América, ontem, agora, volta os seus olhos para a decisão da Eurocopa, marcada para hoje, às 16h, no estádio de Wembley, em Londres, capital inglesa. Em campo, a Inglaterra jogará em casa diante da Itália em um confronto jamais visto na final do torneio continental de seleções europeu. No retrospecto, inclusive, dentro do palco de partida de logo mais, vantagem italiana diante dos ingleses que buscam seu primeiro título desde a Copa do Mun-

do de 1966. Na grande final, em jogo o poderio de duas históricas nações futebolísticas que amargam longos períodos sem conquistas.

Há quem diga que a Eurocopa é uma espécie de Copa do Mundo de Futebol sem a presença de Brasil, Argentina e Uruguai - únicos campeões mundiais fora da Europa - se a afirmação é justa ou não, cabe o debate, mas o fato, é que o torneio que reúne as principais seleções europeias, é sempre jogado em grande nível e não foi diferente nessa edição que, hoje, termina com uma final inédita entre o jovem time da Inglaterra - média

de 24,8 anos -, treinado por Gareth Southgate e a renovada Itália, comandada por Roberto Mancini.

Sem vencer um título de seleções no nível principal, desde que conquistou o Mundial de 1966, os ingleses, inventores do esporte, amargam uma seca de títulos que completou 55 anos. Com um elenco que conta com estrelas em nível mundial como os atacantes Sterling e Harry Kane, o time da Inglaterra, finalmente conseguiu retornar para um decisão de título - após eliminar, na prorrogação a Dinamarca, algo que também não ocorria desde o Mundial que venceram,

A Itália

é apontada como favorita, mas o jogo será no Estádio de Wembley, na Inglaterra.

jogando em seu país. Agora, a esperança da equipe é concluir o trabalho iniciado e encerrar o jejum de troféus, o maior registrado entre as oito equipes que já obtiveram um título mundial de futebol.

Fotos: Divulgação

“Estou orgulhoso do que fizemos nessa competição. Tivemos jogos memoráveis nessa Eurocopa e merecemos chegar até a decisão. Desde o começo, nós dissemos que queríamos criar memórias para o nosso país, agora temos que terminar o trabalho. As finais existem para serem ganhas e é isso que nós vamos buscar”, comentou o treinador em entrevista após a conquista da vaga na decisão.

A Itália não vive uma seca de títulos tão grande, já que os tetracampeões mundiais venceram seu último título em 2006 - os demais foram em 1934, 1938 e 1982 -, ao baterem a França na decisão que ficou conhecida pela cabeçada do francês Zidane no zagueiro italiano, Materazzi. No entanto, a “azzurra” não conquista a Eurocopa desde 1968, ano em que venceu seu único título continental. Por isso, a equipe busca, também nessa final diante da Inglaterra, interromper um incômodo jejum de títulos.

“Tenho que agradecer aos jogadores que acreditaram, desde o princípio, que era possível produzirmos algo incrível na nossa seleção, desde que cheguei, há três anos atrás. Agora nos resta apenas mais um passo para isso. Poucos acreditavam, mas estamos na final, não foi nada fácil chegar até esse momento, mas chegamos e o mérito é de todos que fizeram parte desse processo”, afirmou

Roberto Mancini.

O retrospecto

Inglaterra e Itália entram em campo, logo mais, para realizarem o seu 28º confronto. No histórico, a vantagem é italiana, são 10 vitórias contra 8 dos ingleses e mais 10 empates. Por outro lado, mesmo com mais derrotas, o ataque dos britânicos foi capaz de produzir 33 gols contra 31 produzidos pela Azurra. Fazendo seu primeiro encontro em decisões, as duas equipes, no entanto, já se encontram em duas oportunidades dentro da Eurocopa, as duas vezes pela fase de grupos, o que gerou uma invencibilidade dos italianos no torneio, pois eles venceram por 1 a 0 em 1980, enquanto que em 2012 o encontro terminou empatado em 0 a 0.

Em jogos oficiais de seleções, a vantagem também é da Itália, que jamais perdeu para a Inglaterra em disputas nessa condição. Ao todo, foram oito confrontos, com seis vitórias italianas e dois empates. Com o palco da final, sendo o tradicional Wembley, a casa principal da seleção inglesa, era de se esperar que fosse haver vantagem para os criadores do futebol, no entanto, mesmo no seu estádio, a seleção inglesa amarga um retrospecto frágil diante da Azurra, pois venceu apenas uma vez, empatou três e perdeu um dos cinco encontros que ocorreram na maior praça esportiva de Londres.



Já está tudo pronto para uma grande festa, com o estádio lotado por torcedores da Inglaterra e da Itália, que prometem muito barulho em Wembley



Nove partidos na Paraíba podem ficar fora das eleições

Na mira do TRE, legendas partidárias estariam impedidas de participar do pleito de 2022 por não prestarem contas

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Se as eleições programadas para o ano que vem fossem hoje, pelo menos nove dos 28 partidos com registro e atuação na Paraíba estariam impedidos de participar, porque, até agora, eles ainda não prestaram informações sobre receitas e despesas realizadas em 2020, especialmente no que se refere aos gastos de campanha nas eleições municipais do ano passado. No Tribunal Superior Eleitoral (TSE), existem 33 agremiações partidárias registradas no país.

De acordo com chefe do Setor de Prestações de Contas Eleitorais e Partidárias do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), André Cabral, os nove partidos que integram essa lista “dos barrados” são PTB, PSL, Rede, Podemos, PRTB, PCO, PMB, PTC e Pros.

O prazo para a prestação de contas, segundo ele, acabou no último dia 30 de

junho e, até aquela data, no caso da Paraíba, somente dez outras legendas apresentaram suas documentações que serão apreciadas e julgadas até o final deste ano pelo Tribunal Regional Eleitoral.

As 19 legendas quites com a Justiça Eleitoral são, no caso: Solidariedade, Progressistas, PSDB, Democratas, PV, PSB, Republicanos, Psol, PT, Cidadania, PCdoB, PMN, DC, PSD, PDT, UP, PL, Avante e PSC. Esses vão ter apenas suas contas julgadas, enquanto que, além disso, os nove anteriores precisarão justificar também o porquê não prestaram as contas em dia.

“Se as justificativas forem acatadas pela Justiça, os que deixaram de apresentar as contas em dia serão integrados à lista dos 19, senão, não terão como participar de qualquer processo eleitoral”, explicou André Cabral, ao acrescentar que o julgamento se baseia em dois tipos específicos de despesas: as de rotina e que

estão relacionadas ao funcionamento da legenda e as despesas especificamente de campanha.

Nas despesas normais de funcionamento, os partidos tratam de aluguel de prédio, água, luz, telefones, funcionários e tudo o que precisam para fazer o partido funcionar, ao passo que, nas despesas de campanha, está o que o partido e o que cada candidato recebeu e gastou na disputa eleitoral.

Os recursos aplicados nas despesas de funcionamento da legenda são oriundos do Fundo Partidário, ao passo que os recursos gastos na campanha vêm do Fundo Eleitoral. Esses fundos são nacionalizados – não têm valores específicos para os estados e municípios. O primeiro soma, hoje, mais de R\$ 900 milhões e é repassado direto para os diretórios partidários espalhados por todo o país, enquanto que o segundo, na última eleição, totalizou R\$ 2,3 bilhões e é redistribuído através das executivas nacionais.



Prazo para partidos prestarem contas junto ao Tribunal Regional Eleitoral se encerrou no último dia 30 de junho

Perda de registro e de recursos

O Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba alerta aos partidos políticos que não prestaram contas que preparem suas documentações, nesse caso, com as justificativas que os levariam a não cumprir o prazo de entrega.

A obrigação deve ser cumprida por todos eles, mesmo na hipótese de não ter havido movimentação financeira no ano passado. A prestação de contas anual deve ser elaborada e enviada

exclusivamente por meio do Sistema de Prestação de Contas Anual (SPCA), que fará automaticamente a atuação no Processo Judicial Eletrônico (PJe).

De acordo com a Resolução 23.604/2019 do TSE, que regulamenta o disposto no Título III – Das Finanças e Contabilidade dos Partidos – da Lei 9.096/95, além de inviabilizar participação nas eleições, a não regularização ensejará também a perda do direito de receber

a quota do Fundo Partidário e do Fundo Especial de Financiamento de Campanha.

Ocorrendo isso, haverá suspensão do registro ou da anotação do órgão partidário, após decisão, com trânsito em julgado, precedida de processo regular que assegure ampla defesa (STF ADI 6.032, julgada em 5 de dezembro de 2019). E, além disso, a legenda também será obrigada a devolver todos os recursos que recebeu dos dois fundos.

PARTIDOS POLÍTICOS REGISTRADOS NO TSE

- 10 – Republicanos
- 11 – Progressistas (PP)
- 12 – Partido Democrático Trabalhista (PDT)
- 13 – Partido dos Trabalhadores (PT)
- 14 – Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)
- 15 – Movimento Democrático Brasileiro (MDB)
- 16 – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU)
- 17 – Partido Social Liberal (PSL)
- 18 – Rede Sustentabilidade (Rede)
- 19 – Podemos (Pode)
- 20 – Partido Social Cristão (PSC)
- 21 – Partido Comunista Brasileiro (PCB)
- 22 – Partido Liberal (PL)
- 23 – Cidadania
- 25 – Democratas (DEM)
- 27 – Democracia Cristã (DC)
- 28 – Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB)
- 29 – Partido da Causa Operária (PCO)
- 30 – Partido Novo (Novo)
- 33 – Partido da Mobilização Nacional (PMN)
- 35 – Partido da Mulher Brasileira (PMB)
- 36 – Partido Trabalhista Cristão (PTC)
- 40 – Partido Socialista Brasileiro (PSB)
- 43 – Partido Verde (PV)
- 45 – Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)
- 50 – Partido Socialismo e Liberdade (Psol)
- 51 – Patriota
- 55 – Partido Social Democrático (PSD)
- 65 – Partido Comunista do Brasil (PCdoB)
- 70 – Avante
- 77 – Solidariedade
- 80 – Unidade Popular (UP)
- 90 – Partido Republicano da Ordem Social (Pros)



Câmara aponta falhas em ações do MEC no 1º semestre

Relatório avalia infraestrutura, financiamento de redes de ensino e programas de conectividade e combate à evasão escolar

Agência Câmara

A comissão externa da Câmara dos Deputados que acompanha os trabalhos do Ministério da Educação (MEC) aprovou, esta semana, o relatório de atividades do primeiro semestre deste ano. O colegiado tem como coordenador o deputado Felipe Rigoni (PSB-ES), como vice-coordenadora a deputada Luísa Canziani (PTB-PR), e, como relatora, a deputada Tabata Amaral (PDT-SP).

O documento aponta que a educação brasileira apresenta um quadro de “debilidade generalizada”, com “grave inconsistência técnica” e “insuficiência de recursos para políticas públicas”, seguindo “na contramão das necessidades reais de retomada imediata do ensino presencial”.

“Ações tecnicamente precárias e em fase inicial contradizem as manifestações públicas do ministro Milton Ribeiro, que alega prioridade máxima para ações voltadas ao retorno das aulas presenciais em todos os níveis de ensino”, diz o relatório. O documento apresenta avaliação da infraestrutura escolar, do financiamento das redes de ensino e dos programas de conectividade e de combate à evasão escolar.

Segundo o diagnóstico, as ações do MEC para auxiliar os entes federados na retomada segura das aulas está aquém do esperado. “O baixo pagamento nas ações orçamentárias indica que os recursos não chegam na base educacional, comprometendo ações rápidas e efetivas para a melhoria dos espaços físicos das instituições escolares”, diz o texto.

O colegiado considera urgente a adoção de medidas que permitam tanto viabilizar o retorno às aulas presenciais quanto incentivar o ensino híbrido, que inclui o uso de tecnologias da informação (internet, tablets, computadores, aplicativos) no processo de aprendizagem.

O foco, segundo o documento, deve ser a melhoria da infraestrutura de aprendizagem e a redução das desigualdades educacionais no país, impedindo que estudantes parem ou desistam de estudar por diversos motivos.



Foto: Agência Brasil

Colegiado da Câmara dos Deputados considera urgente a adoção de medidas que permitam tanto viabilizar o retorno às aulas presenciais, quanto incentivar o ensino híbrido

+ Projeto contra evasão escolar não atende o problema

Na avaliação dos deputados, o programa Brasil na Escola, criado para mitigar os efeitos da evasão escolar nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), chegou tarde, com a fase de implantação dos repasses prevista apenas para novembro de 2021.

“Não atende de forma imediata o problema da evasão e do abandono escolar”, diz o documento. O texto considera como pontos negativos o fato de o programa não abranger todos os níveis escolares e de estar centralizado no MEC.

Ensino básico

No ensino básico, o relatório mostra que mais da metade das salas de aula de escolas públicas municipais e estaduais são consideradas inadequadas: 28,4% das escolas públicas não possuem

salas em tamanho adequado; 57% não possuem pátio descoberto; 69% não contam com área verde. Além disso, mais de 4,3 mil delas não possuem banheiro e mais de 3 mil não têm abastecimento de água.

Obras

Segundo o documento, até dezembro de 2020, das 15.386 obras de escolas e creches financiadas com recursos federais, 47% (7.363) encontravam-se paralisadas, canceladas ou atrasadas. Em maio deste ano, esse percentual caiu para 30,8%.

Foram identificados baixos índices de dotação e de pagamentos no orçamento destinado à Educação Básica entre os anos de 2019 e 2021, afetando a transferência de recursos para a infraestrutura da educação.

De um total de R\$ 696 milhões previstos na ação Apoio ao Desenvolvimento da Educação Básica em 2020, apenas 38,2% foram efetivamente pagos. No caso da ação Apoio à Infraestrutura da Educação Básica, foram pagos apenas 10% do total de R\$ 1,1 bilhão autorizados.

Conectividade

A comissão externa concluiu que os esforços do Ministério da Educação para resolver o problema do acesso de estudantes e professores à tecnologias da informação foram pequenos. “Além de o Programa de Inovação Educação Conectada (Piec) apresentar limitações na oferta de internet nos locais, a execução orçamentária do programa foi de 0% nos oito primeiros meses de 2020”, diz o relatório.

Universidades

O diagnóstico mostra que os investimentos na rede federal de ensino, que inclui universidades e todo o sistema de educação profissional, científica e tecnológica, vêm caindo de 2015 a 2020: redução de 11% nas despesas com universidades e de 20,7% com a educação profissional.

Em 2021, apenas a ação de reestruturação das universidades sofreu um corte de 96,1%, saindo de R\$ 243,2 milhões em 2020 para os atuais R\$ 9,4 milhões.

O projeto Alunos Conectados, segundo o relatório, não cumpriu a meta de atender mais de 424 mil estudantes por meio da oferta de chips para viabilizar o acesso remoto às aulas. “Atualmente, 788.109 alunos não têm acesso às aulas remotas de maneira integral durante a pandemia”, diz o relatório

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Caso do médium vidente, o consulente crente e a viúva ardente

Não sei o porquê, jamais saberei e fico absolutamente bestificado: o artigo 283 do Código Penal, que trata do charlatanismo, não pega nos pastores “de resultado”, os que simulam falar diretamente com Deus e se aproveitam da credulidade do populacho. É crime contra a incolumidade pública, mas a bronca só alveja o Pai de Santo ou o médium vidente sem procedência no divino oficial e aceito. Os meus seis assíduos leitores entendem que eu sei o motivo dessa diferenciação no tratamento dos mesmos crimes. O distinto senhor já ouviu falar em racismo estrutural. Verbete no meu dicionário de colete: “Racismo estrutural é a formalização de um conjunto de práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais dentro de uma sociedade que frequentemente coloca um grupo social ou étnico em uma posição melhor para ter sucesso e ao mesmo tempo prejudica outros grupos de modo consistente e constante.” Eu sei, mas digo que não sei e me reservo o direito de permanecer calado enquanto lembro um velho episódio ocorrido nos idos de 1970, na velha cidade Itabaiana do Norte, antiga aldeia dos índios Cariris.

Antes, tento explicar a uniformidade dos sons no título desta crônica. É que eu sou viciado em compor folhetos da literatura de cordel e acabei dependente das rimas. Voltando ao caso, deu-se em 1972, na minha cidade Itabaiana, como

já foi anunciado. Estava a cidadezinha posta na sua natural serenidade e placidez interiorana quando apresentou-se ao porteiro e dono do único hotelzinho um senhor de paletó preto, pasta 007, chapéu de massa e portando um maço de “reclames” onde se informava que o supracitado fulano exercia a espectral função de médium vidente, escrevente, auditivo e sensitivo, com capacidade comprovada de entrar em contato com espíritos e entidades, estando à disposição da “grata e gentil” população do lugar para viajar no plano espiritual das pessoas, garantindo perceber, discernir ou pressentir o passado, o presente e o futuro dos consulentes, mediante parco emolumento destinado às necessidades básicas do sensitivo que se intitulava “professor Kardec da Silva”.

Na hora morta da noite, o médium recebeu a visita de distinto senhor, comerciante do ramo de amendoim e algodão em grosso, interessado em saber do oráculo se a safra de algodão seria alentadora, aproveitando para consultar os prognósticos do amor. O homem, casado e membro da Igreja Batista, andava arrastando as asas pecantes para uma recente viúva. Aproveitou para saber se a fulana aceitaria sua corte. “Em matéria de amor, o Espírito anuncia que você vai no bom caminho”, assegurou o professor Kardec da Silva.

Confiante, o crente meteu os peitos nos negócios de

compra e venda de algodão e no galanteio. Teve sérios prejuízos como atravessador e acabou recebendo da viúva uma carta onde ela sentia informar, entretanto, se ele fosse o único homem sobre a terra, preferia morrer sem voltar a abrir sua dobradiça de viúva efervescente. O frustrado consultador da mediunidade registrou boletim de ocorrência na delegacia. O delegado, um sargento muito chegado à ignorância juramentada, mandou prender o médium vidente por prática de curandeirismo, rituais satânicos e exploração da credulidade pública. Na qualidade de rábula, meu pai impetrou habeas corpus em favor do encadeado médium, sob o argumento de que as experiências mediúnicas do seu cliente eram apenas isso, experiências, e que ele não garantia os resultados. Podia dar certo, podia dar errado, que isso de se interrogar os espíritos era uma coisa muito nebulosa.

O médium acabou sendo posto em liberdade, o senhor do amendoim foi afastado da igreja Batista por ter procurado “trabalhos espirituais malignos”, a viúva mandou fazer um despacho com Luiz do Ponto, filho de Oxossi, amaldiçoando o sedutor que ela detestava, e meu pai escreveu um livro chamado “Memórias de um rábula”, onde ele conta esse e outros episódios que vivenciou, defendendo os injustiçados na comarca de Itabaiana por mais de quarenta anos.



Bingo está sendo instalado na Serra da Catarina, zona rural do município de Aguiar, no Sertão paraibano; local foi escolhido pela ausência de sinais como ondas de rádio, celular e wi-fi, que podem "confundir" o equipamento

Projeto Bingo coloca a Paraíba na rota mundial da astronomia

Radiotelescópio que ficará instalado no município de Aguiar é único no Brasil e vai receber investimento de R\$ 20 milhões

Renato Félix
Especial para A União

Quando se fala em telescópio, o senso comum logo imagina um pesquisador olhando para as estrelas através de um instrumento enorme com lentes. Mas existem os radiotelescópios, através dos quais também se pesquisa o espaço, mas de outra maneira: captando ondas de rádio e as "traduzindo" em imagens. Esta semana foram apresentados detalhes sobre a instalação de um radiotelescópio no município de Aguiar, no Sertão paraibano: o Bingo.

"O ponto principal é que a diferença de um radiotelescópio para um rádio de pilha, um rádio amador, um telefone celular é a sensibilidade", explica

o astrofísico Carlos Wuensche, pesquisador da Divisão de Astrofísica do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). "São essencialmente a mesma coisa, mas os radiotelescópios são mais sensíveis: muitos trilhões de vezes mais sensíveis. Eles pegam um sinal no espaço, e o que a gente tem que fazer é decodificar esse sinal aqui na Terra".

Único no Brasil, o radiotelescópio Bingo será fruto de um investimento de R\$ 20 milhões, oriundo do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e também do Governo do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FapesqPB). Aguiar foi esco-

lhida através de uma intensa pesquisa que varreu o território brasileiro do sul para o norte, desde o norte do Uruguai. Mas o que Aguiar tem de especial para ser escolhida?

"É o que não tem", conta o astrofísico. "Não tem poluição de ondas de rádio, celular, links de rádio, gente em volta que usa wi-fi". Ele conta que, quanto mais distante da civilização, menos problemas desse tipo vão aparecer; já que o Bingo tem a ambição de captar ondas de rádio muito remotas no espaço. "A gente andou uns 3 mil quilômetros em linha reta até chegar em Aguiar", diz.

O local escolhido, então, foi a Serra da Catarina, na zona rural do município. "Quando a gente foi à Paraíba,

um dos professores da Universidade Federal de Campina Grande fez um levantamento das áreas e da posição das repetidoras de telefonia celular", conta Wuensche. "Então sabíamos os lugares que não eram contemplados pelas antenas". Quando chegaram à serra, os pesquisadores se surpreenderam com a ausência de sinal: acharam até que seus instrumentos podiam ter quebrado. "A antena mais próxima fica a uns 20 quilômetros, e não fica na linha de visada", conta. "Foi um susto, no bom sentido".

A antena parabólica de espelhos do Bingo, do tamanho de um campo de futebol, não vai se mover: estará apontada para um ponto fixo no céu. O que vai se mover é

o próprio céu. "O céu gira. E ele basicamente deixa o céu passar na frente", explica o astrofísico. "O Bingo vai poder observar 1/8 de toda esfera celeste em 24 horas".

Outro elemento da instalação são as cornetas. O objeto, de 4,30 metros de comprimento por 1,90 metro de boca, recebe esse nome por causa de sua forma, que lembra o instrumento musical. "Serão 28 cornetas, que vão ficar numa espécie de engradado de cervejas", diz. Em Campina Grande, há um protótipo já instalado, na UFCG. A montagem do receptor e dos testes é toda do Inpe, mas a ideia é que, no futuro, a universidade seja capaz de fazer ela mesma a manutenção do equipamento.

O acesso ao vale cerca do pela serra, onde vai funcionar o radiotelescópio, não é fácil. Há um caminho, por causa de um açude próximo, mas uma estrada precisará ser aberta para permitir o acesso dos caminhões com os equipamentos. "A ideia é que a própria serra seja uma proteção e evite os sinais de rádio", afirma o astrofísico.

O Bingo vai fazer parte de um grupo de equipamentos de pesquisa do espaço que é visualmente impactante. Alguns exemplos se tornaram ícones culturais, fazendo parte da história da astronomia e aparecendo até no cinema. "Alguns são até pontos de visita", conta ele. Conheça aqui alguns deles.

+ Arecibo, em Porto Rico, foi instalado na cratera de um vulcão extinto

O radiotelescópio localizado na cratera de um vulcão extinto em Porto Rico foi até 2016 o maior do mundo, com sua antena parabólica medindo 305 metros de diâmetro (foi superado por uma estrutura chinesa, com cerca de 500 metros de diâmetro). Estudava a ionosfera, galáxias, a astronomia dos pulsares. Através dele, descobrimos os primeiros planetas orbitando estrelas que não o Sol.

E até procurava sinais de vida extraterrestres. Em 1974, foi de lá que foi enviada uma mensagem a possíveis civilizações alienígenas com informações sobre o nosso planeta. Uma "mensagem na garrafa" espacial.

Inaugurado em 1963, deixou de funcionar em 2020, quando sua estrutura passou a ter problemas cujo conserto seria muito perigoso. "Ele colapsou. Mas fez boa ciência

até ser desativado", diz. Em dezembro, ele simplesmente desabou sobre a própria estrutura. "Ele era sustentado por cabos de aço que acabaram se rompendo". Uma morte dramática.

O observatório foi cenário de filmes mais de uma vez. Foi o clímax da ação no filme "007 contra GoldenEye" (1995) e foi de lá que a personagem Jodie Foster busca vida alienígena na ficção científica "Contato" (1997).



Foto: Divulgação

Até 2016, o Arecibo era o maior radiotelescópio do mundo e até já procurou extraterrestres

Parkes integrou o projeto Apolo

Foto: Divulgação

Na Austrália, o radiotelescópio Csiro Parkes possui 64 metros de diâmetro e foi concluído em 1961. "Ele foi estratégico para o programa Apollo", conta o astrofísico Carlos Wuensche, referindo-se ao programa espacial americano cujo objetivo era levar astronautas à Lua. O radiotelescópio foi fundamental para, inclusive, receber o sinal da transmissão de TV desde a Lua, quando a Apollo 11 chegou lá, e transmiti-lo para todo o mundo. A história do observatório com a missão Apollo rendeu um filme: "A Antena" (2000), produção australiana. O título original é "The Dish" ("o prato"), como este radiotelescópio é conhecido por lá.



Radiotelescópio australiano inspirou o filme "A Antena"

"Plantação de antenas" no Chile

Localizado no deserto do Atacama, no Chile. Aqui, o diferencial não é o tamanho, mas a quantidade. "Parece uma plantação de antenas", diz. "São 66 antenas descobrindo formações planetárias fora do sistema solar. Detectaram um aminoácido no espaço".

Alma é a sigla para Atacama Large Millimeter/submillimeter Array, capaz de captar

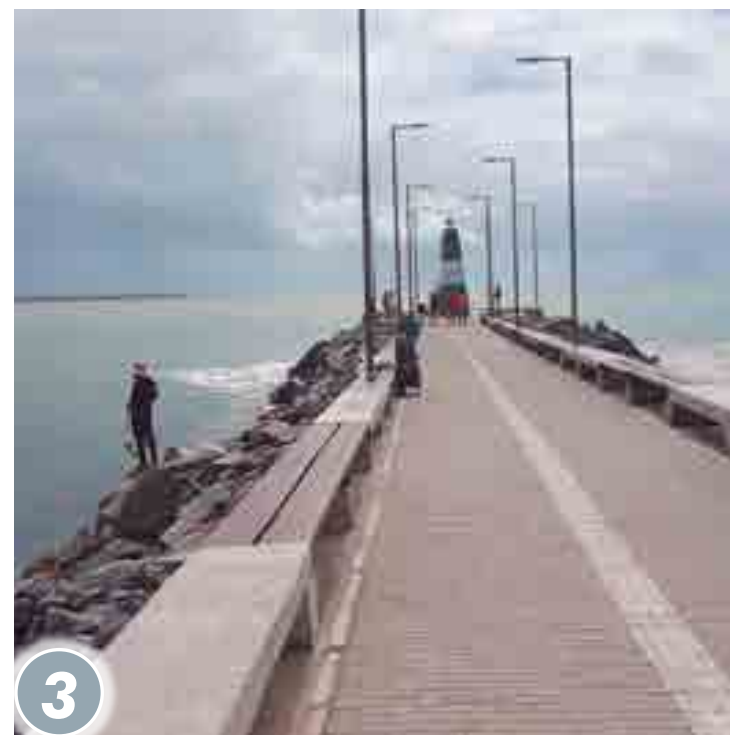
radiação milimétrica ou submilimétrica. O local escolhido é uma das regiões mais secas

da Terra e se tornou até um ponto do turístico: visitas podem ser agendadas.

Foto: Divulgação



Equipamentos que formam o projeto Alma são uma atração turística



1 Eliane Andrade Neves Baptista, Thereza Carmem Madruga, Igoberg Bernardo, Raissa Aranha, Odésio Medeiros, Ângela Paulo Neto, Morjana Gonçalves, Maurício Thimótheo de Souza, Martsung Alencar, Valéria Albuquerque, Cláudia Lisboa, Aleuda Moura, Roberto Gomes Palmeira, Vilma Giuseppe e Aldo Schueler são os aniversariantes da semana.

2 A Academia Paraibana de Letras, entidade cultural presidida pela escritora Ângela Bezerra de Castro, já está com três intelectuais inscritos para concorrer a uma vaga na cadeira de número 26, anteriormente ocupada pelo saudoso escritor Juarez Farias. São eles: Andrea Nunes, Cleanto Gomes e Helder Moura (foto).



3 O Dique de Cabedelo, local que já é um ponto turístico de Cabedelo, exhibe em seu encontro com o mar, um imponente farol. A foto do promotor de justiça, Valério Bronzeado, revela, com maestria, mais uma beleza de nossa cidade portuária.

4 A querida Nice Guedes, na foto com as amigas Moema Reis, Marilene Macena, Jamira Guedes e Ivonete Dias, teve seu aniversário festejado durante almoço no restaurante Tasquinha do Tio. O evento contou com a participação de inúmeras amigas, além, é claro, de parte da mídia paraibana representada por esta colunista e pelos colegas Abelardo Jurema e Hélia Botelho.



5 Essa sexta-feira, 9, marcou a data natalícia de Francelino Segundo, funcionário da Dataprev. Mesmo trabalhando em home office, recebeu os cumprimentos da esposa Cláudia Rossana, dos irmãos Aleks, Óliver, Omar, Erick e dos pais professores Francelino e Magna Celi.

6 O casal Francisco Leite e Roselma Virgulino festejou aniversário de casamento com encantadora viagem a Campos do Jordão, interior de São Paulo e, de quebra, experimentou o frio de umas das regiões mais belas do Brasil.

7 Na inauguração do Centro de Atendimento ao Turista (CAT), localizado no Bosque dos Sonhos, registrei a presença de três descendentes do escritor e empreendedor Paulo Miranda: seu neto Roberto Júnior e os bisnetos Thiago e Deborah Campos. Na solenidade, registrei, ainda, o ato solene presidido pelo prefeito Cicero Lucena.



8 O Shopping Riomar, empreendimento localizado em Recife, a nossa Veneza brasileira, promove, de 26 de agosto a 26 de setembro, a Mostra RiomarCasa. O evento, organizado pela jornalista Carlota Guerra (foto), deve receber significativo público nos trinta dias da Mostra.

9 A pintora plástica paulistana Marcella Bisetto está na terrinha. Ela, que é hóspede da família do jurista Odilon Fernandes, está expondo, virtualmente, no Centro Cultural Ariano Suassuna, espaço de cultura dirigido pelo bacharel Flávio Satiro Filho, localizado no Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba. Na foto, o Dr. Odilon recebeu a visita de solidariedade da pintora e advogada Marcella Bisetto e da jurista Alice Carfinali.

IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil



10 O presidente da Fecomércio Paraíba, o executivo Marconi Medeiros, foi entrevistado pelo jornalista abrajetiano Gerardo Rabello, em Muito Mais, programa exibido pela TV Manaira/Band. Na ocasião, o economista se mostrou entusiasmado com o crescimento de muitos setores da economia de nosso Estado.

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
DOUTOR HERNIA
+55 3204-0423
+55 98708-8189



Fotos: Walter Ulysses

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Quilômetro 346, rodovia BR-230, município de Patos, entre a zona urbana e o distrito de Santa Gertrudes. Frágeis muros de tijolos aparentes e um acesso frontal por um pequeno portão de ferro, sobrevivem ao tempo e guardam histórias e túmulos de um passado chocante. A história da peste de varíola que assombrou o sertão e quase extinguiu a família Vieira, a quem pertenciam os jazigos ali guardados.

Manoel Vieira Arcoverde, o “Senhorzinho”, conhece a história do local que manteve conservado por mais de 30 anos. “Para se ter uma ideia do tanto que a doença era contagiosa, quando eu tinha 8 anos a minha mãe, Joaquina Vieira, inventou de fazer uma visita à casa de um casal que havia falecido de bexiga e, mesmo vacinada, ela contraiu uma coceira no contato com uma mão de pilão e um molambo”, frisou ele.

Alguns dos familiares de Manoel Vieira, ele recorda, foram acometidos pelo vírus. “Eu lembro, que quando o meu bisavô, André, foi vacinado, já sentia sintomas da doença, a doença se agravou e ele faleceu. Perdi ainda para a bexiga, a minha tia, Damásia, com 18 anos na época e o meu primo Alcides, que tinha apenas 5 anos”, lamentou Senhorzinho.

Em Patos, no Sertão da Paraíba, registros de 1905 confirmam que 360 pessoas foram vítimas da peste de varíola, também conhecida, naquele tempo, pelo nome de “bexiga”, em razão das bolhas (pústulas) que se formavam no corpo dos doentes.

Semelhante à covid-19, a varíola, também se caracterizava por quadros clínicos severos e contágio através das secreções das vias respiratórias, além de lesões na pele. Por ser altamente contagiosa recomendava-se, à época, que as roupas das vítimas fossem queimadas e as habitações desinfetadas com queima de enxofre, água com cinza e posterior caiação das paredes. Falava-se, ainda, que os corpos das vítimas tinham o poder de propagar a doença por mais de um século e contaminar quem deles se aproximasse.

O medo da contaminação impedia que os corpos das vítimas fossem sepultados em cemitérios públicos, razão pela qual foram improvisadas sepulturas na zona rural, que ficaram conhecidos como “cemitérios de bexiguentos”, por servirem de local de descanso aos corpos das vítimas da doença.

“Muitas das vítimas eram enterradas no mato, sem direito a velório, já que as pessoas temiam contrair o vírus que havia chegado ao Brasil por meio do tráfico de escravos vindos da África e, no interior da Paraíba, através de tropeiros no transporte de mercadorias em lombos de burros”, explicou o historiador e jornalista Damião Lucena.

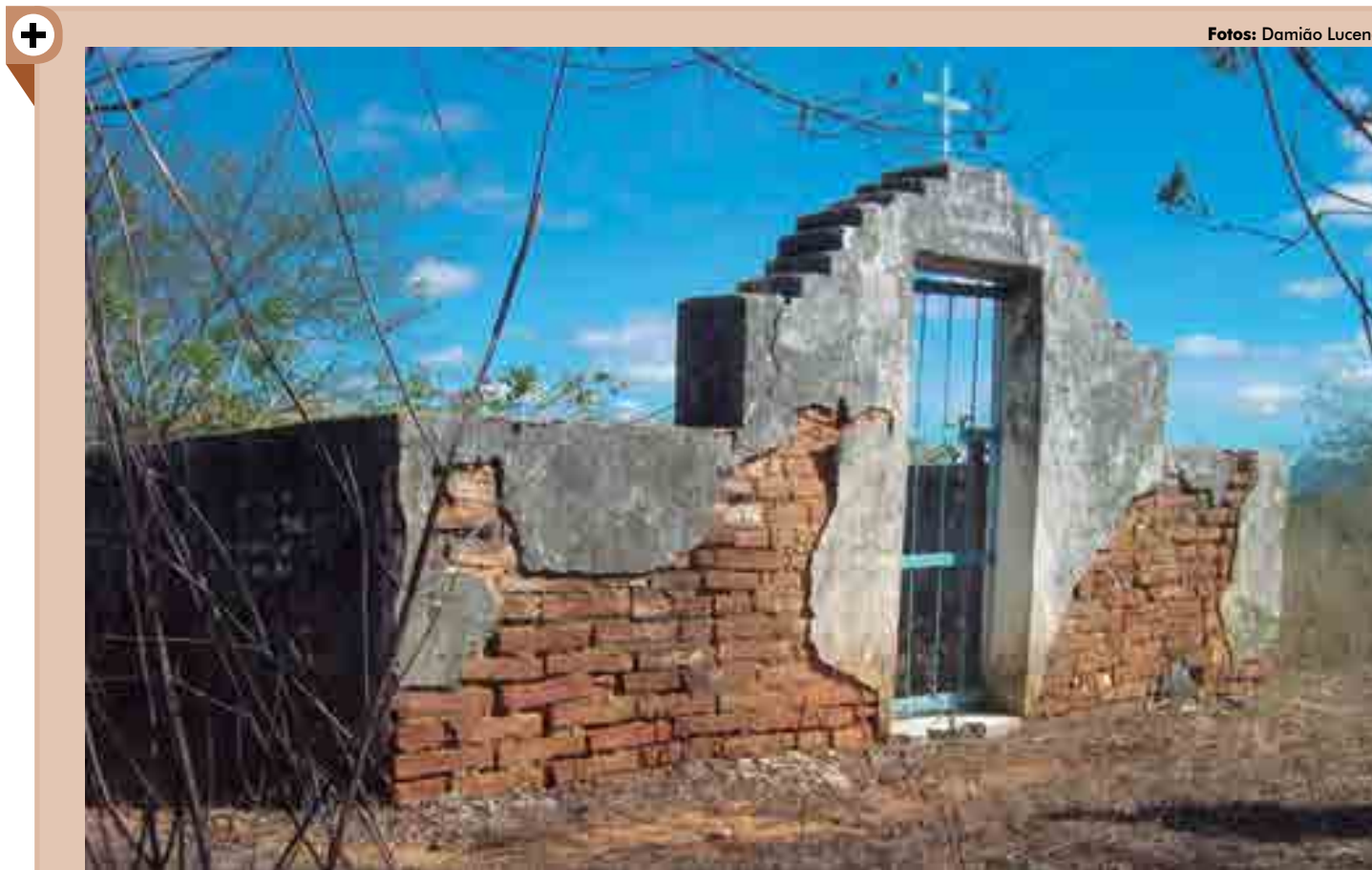
Senhorzinho (ao lado) cuidou dos jazigos até ficar impossibilitado pela cegueira



Foto: Damião Lucena

Cemitério para largar bexiguentos

Erradicada em 1980, a varíola deixou marcas na memória das pessoas e de quem passa pela cidade de Patos, sem saber a história das 360 vítimas



Fotos: Damião Lucena



FAMÍLIA VIEIRA

■ Cemitério às marges da rodovia abriga os túmulos de uma família que foi quase dizimada por conta da pandemia que desfigurou, matou e muito abalou as cidades brasileiras no final do século XIX e começo do século XX



A DOENÇA E O MEDO

■ Com alto índice de infecção, a população tinha medo da contaminação e os corpos das vítimas não eram sepultados em cemitérios públicos; as famílias com recursos, construíam seus jazigos na zona rural das cidades

PANDEMIA NOVA, VELHOS HÁBITOS

■ A pandemia do coronavírus mudou sobremaneira a vida de todos no mundo. Quase a integralidade das pessoas se viu obrigada a alterar hábitos, formas de pensar e agir, a fim de evitar a contaminação pela temida e pouco conhecida doença.

Não há dúvida de que a atual pandemia deixará vestígios materiais e imateriais sobre a sua ocorrência na história de nosso povo. Além do negacionismo, isolamento, medidas de higiene e proteção contra infecção como - uso de máscara, higienização das mãos e desinfecção de objetos contaminados, que possivelmente poderão atravessar as décadas, alas específicas em hospitais e caixões lacrados, traz lembranças, em similitude, da grave e mortífera epidemia de varíola que atingiu grande parte do país, fazendo milhares de vítimas nas duas últimas décadas do século XIX.

Sob a ótica patrimonial, o cemitério situado nas proximidades de Santa Gertrudes constituem lugares de memória ainda pouco conhecidos e explorados, segundo o historiador e professor, Deusymar Dias. Conforme ele, os cemitérios congregam aspectos materiais relacionados à morte e imateriais, ligados à exclusão, à doença e à fatalidade, além de valores de antiguidade do final do século XIX e começo do século XX. “Esses cemitérios são campos santos simples, desprovidos de aspectos monumentais tais como a arte tumular, tão própria das necrópoles da elite social. Neles não há estátuas de bronze, lápides de mármore, nem tampouco epitáfios. É exatamente essa singeleza, decorrente da abrupta morte e das particularidades relacionadas à exclusão decorrente da isoladora doença que vitimou os corpos ali sepultados, em um tempo de muitas crenças e precários conhecimentos sobre saúde, que os tornam especialmente relevantes. Enfim, os velhos “cemitérios de bexiguentos” merecem maior atenção e reflexões enquanto bens potencialmente carregados de valores passíveis de identificação, estudo e proteção pelo poder público e pela sociedade”, enfatizou Deusymar Dias. De todas as doenças infecciosas que causaram pandemias, apenas a varíola foi erradicada, em 1980. As demais foram controladas por meio da imunização de rebanho, de medidas de prevenção, ou simplesmente se tornaram menos letais após mutações no vírus causador.

Synésio Guimarães

Diretor d'A União durante a Revolução de 30

Lucilene Meireles
lucilene.meireles@epc.pb.gov.br

“Eu lembro dele. Tinha o rosto redondo, uma papada grande. Gostava muito de usar linho irlandês. Uma de suas características é que ele não era de escrever muito, gostava de botar os outros para escrever. Em A União, fortaleceu muito a revisão, mas não era de escrever, a não ser que escrevesse os editoriais, que não são assinados”. A descrição feita pelo historiador José Octávio de Arruda Melo é do jornalista, poeta, educador, juiz do Tribunal de Justiça da Paraíba, advogado militante, diretor do jornal A União, catedrático do Colégio Estadual, o Liceu Paraibano, Synésio Guimarães.

Natural do município de Bananeiras, no Brejo paraibano, Synésio Pessoa Guimarães nasceu em 8 de outubro de 1897. Filho de Alfrêdo Apolônio Pessoa Guimarães e Benedita Laudelina Pessoa Guimarães, casou-se com Corina Pessoa da Silveira Guimarães. Formou-se pela Faculdade de Direito de Recife, na turma de 1927. Foi diretor da revista ‘Era Nova’, de 1921 a 1923; do jornal ‘O Liberal’, em 1930. Em 1947, foi diretor do Departamento de Educação, conforme o Dicionário Biobibliográfico Paraibano, de José Leal.

Dirigiu, simultaneamente, a Rádio Tabajara e o jornal A União nos anos 1946 e 1947. Antes disso, em 1931, foi nomeado para o cargo de procurador da República substituto. “Tem a Rua Sinésio Guimarães, uma rua importante no bairro da Torre”, lembrou o jornalista Gonzaga Rodrigues que, apesar de grande conhecedor da história do jornalismo paraibano, não teve aproximação com o personagem.

“Synésio Guimarães foi um intelectual. A família Guimarães é da cidade e, na passagem do século XIX para o século XX, Bananeiras se tornou uma das cidades mais

importantes da Paraíba. Além de sobrados e escolas, chegou a ter jornais e Synésio Guimarães praticou um desses jornais. Essa elite bananeirense, inclusive Solon de Lucena, Severino Lucena, Walfredo Guedes Pereira, transportou-se para cá, e Synésio veio nesse esquema”, contou o historiador José Octávio de Arruda Melo.

Na capital, Synésio desenvolveu mais ainda sua atuação como jornalista, e era diretor de A União quando estourou a Revolução de 1930. Foi ele quem alertou Álvaro de Carvalho, então governador, substituído de João Pessoa, para o movimento. Synésio era da confiança de Carvalho.

“Foi ele quem alertou Álvaro de Carvalho, então governador, substituído de João Pessoa (...) ‘de madrugada, foi acordado por um telefonema de Synésio Guimarães, informando que tinha estourado o movimento revolucionário que iria depô-lo’”

“Os dois foram juntos até a cidade de Mamanguape visitar a Escola de Pindobal na véspera da deposição dele. Álvaro de Carvalho, que era um homem de hábitos moderados, foi dormir relativamente cedo e, de madrugada, foi acordado por um telefonema de Synésio Guimarães, informando que tinha estourado o movimento revolucionário que iria depô-lo”, lembrou o historiador.

Synésio morava entre a Rua Almirante Barroso e a Avenida Tabajara, e tornou-se um excelente professor do Liceu, de acordo com José Octávio de Arruda Melo. “No meu último livro a respeito da Rádio Arapuan, na parte de Otinaldo Lourenço, eu falo que

Otinaldo, meu irmão recentemente falecido, tornou-se jornalista logo cedo porque foi aluno de Synésio, que era um professor muito antenado, moderno. Ele focalizava as questões mais importantes do professor que eram ler e escrever. Na época, eu também estudava no Liceu, mas Synésio não foi meu professor”, ressaltou.

Segundo o historiador, Synésio tinha uma rotina de trabalho cansativa. “De noite, ele cochilava porque dava aula pela manhã, e A União, naquele tempo, ia até de madrugada, mas era um professor muito moderno porque vocacionava o ensino para as questões básicas da língua, ler e escrever. Botava os alunos para escrever e para ler. Não foi meu professor, porque ele ensinava as classes mais adiantadas, mas me lembro dele lá no Liceu. Depois, o Liceu começou a crescer, e ele se aposentou”, recordou.

José Octávio afirmou que, apesar de ser jornalista, Synésio Guimarães se dedicou mais à revisão de textos. “Nunca vi trabalho dele n’A União. Pesquisei muito, mas não encontrei. É porque, como diretor, ele se preocupava muito com o estilo e, sobretudo, com a feição gramatical dos outros, das pessoas que escreviam para A União”, explicou.

Essas histórias estão imortalizadas no livro ‘Arapuan e o Rádio Paraibano – uma biografia dual’, que traz a biografia de Orlando Vasconcelos, então diretor da rádio, e de Otinaldo Lourenço, que desenvolveu as técnicas de Orlando, como diretor artístico, e, depois, como diretor geral.

“Eu falo de Synésio, lembrando que Otinaldo, desde cedo, vocacionou-se para o hábito de escrever com desembaraço, e tornou-se radialista, por causa de Synésio. Lembro que Otinaldo tinha um caderno da capa verde com uns contos que ele escrevia, e era Synésio quem estimulava”, acrescentou o historiador.

Foto: Ortilo Antonio



Além de jornalista e diretor de jornal, Synésio Guimarães foi também professor do Liceu Paraibano e influenciou outros jornalistas para a profissão, a exemplo de Otinaldo Lourenço

Cineasta paraibano Linduarte Noronha fala do seu professor

Na plaqueta ‘Linduarte e o rádio paraibano’, publicada pela Editora A União, o cineasta paraibano Linduarte Noronha fez um relato sobre a experiência que viveu com Synésio Guimarães. “Eu era aluno de Português, ali no colégio estadual do velho Liceu (Paraibano), que eu tenho uma verdadeira paixão por aquilo ali, pela

figura boníssima, uma das melhores figuras que eu já conheci em minha vida (...). Agora, eu quase que não fazia a prova. Fiquei assim estático. Eu digo: ‘Orlando?’ Ele: ‘É, pode procurar, procure Orlando porque eu já falei com ele!’”, relatou.

Na época, Synésio acumulava a direção do Rádio Tabajara e A União. “Porque, na época as duas eram uma direção só. E, para não fazer conversa comprida, me apresentei lá ao Orlando e o Orlando pegou e me botou nos estúdios da rádio, com uns textos de publicidade, e me pediu para... foi um teste direto. Direto! Ai, fui ficando, ficando, ficando... Olha, isso foi em 1947”, disse, à época, Linduarte Noronha. Synésio Guimarães faleceu prematuramente, aos 55 anos, no Rio de Janeiro, em 17 de fevereiro de 1952.

“E durante a famosa prova parcial – porque aquilo era prussiano, a começar do

Ele relata que Synésio incentivou sua ida para o rádio, mas de uma forma que provocou medo ao jovem estudante

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Etarismo: o que nós, jornalistas, temos a ver com isso?

Etarismo (ou ageísmo) é o preconceito, a intolerância ou a discriminação contra pessoas com idade avançada. Apesar de o termo ser conhecido nos Estados Unidos desde a década de 1960, recentemente é que começou a ser utilizado no Brasil de forma mais frequente. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estabelece a idade de 65 anos para que um indivíduo seja considerado idoso em países desenvolvidos. Já no caso do Brasil (país em desenvolvimento), a idade cai para 60 anos.

Quando atuava em redação – e olha que não faz muito tempo que saí –, a expressão etarismo/ageísmo ainda não fazia parte do meu repertório. Mas me lembro de que, não raro, surgia a discussão sobre qual seria o termo mais adequado para se referir a uma pessoa que passou dos 60 anos de idade, afinal há quem não goste de ser chamado de velho ou mesmo de idoso. Outros odeiam os termos “terceira idade” e “melhor idade”.

Sobre esse debate, o “Guia para jornalistas na cobertura do envelhecimento” traz uma informação interessante logo em sua introdução: “Envelhecer é algo inédito e extremamente recente no Brasil. Basta dar uma olhadinha nos números: se na década de 1960 o brasileiro vivia uma média

de 54 anos, hoje chegamos sem grandes sustos aos 76 – um salto de 22 anos, em tempo recorde”.

Sim, estamos vivendo mais e precisamos estar preparados para isso. Não apenas em relação a políticas públicas, mas também na forma como as pessoas idosas são tratadas pela sociedade e retratadas na mídia. A publicação citada anteriormente (produzida pela Dinamo Editora há alguns anos com apoio da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia), afirma – e eu concordo – que é papel do jornalismo abordar o novo contexto da longevidade, ressignificando a velhice e estimulando o debate sobre o tema.

Assim, precisamos ficar atentos aos nossos próprios preconceitos, para termos uma visão macro na cobertura do envelhecimento. A primeira questão a ser compreendida, orienta o guia da Editora Dinamo, é que não há um modelo único de velhice, pois as velhices são múltiplas. “A tendência da cobertura jornalística é cair nos perfis extremos – o idoso superfragilizado e o idoso superatleta. O problema de modelos extremistas como esses é ignorar um número imenso de idosos no perfil do meio – que são a maioria da população acima dos 60 anos”.



O “Guia para jornalistas na cobertura do envelhecimento” também joga algumas verdades em nossa cara. Em geral, a mídia opta pelo viés da pessoa idosa como um preconceito, principalmente em relação à seguridade social (saúde, previdência e assistência social). O foco, por exemplo, é sempre no “prejuízo” que os idosos darão à previdência social, ignorando que, se o Brasil chegou ao gargalo em que está hoje, foi porque diferentes governos não priorizaram o planejamento econômico para a inversão populacional: “mas pessoas chegando à aposentadoria e menos jovens no mercado de

trabalho para manter o sistema”.

Outro importante contribuição do guia são “Os 10 mandamentos da cobertura do envelhecimento”, que trago aqui de forma resumida: 1. Não usará o diminutivo; 2. Esqueça qualquer analogia com o universos infantil; 3. Não divulgará estudos milagrosos; 4. Não dirás “melhor idade” ou “idade de ouro”; 5. Não associará velhice com decrepitude ou degradação; 6. Deixará no passado termos como “asilos” e “doenças da idade”; 7. Lembra-te de que idosos também são fonte; 8. Lembra-te sempre de que uma pessoa não muda sua personalidade só porque envelheceu; 9. Não associes velhice à morte; 10. Coloca-te no lugar do idoso ao escrever sobre ele.

A pauta sobre etarismo/ageísmo está fresquinha e precisa ser abordada em nossas matérias. A OMS, inclusive, decidiu incluir o termo “velhice” como doença. A informação está na nova edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 11), que deve entrar em vigor a partir de 2022, caso a decisão não seja revista. O tema, claro, está rendendo muita polêmica. Que tal você fazer uma matéria sobre isso?

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Os discófilos

Na memória dos amantes da música, especificamente das gravações em long-plays (LPs – 33^{1/2}rpm) e em CDs, os chamados discófilos, permanecem indelévels, portanto inapagáveis, as figuras de alguns daqueles que nos ajudavam a alimentar o nosso gosto pelo som advindo das antigas radiolas e dos ainda em voga receivers, que suavizavam os nossos embalos tanto dos sábados à noite, como das brechas advindas da nossa labuta diária. Estou lhes falando dos lojistas, vendedores, divulgadores, programadores (hoje DJs) que faziam a nossa festa.

Mesmo distantes dos centros produtores – as grandes gravadoras –, vivíamos em busca de conhecer os lançamentos da época, o que nos era facilitado pela leitura das revistas Radiolândia, Revista do Disco, Som Três e Rolling Stones, entre outros. Aqui, em nossa Capital, até mesmo o jornal O Norte, nas edições das quartas-feiras (se a memória não me falha), mantinha-nos informados das notícias e com os abalizados comentários do expert no assunto Francisco Ramalho. Aliás, este era um aficionado pelo assunto e mantinha, na Rádio Tabajara – localizada ainda nos antigos estúdios na confluência das ruas Rodrigues de Aquino (conhecida como Rua das Palmeiras) e a Almeida Barreto –, um programa dominical, das 8 às 9h, nos moldes do que fazia Flávio Cavalcanti na TV Tupi. Ramalho ocupava-se de divulgação, apreciação, aprovação ou reprovação

dos lançamentos nacionais, em músicas e LPs, que chegavam, em primeira mão, para a “emissora oficial do Estado”, por meio dos incansáveis divulgadores das gravadoras da época: EMI/Odeon, Warner Bros, Parlophone, CBS, Entré/CBS, Polygram, Phonogram, Philips, Ariola, RGE/Fermata, Todamérica, Chantecler, Continental, Sinter, Premier, Mocambo (Rozenblit), Som Livre, Revivendo e outras menos votadas...

Dentre os divulgadores, quem era aficionado jamais irá esquecer-se de Beneval Andrade que, como discotecário da Rádio Tabajara, passou a usar o “nome artístico” de Benny Andersson (dizia ele que numa homenagem a um dos líderes da banda sueca ABBA); José de Almeida Tourinho, o conhecido e popular Prigaio, cujo pseudônimo lhe foi colocado pelo artista paraense “carim-bozeiro” Antônio Quirino Gonçalves, o Pindaça, autor de uma composição homônima; Gil Sabino, que entrou no mundo da música pelas mãos de Beneval e, sendo Gil ainda “de menor”, auxiliava Bené, escondendo-o nas boates quando os fiscais apareciam. Eram os tempos incipientes dos DJs, nas boates do Clube, Cabo Branco e “A Cadeia”, na praia do Poço. Daf, Gil foi para as lojas “Stop – a parada do sucesso” (esquina da Rua Duque de Caxias com a Rua Miguel Couto), dos irmãos Carlos Roberto e Roberto Carlos, onde Beneval, e posteriormente Jadir, também atendiam; Cavalcanti que, de atendente nas lojas

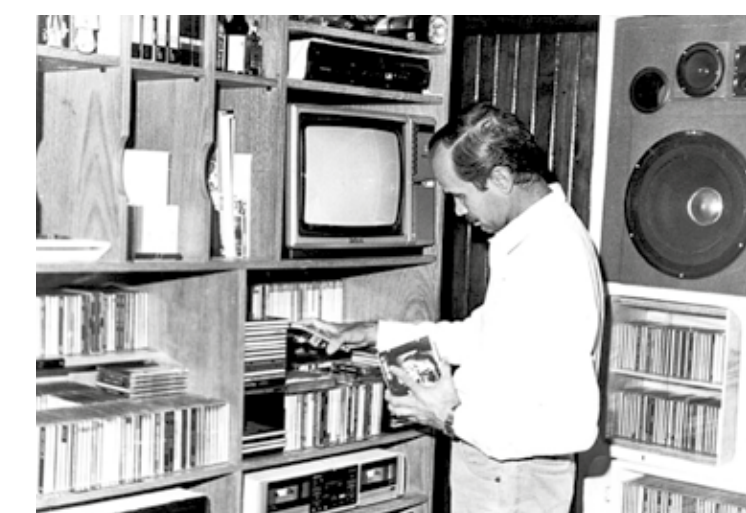
Eleetropeças, na Rua General Osório, passou à Discolândia, no térreo do Paraíba Palace Hotel, pelas mãos de Eudo, gerente (dono da loja) e, depois, gerenciou a RGE/Fermata em Recife; Nilson, cognominado de Nilson Poeta, figura maior da Aki Discos, na Rua Miguel Couto, loja filial do Recife. Ali também marcaram época os atendentes Jorge e José Ronaibe (este contrarâneo de Cajazeiras, chegou a gravar um extended-play, com nome artístico de Ronaldo José, que fez sucesso aqui, mas não se falou mais nisso); na mesma Rua Miguel Couto quem se não há de lembrar de A Caverna; na Eleetropeças, havia dois Assis, balconistas e entendidos no assunto, mas ainda havia, na Rua Duque de Caxias, as lojas Movelaria Soares e a Utillar, e, na Rua da República, a Casa Invictus, onde éramos

prestimosamente atendidos por Sílvio Burity, essas mantendo seus departamentos de vendas de discos. Por essa época, até em Cajazeiras, quando ali me encontrava, buscava o Foto Recife, de Cícero com Iralides, sempre procurando as novidades. No Recife, era outra história: havia a Mesbla, na Rua Conde da Boa Vista e a Alegro Cantante, na Rua José de Alencar, esta com a maestria de Joaquim, um pioneiro e especialista no incipiente mundo dos CDs. Dentre os consumido-

res habitués, eu, quase que semanalmente, por esses caminhos musicais, encontrava, além do que buscava, os aficionados: Sílvio Osias, Olga, Betâmio e outros mais.

Hoje, são poucas, apenas três, essas lojas, mas que ainda alimentam os nossos gostos musicais: a Oliver Discos, a Música Urbana (Roberto) e a Estilhaços... Haverá outras?

Esta crônica é dedicada aos amigos que se foram ou que “sumiram” dos nossos contatos. Lembrei-me deles, com a recente “passagem” de dois amigos: Nilson e Walter Galvão, a cuja perenidade da lembrança fui conduzido pela audição de “A Lista”, de Oswaldo Montenegro. Quanto a nós, vamos tocando em frente, sem perder o hábito, que virou vício, de manter as amizades e de ouvir as boas músicas do “nosso tempo”.



Este cronista entre discos, sons e música, paixões que jamais me abandonarão

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses
 E-mail: chefwalterulysses@hotmail.es

Coração e alma da cozinha

Em meio a tantos afazeres de rotina de uma cozinha profissional no seu dia a dia, existem pessoas que estão lá no fundão dando seu coração e sua alma pelos clientes que esperam um prato limpo, um copo, um talher e inúmeros utensílios que passam pelas mãos dos cozinheiros e chefs de um restaurante.

Em minhas consultorias sempre me reúno com o grupo antes de qualquer trabalho a ser feito para conhecer cada um dos integrantes, e parabenizar aqueles que muitas das vezes são esquecidos na lavagem da louça.

Quando falo esquecido, é com plena convicção que apenas menos de 10% deles são feitas propostas para mudar de função no ambiente de trabalho, enquanto que fora do Brasil esses profissionais são cada vez

mais aproveitados a integrar a família da cozinha, pois muitos têm a vontade e esperam por uma chance de ser chamado.

Eu posso falar isso pois eu sou cria de um tanque de lavagem de louça fora do Brasil, e hoje sei o quão importante é cada pessoa em um estabelecimento da área de gastronomia. Muitos

deles nunca receberam uma proposta ou uma oferta de um posto melhor.

Por mais que aqui tenha sido chef de cozinha de um restaurante renomado na capital, e com formação em gastronomia, o canudo não terá valor algum se você não superar as dificuldades e ser humilde perante seus



companheiros maiores. Hoje, mais que nunca, foi o maior aprendizado que passei na minha vida, foi lavando a louça em um restaurante de estrela Michelin para um dia poder ter a oportunidade de ser chamado a assumir um local à beira do fogão e mostrar o que qualquer pessoa que tem sua

profissão de cozinheiro sabe fazer.

Muito se fala da cozinha moderna, mas o básico da cozinha não muda, pois sempre será uma produção em equipe que uma pessoa vai sempre depender da outra e esse trabalho é fundamental para se manter o equilíbrio e o conforto em um ambiente de trabalho que muitas vezes passa fácil dos quarenta graus.

Para ser um chef de cozinha é preciso conhecer o coração dela, além de dar oportunidades para novos aprendizes, saber que seus segredos de cozinha nunca serão guardados, pois temos que passar o ensinamento para todos, e principalmente saber quem são as pessoas e conhecê-las realmente - cada uma delas -, e

sempre que puder dar uma oportunidade e descobrir o talento daquele que queira mostrar o que quer fazer e tem um sonho a realizar. Por trás de um tanque de lavar pratos pode estar um chef de cozinha que nunca deram oportunidade a ele. Ser chef é fácil, quero ver você fazer tudo sozinho!

PRATO DO DIA

Filé a redução de vinho tinto



Ingredientes

- 1 peça de mignon de aproximadamente 1 kg
- 4 dentes de alho
- 3 galhos de alecrim
- 500 ml de vinho tinto seco
- 200 g de manteiga sem sal em cubos de 50 g
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- 1 colher de sopa de açúcar
- 1 colher de sopa de amido de milho

MODO DE PREPARO

■ Carne

Limpe a peça de carne de filé mignon bovino, e corte do centro para as pontas para obter o melhor formato de medalhão, com pedaços de aproximadamente 04 dedos de altura. Tempere cada lado dos medalhões com sal e pimenta-do-reino a gosto. Aqueça uma panela de fundo grosso de preferência, adicione 01 cubo de 50 g de manteiga, 02 dentes de alho apenas amassado e 02 galhos de alecrim fresco, e coloque os medalhões de 3 e deixe grelhar por exatos 4 minutos de cada lado ou ao seu ponto específico, e após isso, reserve em um recipiente que possa ir ao forno. Quando estiver com os 6 no recipiente, leve ao forno pré-aquecido a 180° C por 4 minutos.

■ Molho

Na mesma panela que você grelhou os medalhões, substitua o alho e o alecrim já utilizados pela mesma quantidade usada para grelhar. Adicione o vinho tinto e deixe ferver até reduzir e pegar uma consistência de calda. Para ajudar, você pode utilizar 1 colher (chá) de amido de milho dissolvido em água morna (mas adicione apenas após perder o gosto de álcool). Acrescente 1 colher (chá) de açúcar, uma pitada de sal e observe a acidez ideal do molho. Após a consistência ideal, apague o fogo, monte seu prato de forma bem apresentável e aproveite a explosão de sabor! Sirva em seguida acompanhado com um arroz piamontese com grãos de mostarda e toque de mix de pimenta do reino colorida, assim como a fotografia.

QUENTINHAS

Barra de Camaratuba é uma praia no nosso Litoral Norte de uma beleza bem especial, de um encontro do rio com o mar. Além de ter uma gastronomia variada e com um preço bem em conta na realidade - popularmente falando, em barracas à beira-mar e a beira do rio, vale muito a pena visitar o local, e se você pretende conhecer o local vou te dar uma dica, procurem @barradecamaratuba além de passeio, com toda certeza eles terão um excelente lugar para vocês se hospedarem. Contato: 83-99691-0429

PITADAS A GOSTO

O Arroz à Piemontese é um prato típico da culinária brasileira, ele tem nada com a culinária do Piemonte, na Itália, existe feito de várias maneiras, mas sua base básica é de arroz, creme de leite e champignon, parmesão e um leve toque de vinho branco.

Com a dificuldade de encontrar e o valor de compra nos anos 90 o arroz arbório para executar o risotto, os chefs brasileiros buscaram alternativas, com o creme de leite, fazendo assim um arroz "à moda piemontesa", apenas o velho truque da cozinha brasileira. A respeito de sua origem, é um acompanhamento geralmente servido em restaurantes de cozinha italiana ou a famosa mística cozinha internacional, acompanhando geralmente um típico filé (preferencialmente filé mignon com molho madeira) juntamente com purê de batata ou batata salte.